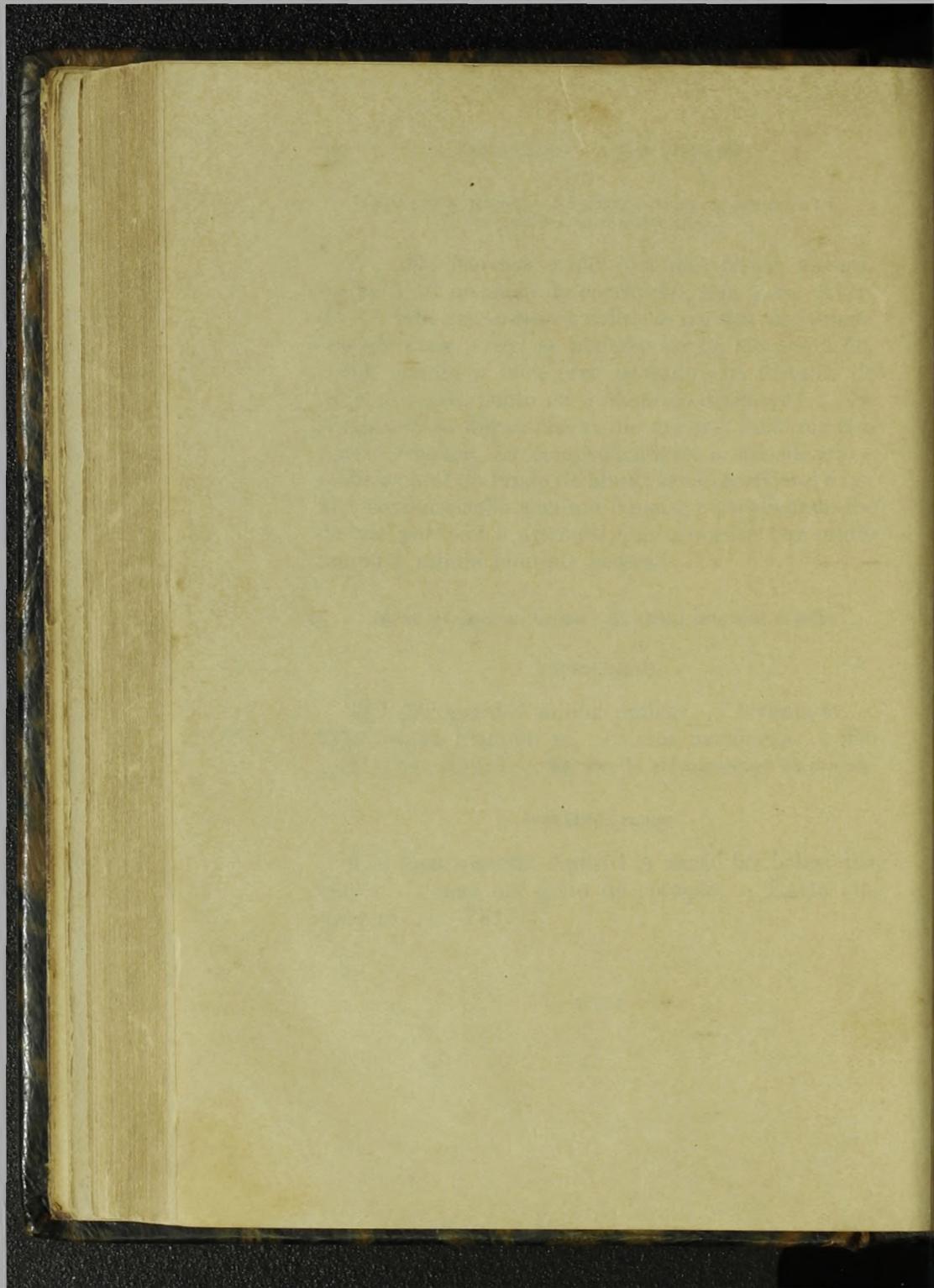


BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES MORA"
Tombo N.º 1080



AS PUPILLAS DO SR. REITOR.

Typographia — PERSEVERANÇA —, rua do Hospicio, n. 91

AS PUPILLAS

DO

SR. REITOR

COMEDIA EM 5 ACTOS E 7 QUADROS

EXTRAHIDA DO ROMANCE DO MESMO TITULO

POR

Ernesto Hiester.

RIO DE JANEIRO.

Editor, A. A. Lopes do Couto.

LIVRARIA — LUSO-BRASILEIRA — RUA DA QUITANDA N. 30.

—
1871.

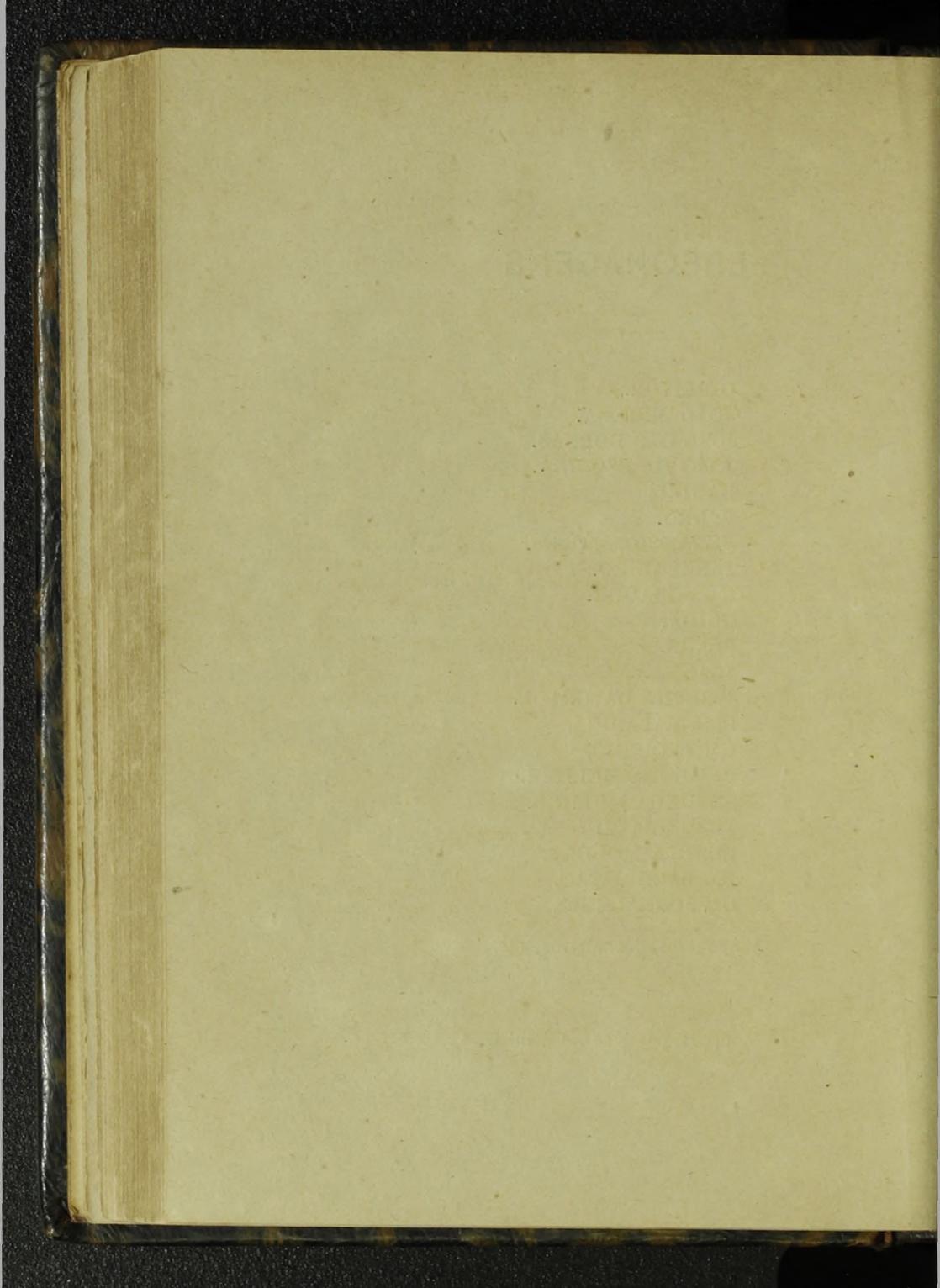
O Editor reserva para si todos os direitos que lhe são garantidos pelas leis do Paiz.

PERSONAGENS.

O REITOR.
JOÃO SEMANA.
JOSÉ DAS DORNAS.
JOÃO DA ESQUINA.
DANIEL.
PEDRO.
VENANCIO, barbeiro.
TABERNEIRO.
UM JOGADOR.
GUIDA.
CLARA.
JOANNA.
JOSEPHA DA GRAÇA.
UMA RAPARIGA.
UM PEQUENO.
PRIMEIRA MULHER.
SEGUNDA MULHER.
TERCEIRA MULHER.
QUARTA MULHER.
UM SACHRISTÃO.
UM JORNALEIRO.

Camponezes, jornaleiros, etc.

A acção passa-se no Minho.



AS PUPILLAS DO SR. REITOR.

ACTO PRIMEIRO.

Um largo. A' direita do espectador, no primeiro plano, uma taberna com uma janella que fica em frente do espectador, deixando ver o que se passa lá dentro; a porta da taberna que deita para a scena tem o seu competente ramo de oliveira; no segundo plano uma casa de um andar só; á esquerda do espectador, no primeiro plano, a tenda do Sr. João da Esquina, que faz esquina no primeiro bastidor, por cima da porta da tenda uma janella de sacada. Ao fundo o rio, que é pouco fundo e deixa ver, á flor d'agua, as marcas das pedras espalhadas pelo seu leito. Atravessa o rio, um pouco á esquerda, uma ponte de pedra de dous arcos. Para lá do rio campo.

SCENA I.

PEDRO, CLARA E LAVADEIRAS.

Ao levantar do panno, sobre as pedras do rio, desde o arco até ao bastidor, um bando de lavadeiras molha, bate, ensabõa, esfrega e torce a roupa; entre ellas está Clara. Pedro, em cima da ponte, observa-as.

PEDRO.

Clara não cantará hoje? Estou aqui ha perto de uma hora e ainda lhe não ouvi a voz!... Assim havia de ser... Ella, tão alegre sempre; chegou-lhe a tristeza no dia em que eu

vinha resolvido a declarar-lhe francamente a pureza das minhas intenções... E quasi que não tem olhado para mim ; agora, porém, olhou... e desconfio...

CLARA, cantando.

O' rio das aguas claras,
Que vaes correndo pr'ó mar,

PEDRO, durante a pausa que, segundo a musica, se faz ao fim de cada dous versos, e em que Clara torce a roupa, olhando para Pedro.

Advinharia o seu coração o meu pensamento?

CLARA, continuando.

Os tormentos que eu padeço,
Ai, não os vás declarar!

PEDRO.

Não declara, que não póde,
E não tem que declarar,
Pois quem, como tu, é bella,
Não póde ter que penar.

AS LAVADEIRAS.

Bem atirada ! Ganhou. Venha mais, mais.

CLARA.

O que eu peno ninguem sabe,
Ninguem o póde saber
Porque eu peno e não me queixo,
E em segredo sei soffrer.

UMA LAVADEIRA.

Que tal ! heim ? Vejam lá se a nossa Clarita lhe ficou
atrás. Anda-me com elle, pequena.

PEDRO.

Pois o soffrer em silencio
E' um dobrado soffrer;
Melhor é contarmos tudo
A quem nos possa entender.

UMA LAVADEIRA.

Lá com o Pedro já é sabido que se não tira a melhor.

OUTRA LAVADEIRA.

E, ferido na aza, isso então, Deus nos acuda.

CLARA.

A quem me possa entender
Tudo eu quizera contar;
Mas os amigos são raros,
Não sei onde os encontrar.

PEDRO.

Encontra-os a cada canto
Quem os quizer procurar,
É um dos mais verdadeiros
Aqui te está a escutar.

UMA LAVADEIRA.

Que tal! heim?... a bom entendedor... Anda lá, minha
Clarita, que apanhas um rapaz de truz.

CLARA, que entrouxa a roupa.

Quem te ouvisse havia de imaginar que era eu...

A LAVADEIRA.

Escusas de pôr mais na carta... Já sei o que ias
dizer. Mas toda a gente sabe isso... descansa...

CLARA.

Sabe o que?

LAVADEIRA.

Que, pela primeira, está doente de perigo o nosso Pedro...

CLARA, rindo.

De veras?...

A LAVADEIRA.

Pela lingua morre opeixe... É lição que todos apanham mais tarde ou mais cedo. *(Clara mette a trouxa debaixo do braço e encaminha-se para a scena, Pedro que tem des-cido da ponte dirige-se a ella).*

OUTRA LAVADEIRA.

Não apanhe elle lição mestra... Isto não quer dizer que a Clarita seja má rapariga... mas tem sido tão namoradaira...

A LAVADEIRA.

E elle o que tem sido... Lá n'esse ponto ambos tem iguaes culpas no cartorio...

OUTRA LAVADEIRA.

Ainda assim, verá você, tí Custodia, que o Pedro que se mata com trabalho, ha de ter sempre vida de galés, sem nunca levantar a cabeça, e o pelem do irmão é que ha de pimpar de senhor e dar as leis na casa.

1.^a LAVADEIRA.

Pois olhe que ao tal Daniel não me engana a pinta. É de boa raça. Não tem duvida nenhuma.

OUTRA LAVADEIRA.

Sae ao lado da mãe. — Lembra-se do tio d'elle — o Joaquim do Morgado. Que menino!...

1.^a LAVADEIRA.

Se me lembra! Aquillo era uma coisa por maior. Bastava dar-lhe um bocado de tréla que elle ali estava. Nanja, comigo nunca elle fez farinha.

OUTRA LAVADEIRA.

Nem comigo, tí Thomazia—nem comigo, que elle bem sabia com quem se metia.

PEDRO, dirigindo-se a Clara.

Eu tinha que lhe dizer, Clarinha... quer ouvir-me?

CLARA.

Agora...

PEDRO.

Não póde ?...

CLARA.

Eu não disse... nem digo... mas bem vê... tenho a roupa molhada:..

PEDRO.

Prometto não a demorar... O que eu não desejo... o que não quero é voltar esta manhã para casa sem ouvir Clarinha responder-me a uma pergunta.

CLARA.

Faça-a então.

PEDRO.

Creio que não dormi toda a noute a pensar na tal pergunta, e que ainda não tinha nascido o sol já eu rodava por estes sitios á sua espera, suspirando pela occasião de lh'a fazer... E agora... não sei porque... Vão lá explicar isto... chegado o momento... O mêdo não me deixa fallar.

CLARA.

O mêdo !...

PEDRO.

Se a sua resposta decide o futuro da minha vida.— Bem vê, Clarinha, que o caso é serio... muito serio...

Fio-me porém, que não ha de querer a minha desgraça... não a quer, não?...

CLARA.

Pois eu havia de querer a sua desgraça?...

PEDRO.

Faça então a minha felicidade.

CLARA.

Eu!... pois julga...

PEDRO.

Julgo-a certa, se a Clarinha quizesse...

CLARA.

O que?...

PEDRO.

Cazar comigo.

CLARA, baixando os olhos.

Era... era então isso que tinha para me dizer...

PEDRO.

Era... Até que a final... e sem saber como, o disse... e está dito. Não a engano, creia. Não me julgue pelo que fui, Clarinha. Reconheço que o meu passado deva causar desconfiança... Emquanto fui rapaz nunca pensei senão em divertir-me. Lá deveras, cá de dentro, não quiz nunca a ninguém. Confesso o meu peccado. Agora porém estou um homem e mudado. Mudou-me a Clarinha.

CLARA.

Quem sabe?

PEDRO.

O tempo lh'o dirá. (*apparece ao fundo o Reitor*) Não duvide

minha Clara, e tenha a certeza que nunca se arrependará de me haver aceitado por marido. Que responde?...

CLARA.

Antes de consultar Guida, não respondo nada.

PEDRO.

Pois necessita a sua licença?...

CLARA.

Devo pedir-lh'a. Não é ella a minha segunda mãe?
(O Reitor faz um signal de approvação com a cabeça).

PEDRO.

E se ella julgando-me pelo que eu tenho sido até aqui, não approvar o casamento?

CLARA.

Obedecia-lhe, ainda que me custasse. Adeus?

PEDRO.

O susto em que fico, Clara, mata-me quasi a esperança.

SCENA II.

OS MESMOS, E O REITOR.

CLARA, que ao voltar-se, vê o Reitor.

O Sr. Reitor?... (*vae beijar-lhe a mão*).

REITOR.

Deus te faça uma santa, filha. Como está a nossa Guida?

CLARA.

O mesmo sempre... triste... triste...

REITOR.

Ha de tambem chegar-lhe a alegria um dia... O mundo é assim — Deus criou os rizos, e as lagrimas para todos — e todos mais tarde ou mais cedo apanham o seu quinhão... Vaes para ao pé d'ella?...

CLARA.

Ella não está em casa... Sahio de manhã cedo.

REITOR.

Então até logo. (*Clara dirige-se para casa, onde entra. Durante estas scenas as lavadeiras têm pouco a pouco entrouxado a roupa e sahido em diversas direcções.*)

SCENA III.

PEDRO E O REITOR.

REITOR.

Então que é isso, Pedro? O que estás tu para ahi todo cabisbaixo? O caso não é tão feio como o pintas.

PEDRO.

O caso! Que caso, Sr. Padre Antonio.

REITOR.

A's vezes, uma palavra apanhada no ar e ouvida de passagem sem a gente querer, descobre muita cousa...

PEDRO.

Uma palavra!

REITOR.

A palavra casamento, por exemplo...

PEDRO.

O Sr. Reitor ouviu!

REITOR.

Ouvi, sem querer.— E se queres um conselho, não vás mais longe. Fica por onde estás, que não ficas mal.— Basta de andar á solta.

PEDRO.

Por minha vontade, creia, Sr. Reitor, que já o não andava amanhã.

REITOR.

Casa-te e deixa-te de andar desnortado e n'essa vida errada em que teus vivido, que não dá para bem.

PEDRO.

A duvida não está da minha parte... está...

REITOR.

Onde é natural que esteja — e com razão... O teu passado é mão fiador — mas fica por minha conta tirar a duvida se me juras que é verdadeira a emenda.

PEDRO.

Se juro... juro por alma de minha mãe.

REITOR.

Então vae para o teu trabalho e não desanimes...

PEDRO.

Bem o quizera... mas receio que a irmã de Clara...

REITOR.

Guida é a rapariga de mais juizo que eu conheço, e se eu lhe disser...

PEDRO.

Isso sei eu... Promette então fallar-lhe?

REITOR.

Prometto, e fallarei igualmente a teu pae... e a esse até lhe posso fallar já — porque ahí vem.

PEDRO.

Como lhe hei-de eu agradecer, Sr. Padre Antonio.

REITOR.

Fazendo a felicidade de Clara.

SCENA IV.

OS MESMOS, E JOSÉ DAS DORNAS.

JOSÉ.

Olá! o nosso Reitor — e o meu Pedro por aqui a estas horas. (*Descobrimdo-se e dirigindo-se ao Reitor.*)

REITOR.

Está á vontade José, está á vontade. Vieste a proposito porque tenho que te dizer.

JOSÉ, á quem Pedro vae beijar a mão.

Deus te abençoê. Acabaste a ceifa do milho na terra de cima do rio...

PEDRO.

Acabei.

JOSÉ.

Já se não perdeu a manhã. E agora que vaes fazer ?

PEDRO.

Primeiro vou metter as cannas de milho no carro.

JOSÉ.

Vae então. Deixa-me com o Sr. Reitor, que, como ouviste, tem que me fallar.

REITOR, para quem Pedro olha.

Vae, anda, e vae descansado. — Se confias em mim?

PEDRO,

Isso pergunta-se, Sr. Reitor!... Até logo. (*Sáe*)

SCENA V.

JOSÉ DAS DORNAS, E REITOR.

REITOR.

Ora ouve cá, José. Parece-me que no que diz respeito a teus filhos nunca te déste mal com os meus conselhos...

JOSÉ.

Mal!... É o que me tem valido! Mal! Crédo! que idéa!

REITOR.

Está bom, está bom... não te afflijas e deixa-me acabar. Hoje teus filhos estão dous homens...

JOSÉ.

E ambos arrumados para ganhar a vida honradamente. Que lá o Pedro nunca me deu cuidados. O Senhor fêl-o robusto e féro; é um homem para o trabalho; e quem pôde trabalhar não precisa de outra herança. Pelo trabalho e com a ajuda de Deus fiz eu esta minha casa, que não é das peiores, vamos; elle, com menos custo, a pôde agora augmentar, se quizer. Mas o Daniel já não era assim. Aquillo é outra mãe — o Senhor a chame lá. Um dia de ceifa era bastante para m'ó matar. Era a sorte d'elle que me dava cuidado.

REITOR.

Has-de estar lembrado do que eu te disse então. Foram pouco mais ou menos estas palavras « Se o'pe-

queno é fraquito e não póde com o trabalho do campo, para que queres tu o dinheiro, José. Acaso não terás alguns centos de mil réis ao canto da caixa para pôr o rapaz nos estudos? Não podes fazer d'elle um lavrador? Fal'o padre, letrado ou medico, que não ficarás pobre com a despeza.»

JOSÉ.

O Sr. Reitor bem sabe os unicos escrupulos que eu tinha, e que ás vezes ainda me apoquentam. Custava-me dar a meus filhos uma educação desigual. São irmãos, e, mais tarde o que tomasse melhor carreira e se elevasse pelo estudo podia desprezar o que seguia a vida do pae a ponto que os filhos de um e de outro quasi nem se conheceriam: é o que mais vezes se vê. Receiava que fosse uma injustiça que fizesse a Pedro a educação que dêsse a Daniel.

REITOR.

Homem de Deus, não ha desigualdade verdadeira se não a que separa o homem honrado do criminoso e máo. Essa sim, que é a estabelecida por Deus, que na hora solemne extremará os eleitos dos reprobos. Educados bem os teus filhos, em qualquer carreira em que os encaminhasses; educados segundo os principios da virtude e da honra, não ficarão distanciados; porque, cumprindo cada um o seu dever, serão ambos dignos um do outro e promptos apertarão as mãos onde quer que se encontrem. A primeira idéa foi fazer o Daniel padre.

JOSÉ.

Se elle em pequeno parecia que fôra mesmo talhado para a vida. O seu gosto era ajudar á missa... e até pelos seus brinquedos. Olhe que não havia para elle como armar igrejinhas e pregar sermões.

REITOR.

Porém mudou, mudou de repente no gosto dos brinquedos.

JOSÉ.

Palayra, que se não fôra o Sr. Padre Antonio dizer-m'ô não teria acreditado. Um rapazinho de doze ou treze annos ter já na aldêa a sua conversada. E que lhe vio dar um beijo!...

REITOR.

Não convinha portanto fazel-o padre. Para dar máos exemplos, temos cá infelizmente bastantes. E quando o pannô era assim em amostra o que faria na peça inteira. Esta vida de sacerdote quer vocações decididas. Não as havendo, é um grande mal em abraçal-a, e um grande peccado constranger ninguem a seguil-a contra vontade.

JOSÉ.

Crêdo! Quem diz menos d'isso? Tanto que eu logo concordei...

REITOR.

E combinamos mandal-o para o Porto e fazel-o cirurgião. Assim se fez e depois d'amanhã deve chegar aqui, com a sua carta na algibeira e devidamente habilitado para exercer a profissão que abraçou. O nosso João Semana está velho e precisa de quem o ajude.

JOSÉ.

Tomara já passado o dia de hoje e o d'amanhã. Estou com umas saudades de vel-o.

REITOR.

Aproveita então estes dias de espera fazendo a felicidade do que cá tens, de Pedro, e isso te ajudará a passar o tempo mais depressa.

JOSÉ.

Pois elle não é feliz?

REITOR.

Havia de sêl-o mais se tivesse uma companheira...

JOSÉ.

O rapaz pensa em casar.

REITOR.

Pensa, e bom é que pense.

JOSÉ.

Mas com quem?

REITOR.

Com a Clarita das Meiadãs. Uma rapariguinha bonita e minha pupilla.

JOSÉ.

Se é da vontade do rapaz e merece a approvação do Sr. Padre Antonio, eu cá pela minha parte...

REITOR.

Consentes?

JOSÉ.

Consinto. Basta ser pupilla do Sr. Reitor, e irmã de Guida, que é no juizo a flôr das raparigas da aldeia, para eu julgar acertada a escolha de meu filho.

REITOR.

Obrigado por mim, e por Guida. — Agora, has-de dar licença que vou vêr as minhas pupillas e perguntar a Clara se aceita o pedido de Pedro, pois só me faltava a tua autorisação para o fazer. Depois vou almoçar, e em seguida irei cumprir a minha tarefa habitual, que é visitar os meus pobres. Fica-te com Deus. (*Dirige-se á casa das pupillas para onde entra*).

SCENA VI.

JOSÉ DAS DORNAS, DEPOIS JOÃO DA ESQUINA.

JOSÉ.

Heim! que tal! Cirurgião da terra, o meu Daniel! Tenho n'isto muita gloria, tenho, sim senhor. Para que

hei-de negal-o! E hoje aquella cabeça regulará melhor. E' que o rapazinho promettia ser da pelle do diabo! Já tinha a sua conversada aos 12 annos! Havia mister! Ah! ah! ah! E o Reitor que atrapalhado estava quando me veio contar o caso! Ah! ah! ah! Agora é que eu lhe acho graça. E como elle soube dizer que não havia de ser padre, porque queria casar! Ora o rapazinho! Esperto era elle! Olá! Mas como diabo o ouviu o Reitor? A fallar a verdade... o pequeno tinha razão. Eu, que tão bem me dei com aquella santa, que está no céo, como havia de obrigar um filho meu a não gozar d'uma felicidade como a minha? Quer casar? Faz elle muito bem. Deus lhe depare uma boa cachopa, que seja mulher de casa... Mas quem seria a tal? Isso é que o padre nunca disse. Porém há males que vem por bem. A' diabrura do rapaz é que se deve o estar elle hoje cirurgião.

JOÃO, apparecendo á porta da mercearia.

Ora viva o Sr. José das Dornas! passa-se muito bem, é o que eu estimo.

JOSÉ.

Salve-o Deus, Sr. João.

JOÃO.

Muito calor Sr. José.

JOSÉ.

De morrer.

JOÃO.

Então que se diz de novo?

JOSÉ.

Que se hade dizer? Que se vive como Deus quer, e cada um póde. Os velhos como eu com os seus achaques.

JOÃO.

Então já sabe que o padre Custoiias é que préga este anno o sermão da Senhora do Amparo?

JOSÉ.

Sim ?

JOÃO.

E' verdade. E a philamonica é que vae tocar.

JOSÉ.

Então é festa de espavento ?

JOÃO.

A confraria tem em cofre, perto de cem mil réis.

JOSÉ.

Está feito.

JOÃO.

E diga-me, Sr. José, que lhe parece da péga do nosso Reitor com os do Amparo ? Não acha que é um despotismo ?

JOSÉ.

Eu sei ? Olhadas as cousas do certo modo, o homem não deixa de ter alguma razão.

JOÃO.

O que, senhor, o que ? Não tem razão nenhuma. Eu bem sei o que aquillo é... Lembra-se do que o Reitor do Cismandô fez aos de Martyr ? Pois temos outra aqui.

JOSÉ.

Homem ; não diga isso do Padre Antonio. Você bem sabe que o quinhão do nosso Abbade é o quinhão dos pobres. Mas... eu d'essas cousas não entendo — parece-me com tudo que era bom que andassem n'isso com prudencia e aconselhados por quem possa dizer alguma cousa a tal respeito.

JOÃO.

Então o juiz da confraria é algum tolo ? Olhe que o João Semana é homem para fazer frente ao Abbade, se...

JOSÉ.

João Semana é homem fino, bem sei. Mas é também amigo velho do Abbade; são amigos de tu e por isso duvido que queira deixar ir as cousas ao mal. Demais a mais, está velho e...

JOÃO.

Velho, sim, mas robusto como os rapazes. Olhe voce-mecê que aquella alminha já ás cinco horas da manhã tem visitado mais de sete ou oito doentes. E para me não deixar por mentiroso elle ahi vae já de volta da sua tarefa.

SCENA VII.

OS MESMOS, o REITOR saindo de casa das pupillas,
E JOÃO SEMANA que vem da direita do
espectador montado na sua egua.

REITOR.

O' João Semana? O' homem? O' velhote! Pshiu.

JOÃO SEMANA, voltando a cabeça.

Que é lá?

REITOR.

Espera; falla á gente.

JOÃO SEMANA.

Vou com pressa.

REITOR.

Então andas por fóra com um calôr d'estes? Isto é de criar malignas, homem.

JOÃO SEMANA.

Que queres tu Abbade? Meu pae cahio na patetice de me arranjar este modo de vida. Se lhe tivesse dado na mania, fazer-me padre, outro gallo me cantára.

REITOR.

Cuidas então que não temos canceliras?

JOÃO SEMANA.

Ai, dão-te muito que fazer as tuas ovelhas; estou vendo.

REITOR.

E não dão pouco.

JOÃO SEMANA.

Só a cardal-as com as congruas, e derramas. Por isso estás magro. Para vos sustentar suamos nós.

REITOR, sorrindo.

Vamos a saber. Queres vir almoçar comigo?

JOÃO SEMANA.

Eu? Já não tenho estomago para comidas de padres. Padre, Abbade e egresso de mais a mais! Safa! Morria de indegestão esta noute.

REITOR.

Anda lá, anda lá; ainda não perdoas-te aos frades. Morres impenitente.

JOÃO SEMANA.

Como queres tu que eu lhe perdôe o terem gozado sem mim, d'aquella santa vida do convento?

REITOR

Santa, sim; porém, sem mortificações, não.

JOÃO SEMANA.

Oh! de certo que não. Os melhores cosinheiros têm ás vezes os seus descuidos e os paladares de vossas reverendissimas, lá de quando em quanto, aturavam o esturro do arroz, sal de mais na sopa, pimenta de menos no guizado, ou outra cousa assim... lá isso...

REITOR.

Valha-te não sei que diga. A vida é para ti homem que, com 80, estás fêro e robusto, e levas geito de assistir ao nascimento do seculo vinte.

JOÃO SEMANA.

É para veres de que fêveras eu sou. Se tivesse a tua vida, viveria como Noé.

REITOR.

Então nem queres beber um calix do meu bastardo, heim? Olha que é do que tu gostas.

JOÃO SEMANA.

Prefiro uma garrafa em minha casa. Mas agora reparo que está ali o José das Dornas. Guarde-o Deus, Sr. José! Então quando chega o nosso homem?

JOSÉ.

Eu espero-o depois d'amanhã. Pelo menos não recebi ainda noticias em contrario.

JOÃO SEMANA.

Vê se me manda avisar, logo que chegue, que o hei de querer ir ver. Um collega!

JOSÉ.

Não ha de haver duvida.

JOÃO SEMANA.

Adeus. O' Abbade, tu não sabes a historia d'aquelle frade franciscano que...

REITOR.

Não sei, não; ora conta lá, João Semana, conta...

JOÃO SEMANA.

Havia lá no convento, uma pintura muito grande representando a Ceia de Christo; e era esta pintura a que

mais attrahia as meditações piedosas do tal venerando, o qual de olhos fitos n'aquelle quadro, passava horas e horas esquecido de tudo o mais. Um outro que tinha notado isto, não poude ter mão em si que lhe não perguntasse com aquella voz de lamuria de franciscano manhoso: Em que pensaes vós, irmão, quando com tanta attenção olhaes este quadro?— « Nos tormentos que por nós padeceu o Salvador » respondeu-lhe o tal. « E longos foram na verdade! » continuou o primeiro. « Mas por que esta pintura mais do que as outras, vos traz tão santas idéas? Não tendes na sachristia a do Descintento da Cruz e aquella do Senhor preso á columna? » « E verdade, irmão, é verdade, mas olhae que não menor tormento era este de ter doze pessoas á meza e tão pouco de comer em cima d'ella. » (*Dizendo chega as esporas á equa, e parte*).

REITOR, encaminhando-se para o lado opposto a que sahio João Semana.

Onde diabo vae este homem buscar estas coisas! (*Súe*).

SCENA VIII.

JOSÉ DAS DORNAS E JOÃO DA ESQUINA.

JOÃO, que rira com José ao ouvir João Semana.

Com que, pelo que ouvi ao João Semana, temos cirurgião novo cá na terra? Ora Deus o ajude.

JOSÉ.

Emquanto o João Semana viver ha de custar a afreguezar-se o rapaz.

JOÃO.

Deixe lá. Ha gente para ambos. A terra já vae dando para dous, graças a Deus. E o rapazinho sahio esportão?.

JOSÉ.

Lá isso, diga-se o que é verdade, não é agora por ser meu filho, mas todos o confessaram. Creança era elle ainda e já o Reitor se espantava da memoria do rapaz. E se você visse, Sr. João, o livro que elle escreveu? Chamam-lhe lá these, ou não sei que. Pelos modos sem escrever aquillo não podem ter as cartas de examina. Eu tenho um que elle me mandou. Como sabe, eu d'aquillo nada entendo, mas bem vejo que é obra acabada, e bem feita. Deixe estar que lh'o hei de trazer para vêr.

JOÃO.

Eu d'isso pouco sei dizer; não é a minha especialidade.

JOSÉ.

Pois sim, bem sei. O João Semana tambem tem um que o Daniel lhe mandou e disse-me que está coisa aceiada; e o Sr. Reitor affirmou-me que bem se conhece que o rapaz não se esqueceu do latim, porque em... geographia, parece-me que foi geographia que elle disse, n'isto que ensina a escrever com letras dobradas, não tem nada que se lhe note.

JOÃO.

Bom é isso!

JOSÉ.

Quer saber, Sr. João? Olhe, que pelos modos, o rapaz até lá provou... Já sei que se vae admirar, mas olhe que é factó, assim o leu no fim do livro, o Sr. Reitor, até lá provou... que não ha doenças.

JOÃO, fitando-o espantado.

Que não ha doenças?...

JOSÉ.

É verdade!

JOÃO.

Essa agora! Mas como se entende isso?

JOSÉ.

Assim, como eu digo.

JOÃO.

O' Sr. José das Dornas; então que é este rheumatismo que me não deixa mexer.

JOSÉ.

Não sei. Diz elle que é outra coisa; lá lhe dá um nome, mas é tão arresado, que me não ficou.

JOÃO.

Que não ha doenças! Essa lá me custa a engulir! Que não ha doenças? Sempre é uma, a fallar a verdade! Não, não ha! E que disseram... os mestres a isso?

JOSÉ.

É o que eu estou morto por lhe perguntar... Mas o Sr. João admira-sc? e então se eu lhe disser que elle provou que um homem, é a mesma coisa que um macaco?

JOÃO.

Irra! Está a caçoar comigo Sr. José? Elle podia lá dizer semelhante coisa!

JOSÉ.

Pergunte-o ao Sr. Reitor, que assim o explicou.

JOÃO.

Eu não, pois... macaco! Então eu sou macaco? Então vocemecê é macaco? Então elle é macaco? Então nós somos... Ora, isso não póde ser.

JOSÉ.

Você, Sr. João, cuida que elles entendem as coisas assim como nós. Isso tem lá outro sentido.

JOÃO.

Outro sentido? Que outro sentido ha de ter? Todos sabem o que é um homem, todos sabem o que é um macaco. Não vejo que outro sentido seja. Macaco! Irra! Não, essa agora é que me não entra cá.

JOSÉ, rindo.

Elle, salvo seja, aquelles diabos parecem ás vezes mesmo gente, lá isso parecem; o Sr. João nunca os vio?

JOÃO

Vi, vi; tenho visto muitos.

JOSÉ.

Olhe que fazem coisas! que, fóra a alma, já se sabe...

JOÃO.

Pois sim,; mas o... mas a cauda?

JOSÉ.

Ah! lá isso!

JOÃO, com rir triumphante.

Ora então, ahi tem.

JOSÉ.

Deixe ver se me lembro d'outras que elle provou...

JOÃO.

Não, essa já não é má.

JOSÉ.

Ah! é verdade... Esta tambem lhe vae fazer móssa. Já estou vendo.. Diz que sustentou lá tambem que a gente, verdadeiramente, devia andar com as mãos pelo chão. (*João faz um gesto violento de indignação.*) Elle não diz isto bem assim, mas lá por umas outras palavras, que eu não tinha entendido, mas que o Sr. Reitor explicou...

JOÃO, crusando os braços.

Vae-me parecendo que o Sr. José tem estado, mas é a caçoar comigo.

JOSÉ.

O' homem! Com a verdade com que eu fallo, Deus salve a minha alma.

JOÃO.

Então com que havemos de andar a quatro como, com sua licença, as cavalgaduras?

JOSÉ.

Não; elle tanto não quer dizer.

JOÃO.

Não quer? mas se elle diz...

JOSÉ.

Sim, mas elle não diz... Homem, elles lá sabem o que querem dizer na sua.

JOÃO.

Eu julgo que não é necessario ser grande doutor para entender isso. Mas que ande quem quizer com as mãos pelo chão, que eu por mim...

JOSÉ.

Outra. Disse que ha muito pouca differença entre um... alimento ou elemento, diz que é a comida que a gente come, e um veneno.

JOÃO.

Pois, quando elle vier, cosinhe-lhe vocemecê um guisado de cabeças de phosphoros com rozalgar, a vêr como elle se dá. Sé é a mesma coisa... Sempre ao que ouço! Estes medicos de agora!

JOSÉ

Emfim, mostrou muita outra coisa o rapaz e de que eu agora me não lembro. Pelos modos deixou-os todos maravilhados.

JOÃO.

Se lhe parece que não!... Sendo todas d'esse jaez. *(Durante o final d'esta scena, tem entrado alguns trabalhadores do campo, e camponezes para a taberna).*

JOSÉ.

Mas por hoje basta de dar á lingua. Preciso ir vêr as minhas lavouras. Até sempre, Sr. João.

JOÃO.

Para que viva Sr. José. *(José das Dornas sae).*

SCENA IX.

JOÃO DA ESQUINA, DEPOIS FRANCISCA que apparece á janella.

JOÃO.

Nada, para mim não serve o doutor. Se elle diz que não ha doenças, que ha-de cá vir fazer? E depois, pôde pôr-me em dieta de vidro moído e cebolla albarrã ou outra coisa assim e mandar-me correr a quatro pelos montes. Nada. Quero-me com o João Semana, que é homem sério, e não tem d'estas exquisitices da moda.

FRANCISCA, chegando á janella.

O' pae, diz a mãe se quer almoçar?

JOÃO.

Já vou. Macacos! Somos todos macacos! Esta, esta é que me não torna a esquecer.

FRANCISCA.

Então, vem d'ahi pae. Olhe que o café arrefece.

JOÃO.

Já vou, já vou. Macacos! (*Francisca recolhe-se para dentro de casa; João dirige-se para a loja. Ao mesmo tempo sae Clara de casa e desce para a frente da scena*).

SCENA X.

CLARA, só.

Guida demora-se. Logo de manhã cedo foi para casa do seu mestre, e ainda não voltou! Estará elle peor? Pobre homem! O que lhe val, o que lhe tem valido na sua doença, é a gratidão da discipula que por amizade e prazer ensinára, da nossa Guida; mas ella ahí vem.

SCENA XI.

CLARA E GUIDA.

CLARA, indo ao encontro de Guida.

Está peor?

GUIDA.

Quando lá cheguei despedaçava o coração ouvil-o; agora porém, ficou mais socegado.

CLARA.

Podéra! Quem não hade melhorar tendo uma enfermeira como tu ao pé de si. (*Agarrando-lhe ambas as mãos*). Não me dás um beijo?

GUIDA, beijando-a.

Mas que tens tu, Clara. Não sei o que te leio hoje nos olhos. Desconfio que me vaes dizer alguma cousa.

CLARA.

E vou.

GUIDA, sorrindo.

E parece ser de importancia, ao que vejo. Ficaste de repente tão seria!

CLARA.

E' que é deveras serio e muito serio, o que te vou dizer.

Então?

GUIDA.

CLARA.

Querem-me casar.

GUIDA.

Ah!

CLARA.

E olha, Guida, eu julgo que o meu noivo é um bom rapaz... mas... sempre queria saber o que tu pensas d'elle, e se merece a tua approvação.

GUIDA.

A minha? E tambem te é precisa, filha?

CLARA.

E', sim; podéra não. Já o disse ao Sr. Reitor e elle concordou.

GUIDA.

Sois todos muito bons para comigo. Mas que te heide eu dizer? Que te diz o coração?

CLARA.

Ora, o coração...

GUIDA.

O coração, sim. Por que não? Quando é bom como é o teu, deve-se sempre ouvir; e... quer-me parecer que já o consultas-te antes de mim.

CLARA.

Fallo a verdade: é certo que já.

GUIDA.

E que te disse elle?

CLARA.

Aconselha-me a... que sim.

GUIDA.

Que mais queres?

CLARA.

Que tambem me aconselhes.

GUIDA.

O mesmo que o coração, já se sabe.

CLARA.

Não senhora; com franqueza, aquillo que pensares.

GUIDA.

E quem é o noivo?

CLARA:

O Pedro do José das Dornas.

GUIDA.

Ah!... Por certo que é bom casamento. Com quanto pouco conheça ainda esse rapaz, ouço dizer que é honrado, trabalhador, e .. demais a mais está bem e...

CLARA.

Então approvas?

GUIDA.

Se te fosse necessaria a minha approvação, dir-te-hia que estimo até muito que se faça esse casamento; e que

sejas feliz. Agora tambem eu, Clarinha, te vou pedir um favor.

CLARA.

E' possivel! E' esta a primeira vez que me pedes um favor, Guida. Repara bem.

GUIDA.

Tanto mais razão para m'ó concederes, filha; não é verdade?

CLARA.

Assim me pedisses mil, Guida, para t'os conceder tambem. Ora diz.

GUIDA.

Sabes? eu não me dou com esta vida de senhora, em que tu me tens. Que queres, minha filha? Isto de trabalhar é habito que se ganha de pequeno e não se perde mais.

CLARA.

Mas então?...

GUIDA.

Queria que me deixasses trabalhar.

CLARA.

Mas não trabalhas tu tanto, mais do que eu, Guida? Podia eu sem ti, olhar para estas coisas de casa, de que não entendo, de que não quero entender? Só se queres vir lavar ao ribeiro comigo. Ora! Guida, estas mãos delgadas já não foram feitas para isso. Mas que queres tu afinal?

GUIDA.

Sabes? Uma cousa que eu desejava .. uma cousa que me faria andar alegre até!... não desejas tu ver-me andar alegre? Não ralhas tu pelas minhas tristezas?

CLARA.

Mas vamos a vêr o que tu querias; o que é que te daria essas alegrias grandes? Alguma loucura grande tambem.

GUIDA.

Não é não. Olha... se eu tivesse umas poucas de creanças para ensinar.

CLARA.

Tu, tu, minha irmã! ensinares tu as filhas dos outros?! Viveres de educares os filhos alheios!

GUIDA.

O' orgulhosa! Então isso é alguma vergonha? Anda lá, que se o Sr. Reitor te ouvia...

CLARA.

Mas que se diria de mim, Guida? Sempre tens coisas! Que se diria de mim?

GUIDA.

Que és uma boa alma, Clarinha, tu que repartes comigo a tua casa, o teu...

CLARA.

Guida!

GUIDA.

E o que se dirá de mim, se me não concederes o que te peço, o que se terá já dito?

CLARA.

Guida, por amor de Deus! Perde essa idéa! É uma desfeita que me fazes.

GUIDA.

Não é minha filha, não é. Pois bem, pergunte-se ao Sr. Reitor, e, se elle disser que...

CLARA.

Ora, o Sr. Reitor, sim! Basta ser pedido teu para elle o approvar.

GUIDA.

Estás sendo muito má.

CLARA.

Má és tu, que estás quasi sempre triste! Não me dirás, Guida, o que hei-de fazer para te vêr rir e estar alegre.

GUIDA.

Olha, Clarinha, a gente é como as flores, que umas nascem com côres vermelhas que alegam, outras, com côres escuras que entristecem. Olha tu as violetas e os suspiros, que te digam porque nasceram assim e porque, crescendo na mesma terra e sendo alumiadas pelo mesmo sol, não têm as côres brilhantes da roza.

CLARA.

Bem respondido, sim, senhora; d'aqui em diante hei-de chamar-te a minha violeta.

(N'este momento agrupa-se mais gente á volta da meza da taberna, em roda da qual, já estavam alguns homens sentados e principiam a jogar).

GUIDA.

Pois sim; mas se queres vêr-me de hoje em diante mais alegre, é concederes-me o favor que te pedi.

SCENA XII.

AS MESMAS E O REITOR.

REITOR.

Com que então já estás descansada, Clarinha. Já ahi tens tua irmãa ao pé de ti.

GUIDA.

O Sr. Reitor! (*Querendo beijar-lhe a mão*).

REITOR.

Deus te abençoê, filha. Como vae o doente...

GUIDA.

Mal! Eu logo hei de lá voltar. O boticario quer o dinheiro dos remedios e...

REITOR.

Que não vá o homem arruinar-se. Deixa que tem de me ouvir. E' peor que o peor dos seus causticos. Vae tu agora para casa descansar, que é o que precisas. Estás pallida e abatida.

GUIDA.

Mas eu precisava ainda hoje fallar-lhe, Sr. Reitor? Queria que fosse meu padrinho n'um pedido que eu fiz á Clarita.

REITOR.

Pois sim. Em acabando de visitar os meus pobres láhes vou bater á porta.

GUIDA.

Então, não falte.

REITOR.

Não falto. Anda, Clarita, leva tua irmãa para casa e obriga-a a deitar-se umá hora que seja.

CLARA.

Se ella me obedecer! (*Encaminham-se ambas para casa*).

SCENA XIII.

O REITOR, DEPOIS O TABERNEIRO E MAIS FREGUEZES
DA TABERNA.

REITOR.

Excellentes corações! Deus lhe dê na terra a felicidade que eu lhes desejo e de que são dignas. Agora preciso dar balanço ao meu dinheiro! Vejamos o que resta. (*procurando nas algibeiras, tira algum cobre*). Tão pouco... tão pouco... e falta-me ainda tanta gente para socorrer e... (*applicando de repente o ouvido para o lado da taberna*) Aquelle tinir... não me engano é... (*adianta-se alguns passos e observa de longe para dentro da taberna*). Que vejo! E choram de fome os filhos d'alguns que alli estão. (*Dirige-se á porta da taberna, onde se detem, ao vel-o, os jogadores erguem-se como envergonhados e tratam de esconder as cartas e o dinheiro sahindo alguns para fora, onde ficam parados e cabisbaichos*). Não é o regedor, soceguem, e pena é que o não seja, para vos metter a todos na cadeia.— Santa vida esta! Assim é que é ganhar o reino do Céu! Sim, senhores! Aqui estão uns poucos de santos varões que empregam bem o seu tempo. Respeitaveis e exemplares patriarchas, de quem muito se póde esperar como educadores de familia. Sim, senhores, (*sevéro*) vossas mulheres estafam-se em trabalho para dár um pouco de pão negro aos filhos e a vós esta vida regalada, não é assim?— Ainda agora encontrei o teu pequeno, Manoel, que pedia esmola pela porta dos vizinhos; não tens vergonha!—A tua mulher Francisco, estava ha pouco de cama, e teve de mandar á cidade a filha mais nova com uma canastra de hortaliça com que ella mal podia; ia a vergar, a pobre pequena! Achas isto bonito?—O teu irmão, João, ainda não ha tres dias, que foi pedir emprestado, chorando, ao José das Dornas, dinheiro para pagar ao mestre da fabrica, em que traz o filho na cidade; talvez tu não tivesses para lh'o emprestares?— Não ha muito que o pobre José da Maia se me queixou a mim, de que tu Damião, ainda lhe não tinhas pago por inteiro o preço d'aquelles

bois, que lhe compraste. Mas que importam estas pequenas coisas? Que importa lá a miseria, que vae por casa se não falta o dinheiro para vinho e para jogo. Isso é o que se quer! E tu (*vollando-se para o taberneiro que está á porta*) tu vaes engordando á custa d'estas miserias todas, passam fome as mulheres, e as crianças, para te encher as gavetas e a barriga! O' santo Deus! e tanta desgraça, que por ahi vae e tanta gente sem pão para comer!

TABERNEIRO.

Essa é boa! O meu officio é vender vinho, vendo-o faço o meu dever.

REITOR.

Fazes tambem o teu dever, enchendo com outro tanto de agua as pipas de vinho que vendes? e permitindo em tua casa estes costumes prohibidos pelos homens, e amaldiçoados por Deus? estes jogos infernaes, que têm levado tantas cabeças á forca, e tantas almas ao inferno? E' esse tambem o teu officio? Pois deixa estar que eu avisarei o regedor, para que te dê a recompensa, por o bem que o cumpres.

TABERNEIRO, áparte.

O mais acertado é calar-me.

REITOR, dirigindo-se aos jogadores.

Chego ao meio de vós com as mãos e as algibeiras vazias. Vêde. O dinheiro com que sahi de casa, ficou-me por esses caminhos, algum nas casas de muitos, dos que vejo agora aqui. A esses não estou disposto a perdoar a divida, pois vejo que não precisam da esmola, que eu lhes dei; os outros, que tem para perder no peccado, tambem o hão de ter para a obra de misericordia, ou tisonada trazem já a alma pelo fogo do inferno. Tenho ainda muitos pobres para vêr, e não trago já dinheiro comigo. Peço esmola para os pobres (*estendendo o chapéo*) quem não dará aqui esmola para os pobres? Amanhã, continuando vós n'esta vida, eu pedirei tambem esmola para vós. Lembrai-vos d'isso. (*Todos deitam dinheiro no chapéo, excepto um*). E tu?

JOGADOR.

Não tenho nada perdi — perdi e devo.

REITOR.

Não tens nada! tens, sim; tens cinco filhos e uma velha mãe moribunda. (*O homem cobre o rosto para occultar as lagrimas*). A que vem esse choro? Pois julgavas tu que matarias a fome á tua familia por esta maneira? Para que te deu Deus braços robustos, homem, e o peito valente, se os negas ao trabalho? E vós tivestes alma para vos entregardes a este jogo damnado com um homem que punha em cima da mesa o pão e o sangue de seus filhos, e de sua mãe? Vergonha e desgraça sobre vós, miseraveis, se dentro de um dia não compensardes o mal que fizestes, abrindo por vossas mãos a este pae e filho desnaturado a carreira do trabalho, que é da honra igualmente — dentro d'um dia, como podeis e deveis. Eu vos forcçarei a isso. Homens, que tão bem servis para perder, servi um dia ao menos, para salvar. Não podes pagar?... Alguem pagará a tua parte.

TABERNEIRO.

Não póde pagar, não que a mim me deve elle uma conta e não pequena de vinho.

REITOR.

Ah! sim? Pois hasde ser tu o que pagarás a parte d'elle. Ainda não déste nada. Da-me a sua divida.

TABERNEIRO.

Mas, Sr. Reitor...

REITOR.

Consideras-te mais que os outros? Só se fôr, por seres o mais culpado.

TABERNEIRO.

Não, Senhor. De boa vontade lha perdô-o, lá por isso. . . (*a parte*) Não cêdo grande cousa, que por perdida a tinha eu ha muito.

REITOR.

Compensem ao menos com esta boa acção o pensamento diabolico que vos juntou aqui. E agora ide para vossas casas e para o trabalho. Lembrai-vos que mal vae á familia e á fazenda do que na taberna se esquece assim, e retenha-vos essa lembrança, se ainda não tendes endurecido de todo o coração. O que entra rico n'estas casas sáe a pedir; se entrar pobre sáe criminoso. Ide. Fugi ás tentações d'estes inimigos (*tirando um baralho da mão de um jogador que o conservava na mão*) e faze como eu quando as tiverdes á mão. (*Com um rapido movimento de braço, faz voar o baralho, todos se affastam deixando o reitor sósinho*).

REITOR, depois d'um momento de silencio, e quando está completamente sósinho.

As grandes ventanias, são tambem um mal para o lavrador, porque lhe derrubam as searas, mas... como se não podem evitar... que se faz?... levantam-se nos montes as azas d'um moinho e ellas ahi estão aproveitadas. Aproveitemos pois tambem da loucura má d'estes perdularios, já que ainda não pude acabar com ella de todo. Se a agua é muita nas presas, não se deixa extravasar á tôa, abre-se um regueiro, que a leve onde ella seja precisa. O' Santo Deus! e então que ha por ahi terras tão sequinhas de agua! Doer-me-hia a consciencia se tivesse enchido assim a bolsa com as esmolas dos laboriosos e poupados; mas com as d'estes... ora, folgo e orgulho-me.

(*Cáe o panno.*)

ACTO SEGUNDO.

Uma sala em casa de José das Dornas. Mobilia de páo-santo. Uma mesa de pés torneados antiga, á direita; em cima da mesa garrafas e copos de vinho. Portas á esquerda e ao fundo, á direita janellas.

SCENA I.

JOSÉ DAS DORNAS sentado em frente da mesa. DANIEL, ainda em traje de jornada, sentado a um lado da mesa, e á esquerda do pae. PEDRO, de pé, junto de Daniel. CRIADOS E CRIADAS, HOMENS DO CAMPO E MULHERES DO CAMPO.

JOSÉ, enchendo os copos e cangeirões de vinho.

Vá lá, rapazes, vá mais uma pinga á saude de meu filho!

HOMENS, pegando nos copos e bebendo.

A' saude do Sê Daniel!

DANIEL.

Obrigado, meus amigos, obrigado; mas tornem a encher os copos, que eu tambem lhes quero pedir uma saude.

UMA MULHER, enquanto os homens enchem os copos.

Ainda é tão novinho!

OUTRA MULHER.

Não sei o que me parece um cirugião sem barba. Parece-me estrangeiro!

UMA RAPARIGA.

Lá bonito é elle!

UM RAPAZ, que está ao pé della.

Olhem que boniteza! Um homem quer-se um homem.

DANIEL.

Estão promptos.

OS HOMENS.

Promptos e ás ordens.

DANIEL.

Bem; mas esta agora é a virar. A' saude de meu pae!

OS HOMENS.

A' saude do Sôr José das Dornas!

JOSÉ, commovido.

Obrigado, Daniel; obrigado, meu filho (*apertando-lhe a mão*). Não te esqueceste de mim, nem te has de esquecer nunca do teu velho pae, não é assim?

DANIEL.

Esquecer-me eu! Não lhe devo eu a vida, muita amizade, e não lhe devo ainda o que sei, que, se não é muito, é, todavia, alguma coisa?

JOSÉ, querendo abafar a commoção.

Está bom, está bom... se continuas, não respondo por mim... e hoje quero saber o que vejo e o que faço. Quem te não vê ha tanto tempo quer ver-te com os olhos desembaciados, e elles já principiavam a fazer-me fosquinhas.

DANIEL, enchendo o côpo.

Então para arredar tristezas, pegue ainda uma vez n'esse côpo para festejar uma grande alegria — é o casamento do nosso Pedro. A' saude da sua noiva! Acompanhem rapazes.

OS HOMENS.

A' saude da noiva do Sê Pedro!

PEDRO.

Obrigado por ella, e por mim Daniel. Tinha-te preparado uma surpresa mas em agradecimento á tua lembrança, vou denunciar-ta. Não tardará muito que a vejas. Prometteu-me que vinha cá.

JOSÉ.

Deveras? É a primeira vez.... (*a Daniel*) Olha que vaes vêr uma guapa cachopa.

PEDRO.

Pedi-lhe tanto, que não terá remedio se não ceder.— A maior difficuldade foi decidir Guida a acompanhal-a, mas foram tantas as supplicas da irmã, que não pode afinal resistir.— Mas, é verdade, tu has-de conhecel-as. São as filhas do Meiadadas...

DANIEL.

Ah!... sim... tenho uma idéa.

JOÃO SEMANA, apparecendo á porta.

Haverá ainda lugar n'esta casa para mais um amigo!

JOSÉ, para Daniel.

Olha quem elle é!

DANIEL, indo abraçal-o.

O Sr. João Semana! O mesmo sempre!

JOÃO SEMANA.

Sempre, e em tudo, no corpo e na alma!

JOSÉ, para os camponezes, e criados.

Agora vão aproveitar o resto do feriado que hoje lhes dei, como quizerem. Livrem-se porém, que me chegue a noticia d'alguma rixa, ou desordem. O que tal fizesse não tornava a vêr as cruces ao meu dinheiro.

OS CAMPONEZES, sahindo.

Viva o Sê José das Dornas! Viva o Sê Daniel! (*Sáem*).

SCENA II.

JOSÉ DAS DORNAS, PEDRO, DANIEL E JOÃO SEMANA.

JOSÉ, baixo.

Que guapo moço, heim? E sabe muito, não é verdade Sr. João Semana?

JOÃO SEMANA, baixo.

Aproveitou-lhe o que aprendeu, aproveitou.

JOSÉ, voltando-se para Daniel.

Olha, Daniel, que o Sr. João Semana gostou muito dos teus livros.

DANIEL.

Favor que eu acceito reconhecido. Agradou-lhe então a minha these?

JOÃO SEMANA.

Agradou. Tudo aquillo é muito bonito, mas não serve para nada. Éra o que me faltava se eu, que mal tenho tempo para dormir, me punha agora a aprender aquellas cousas todas. Que nomes! Que molestias que eu nunca vi em 60 annos de pratica! Sabe você, Daniel? — eu penso que lá por fóra, n'essas terras grandes, ha fa-

bricas de molestias novas, que felizmente por lá se gastam tambem; cá á aldeia não chegam; é o que lhe sei dizer. Você para cá virá, você para cá virá.—Hade ver que na pratica a coisa reduz-se a muito pouco; mais gastricas e menos gastricas e disse.

DANIEL.

É todavia inegavel que a sciencia caminha sempre, que se devem ao estudo, novas descobertas, que a analyse medica se aperfeioa...

JOÃO SEMANA.

Isso tudo é muito bonito, mas você para cá virá, você para cá virá, e então fallaremos.

SCENA III.

OS MESMOS, E O BARBEIRO.

BARBEIRO, da porta.

Dão licença ?

JOSE.

Ah! é o mestre! Pois não, entre, mestre, entre.

BARBEIRO, entra risonho, ceremoniatico, affavel; modesto, perçado felino, a Daniel.

A sua chegada, que foi um grande acontecimento para a terra, encheu-me de verdadeiro jubilo, não só pela amizade que eu devo á familia, mas tambem pelo muito que eu tenho a ganhar com os seus illustrados conselhos. Era pois do meu dever vir logo cumprimental-o.

DANIEL.

Creia que me penhora deveras a sua delicadesa. (*Para Pedro*). Quem é?

PEDRO, baixo.

É o mestre barbeiro.

DANIEL, baixo.

Devia ter adivinhado.

JOÃO SEMANA, dirigindo-se ao barbeiro.

Diga-me um cousa, Sr. Venancio, como vae a doente do cazal da encosta?

DANIEL, á parte admirado.

Ouviria eu bem!?

BARBEIRO.

Emquanto a mim, e até onde chegam as minhas fracas luzes, aquillo é o facto que lhe subio ao coração. Por isso a dôentinha tem aquelles pasmos que se vêem. Ora os sinapismos puxando-lhe os humores para os pés, algum bém lhe podem fazer. Mas eu para mim, Sr. João Semana, penso que n'estas doenças de retrocesso, a materia reimosa não sae sem sedenho. E que alli ha materia reimosa—e fél, que é ainda peor, isso é que ha. Já vê então... mas isto digo eu; agora (*virando-se para Daniel*) lá os senhores que estudaram...

DANIEL.

Teve hoje muito que fazer, mestre?

BARBEIRO, com um sorriso e uma mesura.

Está feito. Apenas fiz tres ~~de~~ ras.

DANIEL.

E quantas barbas? (*O barbeiro morde os beiços, e disfarçando o despeito volta-se para José das Dornas, como quem falla*).

JOÃO SEMANA, a Daniel.

Olhe que um epigramma cria ás vezes um inimigo. Poupeo mestre, poupe-o. Aquillo é uma linguinha de prata e ás vezes d'onde menos se espera... Meu caro amigo, quem quizer viver bem n'este mundo, faz a vista grossa a muita coisa. Está bom, está.

DANIEL.

Que quer? Se eu não pude resistir á tentação...

JOÃO SEMANA.

Você quer saber? Quando eu andei no Porto conheci lá um padre, que era pregador de nomeada. Pois não havia outro passa-culpas como aquelle, não gostava de metter medo a ninguem com as penas do inferno. O Prior do convento chegou um dia a dizer-lhe que ralhasse mais contra o peccado, que não fosse tão bom de contentar; respondeu-lhe o padre: « Não que, reverendissimo padre, é preciso tento; nem o diabo se deve tratar muito mal, porque elle tem por ahí muitos amigos. » Guarde isto na sua lembrança.

JOSÉ.

E o nosso Reitor, sem apparecer! Elle, que eu sempre julguei que fosse o primeiro, depois de mim, a abraçar Daniel!

SCENA IV.

OS MESMOS E O REITOR.

REITOR, que entrara.

Mas por ser o ultimo, não será o abraço menos apertado e menos verdadeiro. Anda cá Daniel, anda cá filho!

DANIEL.

O Sr. Reitor!... meu velho amigo, meu mestre!...

REITOR, commovido.

Pois tu ainda te lembras das minhas lições?... E das travessuras que me fizeste... d'uma principalmente, recordas-te?... Lá aquella é que eu te não posso perdoar... mas aguas passadas não moem moinhos. Agora espero que has de ter juizo. A tua posição obriga-te a tê-lo e o teu futuro depende d'isso. Dito isto, venha outro abraço.

DANIEL.

Com mil vontades. Estou a final satisfeito. Matei as minhas saudades. Já abracei e já vi todas as pessoas que tinha empenho de vêr e abraçar n'esta terra.

REITOR, com intenção.

Não falta ninguém ?

DANIEL.

Ninguém.

REITOR, á parte.

Fallará verdade? O tempo o dirá... (*Dirigindo-se a João Semana*). Então que te parece o homem ?

JOÃO SEMANA.

Que me ha-de parecer. Bem. Ou antes: bem e mal.

REITOR.

Como é isso? Bem e mal!

JOÃO SEMANA.

Sim, o rapaz é talentoso e nas cidades talvez fizesse figura; para aqui não serve.

REITOR.

Ah! João Semana!... Ciumes...

JOÃO SEMANA.

Estás doudo? Tomára eu que elle me descarregasse de parte d'esta tarefa, mas... diz-me lá se aquelle corpo franzino, aquella pelle de mulher póde aturar metade, a quarta parte, a decima parte do que eu tenho aturado.

REITOR.

Lá isso...

JOÃO SEMANA.

Está de vêr que não. Mas lá talentoso é elle, não ha duvida nenhuma. (*Indo ter com Daniel*). Pense na historia

que eu lhe contei ainda agora, e adeus que vou á minha vida.

O BARBEIRO.

Eu acompanho-o. (*João Semana aperta as mãos de José das Dornas, e de Pedro, o barbeiro faz as suas corteziás e sáem ambos*).

SCENA V.

JOSÉ DAS DORNAS, DANIEL, PEDRO E O REITOR.

REITOR.

Faz hoje gosto olhar para a tua cara, José. Está prazenteira e até rosada.— A alegria bem se diz que remoça a gente.— Esta tirou-te, pelo menos dez annos de cima do espinhaço.

JOSÉ.

Palavra, Sr. Reitor, que n'este momento não tenho inveja a nenhum rapaz.— Sinto-me com trinta annos.

REITOR.

Quantos ha de vinte annos que não te valem em robustez e actividade a ti, mesmo com os teus setenta.— Não fallo em teu filho Pedro, que esse não pôde negar a paternidade — mas que tem elle? Não pára quieto — e sempre em caminho da janella.

JOSÉ.

E' que espera a noiva.

REITOR.

Ah! sim... bem sei...

PEDRO.

O Sr. Reitor sabe.

REITOR.

Admiras-te? Julgas que as minhas pupillas fazem alguma cousa ás minhas escondidas?

PEDRO.

Por certo que não.

REITOR.

Ora ainda bem.

JOSÉ.

Assim que ellas cheguem, convido-as logo para a minha esfolhada, que está proxima, e que d'esta vez hade ser digna de nómada.

REITOR.

Acaba-me com essas folganças, José. Isso é a perdição de muita gente. Não sei como tu, homem sisudo, te pões assim a brincar com as crianças e com os moços em termos de te perderem o respeito.

JOSÉ.

O' Sr. Reitor, deixe lá. Uma vez é uma vez. Beijos e abraços, quanto mais ás claras, menos perigosos são. D'aquelles que se dão ás escondidas, é que é o ter medo. Em quanto ao respeito, socegue que, quando fôr preciso, eu sei como elle se faz ter aos atrevidos. E depois, que quer? eu fui criado n'isto.

REITOR.

Faço ponto na conversa, porque hoje não quero ter desavença comtigo. Leva-me porém ao teu quarto que te preciso fallar, e é mesmo acertado que deixe os rapazes um instante em liberdade para conversarem desafogadamente. Hão de ter segredos que não são da nossa conta.

JOSÉ.

Vamos então, Sr. Reitor. *(Ambos entram na primeira porta á esquerda).*

SCENA VI.

PEDRO E DANIEL.

PEDRO, proximo da janella, olhando sempre para fóra.
Tu gostas da caça, Daniel?

DANIEL.

No prato. Nunca a procurei n'outra parte.

PEDRO.

Tenho pena que não gostes. Queria que visses caçar os meus perdigueiros. Havias de pasmar — mas se tens vindo aqui ha um mez, que ainda era viva a minha Ligeira, então é que tu ficavas de boca aberta. Olha que era um animal aquelle que parecia que entendia uma pessoa. Eu nunca vi um bicho mais fino! Se tu a visses no monte! Aquillo era um azogue. Um dia, tinha ido eu, o Luiz do mestre-escola e o Francisco do alferes...

DANIEL.

Isto que horas serão?

PEDRO.

Vae nas cinco. — Mas iamos nós todos... ai, é verdade, ia tambem o Domingos cabo-mór... oh! mas esse não mata um pardal. Tem aquelle diabo um costume...

DANIEL.

Que insupportavel calor!

PEDRO.

Hoje está quente, está. Mas tem aquelle diabo um costume, que, por mais que eu lhe diga, não é capaz de perder. O costume é o seguinte: Tu sabes que no tempo das perdizes... (*que tem estado sempre a olhar pelas janellas*). Ah! lá vem ellas.

DANIEL.

As perdizes?

PEDRO.

Não. A minha noiva e sua irmã. (*Corre á porta*).

DANIEL.

Chegaram a proposito. A palestra da caça interessava-me mediocrementemente. Por ora, talvez o tempo me transforme e eu venha a prezar a doce vida da aldeia, o sonho dourado dos poetas de georgicas e idilios.

SCENA VII. •

DANIEL, PEDRO, CLARA e GUIDA.

PEDRO, que tem sahido, entra acompanhando Clara e Guida.

Aqui lhes apresento meu irmão Daniel, o nosso cirurgião novo. (*Apresentando Guida*). Minha cunhada Margarida, e esta é Clara a minha noiva.

DANIEL, comprimenta levemente Guida a quem presta pouca attenção, olha depois para Clara fitando n'esta a vista com interesse.

Dou-te os parabens pela escolha. Pedro. Estou certo que te não hão de faltar invejosos.

GUIDA, aparte.

Que indifferença! Podia e devia esperar que se lembrasse. Acaso o esqueci eu?

PEDRO.

Com franqueza, dize Daniel. Ha lá pela cidade muitas raparigas tão bonitas como a minha noiva!

DANIEL.

Haverá, mas não posso affirmar, porque não vi nem uma.

CLARA.

E' lisongeiro, já vejo. Aprendeu a sê-lo na cidade?

DANIEL.

Onde é necessario sê-lo; mas aqui não é.

CLARA.

A Guida é que lhe saberia responder bem. Quando quer, sabe dizer cousas... até o Sr. Reitor, muitas vezes não tem que lhe responder. O Pedro que o diga.

GUIDA, nervosa e impaciente.

Então Clara; para que e a que proposito vaes fallar em mim.

CLARA.

Zangou-te! se eu soubesse... (*animando-a*) Perdoas-me,

GUIDA.

Estás perdoada, mas não tornes a fazel-o.

DANIEL, indifferente ao que se passa diz ao irmão
fictando Clara.

Não podias encontrar mais galante noiva! Em toda a aldeia de certo que não ha outra, que se lhe ponha a par.

CLARA, deixando a irmã, e dirigindo-se aos dous.

Pobre João Semana! Quem mais o chamará agora, depois de haver na terra medico novo?

DANIEL.

Está enganada — quando mais ninguem o chamasse, teria por si a melhor de todas as freguezias, a das raparigas.

CLARA.

Agora! E então por que o haviam de querer?

DANIEL.

Porque os medicos novos tem o máo costume de desejarem saber das doenças do coração e d'essas não se querem ellas tratar.

CLARA.

Não sei porque não ; pois não são tão perigozas ? Eu sempre ouvi dizer que se morria d'isso.

DANIEL.

Se se morre ? ! Morre-se a todo o momento até. Mas, pelos modos, é um morrer, de que se gosta.

CLARA.

Deixe lá, sempre é morte, não póde ser muito boa.

DANIEL.

Ora ! morre-se a cantar.

Da-me a vida, com teus beijos,
Já que por teus beijos morri.

Não ha uma cantiga que diz assim (*Clara e Pedro riem-se*). Ora responda ; se o medico tomasse a receita a serio, e quizesse dar a vida á sua doente ?

CLARA.

Isso mais devagar.

DANIEL.

Ahi tem ; é por esse motivo que não é bom consultar os medicos novos. O João Semana é que não é capaz d'essas tentações, julgo eu... E que as tivesse... (*Apparece ao fundo Joanna*).

SCENA VIII.

OS MESMOS, E JOANNA.

JOANNA.

Desculpem, se incommodo ; mas eu desejava saber se o Sr. João Semana ainda cá estava ?

PEDRO.

Já sahio, Sra. Joanna!

DANIEL.

Joanna! (*voltando-se*) É ella! a mesma! a mesma tal qual! Venha de lá esse abraço, minha boa Joanna!

JOANNA, entrando abraçada por Daniel.

Em boa hora vim eu! O Sr. Daniel! (*mirando-o*) Jesus! que mocetão! Ora quem hade dizer que é este o menino a quem eu dava biscoutos e que trepava, como um gato, pela pereira do quintal acima?! E então como gostava d'aquellas peras ainda rijas, que nem pedras! Sempre o tempo corre! Eu benzo-me!

DANIEL.

E quando o seu patrão tinha uns quatro pecegos muito grandes, que destinava para o vigário da vara e eu lh'os furtei, inventando depois nós ambos uma historia muito comprida de ratoneiros, a qual não deu pouco que fazer ao regedor.

JOANNA.

Sempre foi uma essa! E o vigario foi quem mais se zangou com a graça. E d'aquella vez que o menino entornou o tinteiro por cima do livro dos assentos do Sr. João Semana?

DANIEL.

Ai, é verdade. Por signal que você depois disse-lhe que foi o gato.

JOANNA.

E, coitado, foi elle o que pagou. Levou uma sova mestra! O pobre bichano não podia imaginar porque.

DANIEL.

É provavel que elle não perdesse muito tempo a investigar a razão do facto. Foi bem mais razoavel, fugindo.

JOANNA.

O menino era um traquinas! Era uma coisa por maior.

DANIEL.

Ha-de lembrar-me sempre com saudades, Joanna, de quando se cozia o pão em casa e eu vinha, ao sahir da aula, buscar o bolo que você me guardava no forno. Lembra-se?

JOANNA.

Ora, como se fosse hoje. E d'aquella tarde em que o menino foi beber agua fria logo por cima? Ai, nem quero que me lembre!

DANIEL.

Que bons tempos esses, Joanna!

JOANNA.

Se eram! Agora já o menino não quer da nossa fructa, nem do nosso bólo. Quem sabe se nol'o comerá por outra fórma?

DANIEL.

Como?

JOANNA.

Recebendo algumas das medidas e avenças que até agora eram do Sr. João Semana.

DANIEL.

Está doida, Joanna, nem seu amo tem receios de que eu lhe faça mal, nem eu vontade de lh'o fazer. Graças a Deus, eu não preciso para comer de andar a furta'r o pão d'aquelle que tantas vezes e de tão boa vontade m'o offerencia. Para o ajudar, isso, sim, estou prompto, que não é pouco pesada a cruz que elle traz.

JOANNA.

Não é menino, não é! Aquillo é um negro de trabalho. Ai, se elle faltasse o que seria dos pobres! Eu

bem sei que o menino ha de fazer o que puder, que tem bom coração; mas quem lhe deu as forças d'elle? Aquelle corpo é de ferro. Não faz idéa. Desde pela manhã, até á noute, não tem aquelle pobre de Christo um momento de socego.

DANIEL.

Mas a Sra. Joanna vinha procural-o. Que lhe queria?

JOANNA.

Vinha entregar-lhe este bilhete e trazer-lhe um recado urgente. A carta não vinha fechada. O menino póde lê-la, a menina Guida, dá licença não é verdade?

GUIDA.

Eu!... (*baixo a Joanna*) E' a minha carta?

JOANNA, o mesmo.

E'.

DANIEL, lendo.

« Meu bom Sr. João Semana. O nosso pobre doente está mal, muito mal. Corta o coração vê-lo padecer assim. Se não fôr possível salvá-o, ao menos que se não veja desamparado ao morrer. E' tão compadecido o seu coração, Sr. João Semana, abre-se tão depressa á caridade, que me atrevo a pedir-lhe que venha vêr este desgraçado. A consciencia lh'o pagará. Da sua respeitosa amiga — *Guida.* »

De quem é esta carta? Eu já ouvi este nome de... pois ha uma mulher n'esta aldeia que escreva assim?

JOANNA.

Olhem quem o pergunta! Pois de quem é ella, homem de Deus, senão de quem alli está, da irmã da sua cunhada, que ha de ser.

DANIEL.

Ah! (*Olhando para Guida que baixa os olhos*):

JOANNA.

Se escreve assim! Pois que julga que é aquella rapariga que alli vê. Bem digo eu que o menino já se esqueceu de tudo da sua terra. Então saiba que não ha por ahi quem se ponha ao lado de Guida em fallar e escrever. Esse homem por quem pede, foi mestre d'ella. Pelos modos foi pessoa que teve de seu; mas hoje está quasi a pedir. Para ahi veio, e ahi tem vivido. Aquellas duas raparigas, que são dous corações de anjos — lá isso são, têm-n'ó soccorrido sempre. Pedro leva uma mulher como se quer; mas olhe que quem levar a nossa Guida não vae mais mal servido. Este homem tem-lhe ensinado em paga a lêr e a escrever que é um primor, segundo dizem.

GUIDA.

Joanna, repare que eu estou aqui.

JOANNA.

Para mim é o mesmo que se não estivesse; hei de dizer o que entendo. Ora o tal pobre de Christo está a morrer, e, segundo diz o patrão, não deita o mez fóra. E aquellas rapariguinhas então, crêdo! isso é um cuidado por ahi além, nem que fossem filhas. Mas o que eu não sei é se o Sr. João lá irá hoje. Fica-lhe tão longe do seu gyro e já é tão tarde! Olhe, sabe o que me lembra? Porque não vae o menino- lá? Não diz que quer ajudar o Sr. João Semana? Pois ahi tem.

DANIEL.

Eu por mim, vou; não me custa. Encetarei assim a minha carreira logo no dia da minha chegada; mas o que eu não sei é se as caridosas enfermeiras do doente confiam em mim.

CLARA.

Pois não havemos de confiar! . .

JOANNA.

Então, olhe. Tambem póde fazer-nos ainda outro favor. O outro recado era para o Sr. João Semana ir a

casa do João da Esquina, o seu vizinho aqui da tenda. Ao menino fica-lhe perto de casa, se lhe não custasse ia igualmente lá.

DANIEL.

Tambem irei, o ponto está que o homem me queira.

JOANNA.

Se não quizer que mande fazer um de encommenda. Era que o faltava. Já vê que não tenho nenhuma má vontade contra o menino, até lhe dou freguezia.

(Ouve-se ao longe as vozes das raparigas do campo entoando em côro uma saudação á Virgem Maria — a predilecta da piedade popular).

DANIEL.

Pareceu-me ouvir. Não me engano. Oieço cantar ao longe.

PEDRO.

São as raparigas da aldeia que regressam do trabalho e que vem entoando em côro uma saudação á Virgem Maria, a predilecta da piedade popular.

DANIEL.

Que singela e poetica toada!

PEDRO.

Se queres vel-as passar, anda d'ahi até ao terraço.

DANIEL.

A minha futura cunhada acompanha?

CLARA.

Acompanho. E tu, Guida, não vens?

GUIDA.

Lá irei ter. *(Daniel offerece o braço a Clara, e seguem Pedro).*

JOANNA.

Então adeus, menino Daniel.

DANIEL.

Adeus minha bôa Joanna, até outra vez. (*Saem os tres.*)

SCENA IX.

GUIDA, E JOANNA.

JOANNA.

É um bom rapaz, lá isso é... Ficava por elle em tudo, menos n'uma coisa.

GUIDA.

E vem a ser...

JOANNA.

No capitulo mulher. Irmã ou filha minha não a fiava d'elle um segundo. Julgo que fez bôas lá pela cidade.— O Sr. João Semana contou-me, pelc alto, algumas que lhe chegaram cá aos ouvidos. Em todo o caso menina sempre é bom trazê-lo de olho. Aquella cabeça, benza-a Deus, não vale grande coisa não. Sempre assim foi. Como a Clarinha lhe casa agora na familia, é natural que elle conviva de perto. Cautela! menina. Eu bem sei que com certa gente não faz elle farinha, mas...

GUIDA, forcejando por sorrir.

Que idéa, Sra. Joanna.

JOANNA.

A menina ri-se! É o que eu lhe digo. Não lhe dêem muita confiança. Não, que elle tenha mão coração. Crédo! Conheço-o de pequeno. Aquillo não faz mal a uma pomba mas em quanto ao mais.— O' padre Santo Antonio nos acuda! Eu digo, que se eu fosse rapariga .. Mas... que tem que está tão falta de côr, menina? Não está bôa?... que sente?...

GUIDA, procurando mostrar-se tranquilla.

Nada.— Não tenho nada. E' que aqui está muito abafado e.. (*Ergue-se, caminha para a janella, e disfarça a sua perturbação*).

JOANNA.

Não que olhe que sempre hoje tem feito um calôr... E Jesus! Valha-me Deus! E' quasi noite e eu aqui pegada a tagarellar... Adeus, menina, adeus, que são horas de ir cuidar na cêa do Sr. João. (*Dá um beijo em Guida e sáe pelo fundo*).

SCENA X.

GUIDA, sosinha.

Que loucura é esta, mulher? Pois ainda tens d'essas ciancices, douda? Que pensavas tu? que esperavas? Era acaso possível que elle se lembrasse de ti?... E para que?... Não foi melhor que se esquecesse? Diz. (*Pausa*.) É porque não heide eu tambem distrahir-me, como se distrahe a Clara? Virão já de nascimento estes genios assim? Antes, creio... isso sim, que o genio de cada um toma a feição da vida que em criança se teve... Uma pessoa a final, é como uma arvore; em quanto nova é que se póde dobrar, que depois... Lá estão no quintal aquelles cedros que de pequenos Clara vergou em arco, ganharam essa forma e hoje já não se erguem direitos como os outros. (*Ouve-se novamente o canto*.) Mas ahí vão essas que cantam, e riem, e folgam.— E que alegrias tem ellas em volta de si? — Alegrias! prantos e dôres muitas vezes! E quando lhes falta o trabalho nunca eu senti o que ellas sentem: a fome, o frio! E cantam! Então sempre é certo que é do berço, que nos vem este fadario de tristeza e que... Pois sim, mas ha uma riqueza que ellas têm e eu não tive: um olhar de mãe! Viram sorrir-lhes a mãe! No meio da pobreza, no meio da miseria, póde nascer ainda alegria; mas é preciso que haja um olhar de afeição para a crear... um olhar de mãe, sobretudo. Ai, um olhar de mãe deve ser para a

gente, quasi como um raio de sol para as flores. Clara teve uma mãe que a estremeceia, teve o seu raio de sol... eu, de bem pequena perdi a minha e... Quem tão cedo se vio orphã, como hade ser para alegrias— Elle? Daniel esqueceu-me, esqueceu-me inteiramente! Que mudança traz o tempo! Eu não sei como são certas memórias tambem... Quem havia de pensar?... Parece-me que ainda o estou a ver, quando elle era creança, e vinha...— Dez annos! Que lagrimas são estas! Porque choro eu? Não quero chorar, não quero... (*Buscando n'uma lucta intima conter as lagrimas.*) Heide ter forças, heide... Oh! mas não... é-me impossivel, meu Deus! Se eu senti, e sinto ainda que o amo e que ha instantes fui peor ainda que esquecida, fui indifferentemente desprezada! (*Desata n'uma convulsão de choro.*)

SCENA XI.

GUIDA, CLARA E O REITOR.

CLARA, vem da segunda porta da E. e ao mesmo tempo apparece o Reitor á primeira porta do mesmo lado, Clara entrando.

Então assim é que foste ter connosco? Eu já não podia esperar mais...

GUIDA, suffocando as lagrimas e affectando a maior alegria.

Ia agora mesmo Clara.— A culpa foi de Joanna, que me demorou com os seus contos .. o que me fez rir... rir tanto... E quando me lembra o que ella me disse ainda rio... (*com riso nervoso*) e rio deveras bem vês.

CLARA, olhando para ella espantada.

E' verdade... mas não sei porque estranho-te...

GUIDA, continuando a disfarçar.

Estranhas ver-me contente!... Não admira se tambem eu estranho... é tão raro... mas um dia havia de ser... foi hoje...

CLARA, desconfiada.

Pois, sim... mas...

REITOR, adiantando-se.

Qual mas, nem meio mas... Se Guida diz que está alegre é porque o está... Porém eu tenho que lhe fallar. Deixa-me um instante sosinho com ella... que eu depois prometto leval'a para o pé de ti.

CLARA.

Não se demorem então muito. Verão que se divertem... Só para ouvir fallar o Sr. Daniel vale a pena. Analysa tudo com uma graça — Então até já. (*Sae a correr pela mesma porta por onde entrou*).

SCENA XII.

GUIDA E O REITOR.

REITOR, indo a Guida.

A mim não me illudes tu, Guida? Leio-te n'alma...

GUIDA.

O Sr. Reitor!

REITOR.

Deixa correr diante de mim as lagrimas... as lagrimas consolam... e esse riso assim dilacera e afflige — Tu ouves-me, Guida?

GUIDA, deixando cahir-lhe o rosto, sobre o peito.

Ah! sou muito desgraçada...

REITOR.

És um grande coração filha — é a tua desgraça, por ora.

GUIDA.

Por ora!

REITOR.

Por ora, repito.— Descreste logo... e ás vezes... tem esperança, filha.

GUIDA.

Descri logo, diz o Sr. Reitor — e accrescenta que tenha esperança — esperança... em que?

REITOR.

Se eu te disser que advinhei tudo... tudo, Guida.

GUIDA.

Advinhou? O Sr. Reitor pôde saber... sabe?

REITOR.

Sei o passado e vejo o presente.

GUIDA.

O passado!... que passado!

REITOR.

Se ha meços esquecidos, ha velhos lembrados. E a prova é que já vae em dez annos que eu ouvi certo dia no campo ao por do sol mettido entre o tojo e as giestas uma cantiga que nunca mais se me varreu da memoria — Principiava assim:

Andava a pobre cabreira
O seu rebanho a guardar,
Desde que rompia o dia
Até a noute fechar.

Sabes quem a cantava.

GUIDA.

Sr. Reitor!...

REITOR.

Era uma pastorinha minha conhecida. Ainda me lembra do grupo que lá vi n'essa occasião. A pequena

estava sentada n'uma pedra informe e musgosa e folheava com attenção um livro, dirigindo de tempos a tempos, meios sorrisos para um rapaz de 10 annos, que deitado as pés d'ella, debruços com os cotovellos fincados no chão, e o queixo pousado nas mãos, parecia ao contemplar embebecido os olhos da engraçada criança, estar divisando n'elles os dotes mencionados da canção da *morena* que lhe ouvi cantar. Completava o grupo um cão, enroscado junto do pequeno estudante. — Que dizes a minha memoria, Guida?

GUIDA.

Que soube ser fiel... como é a minha.

REITOR.

Podéra, não me ser fiel, se por um triz fiquei vivo d'essa vez para contar hoje o caso. Ainda me parece vêr o cão rompendo por entre o centeio e lançar-me depois as patas dianteiras, sobre os hombros em quanto uma voz lhe gritava — busca, Gigante, péga!

GUIDA.

Não era a minha.

REITOR.

Não era, não. — Quando eu gritei chama este cão, rapaz endemoninhado! Elle mata-me, — foste tu que bradaste: aqui Gigante! — O que tambem me não esqueceu foi a gargalhada que soltou Daniel, quando eu virei costas. Lá disse sem querer o nome do rapaz. — Responde-me agora Guida, se depois do que te acabo de contar, ainda te surprehende que eu advinhasse tudo.

GUIDA.

Crê então?...

REITOR.

Creio que avaliando tu, por os teus, os sentimentos dos mais, doe-te e doe-te profundamente vêr que em Daniel, estão inteiramente apagados os vestigios d'a-

quella infancia, gosada em commun por ambos. Pensaste que te reconheceria, que não ouviria pronunciar o teu nome, sem que a memoria o repercutisse; que um primeiro olhar fertil em recordações, bastaria só para ressuscitar o passado. Não é isto assim ?

GUIDA.

É ; mas enganei-me.

REITOR.

Não descreias todavia... É possível que lá para o diante a memoria lhe accorde e o passado reviva.— Tem fé, Guida.

GUIDA.

Quizera tê-la, mas não posso.

SCENA XIII.

OS MESMOS E JOSÉ DAS DORNAS.

JOSÉ.

Olá, ainda aqui está o Sr. Padre Antonio. Mas que vejo — é a menina Guida. Sempre veio... Obrigado... muito obrigado por esta honra que nos fez... mas tenha paciencia, que nos hade fazer ainda outra honra maior. Olha que d'esta vez o favor é feito a mim.

GUIDA.

Se estiver na minha mão...

JOSÉ.

Está... se está. E' abrilhantar com a sua presença a minha esfolhada que é d'aquí a oito dias...

GUIDA.

Eu... bem sabe que não costumo ir a festas.

REITOR.

Irás, porém a esta. Fica por minha conta decidil-a, José.

JOSÉ.

Obrigado, Sr. Padre Antonio. E a Clarita — a noiva de meu filho, onde está?

GUIDA.

No terraço.

JOSÉ.

Deixem-me então ir vê-la. Com licença. (*Sae*).

SCENA XIV.

GUIDA E O REITOR.

GUIDA.

Pois o Sr. Reitor quer... exige que eu vá á esfolhada?

REITOR.

Quero sim, exijo. Convém que acompanhes Clara. Toma-me conta n'ella. E' rapariga e amiga de brincar. Lembra-te da sua posição hoje e serve-te do poder que tens sobre ella para a guiares, minha filha. Dá-lhe parte do teu juizo.

GUIDA.

Mas .. elle hade lá estar... Que quer, Sr. Reitor, o meu coração é agora muito da terra para poder ser forte. Os meus olhos ainda se não secaram para as lagrimas e...

REITOR.

Bémaventurados os que choram! Mas não sei por-

que... tenho fé que ainda te heide enxugar essas lagrimas... Tem fé n'este velho, Guida, que é de veras teu amigo — Tens?

GUIDA.

Como em Deus!

REITOR.

Então encosta-te ao meu braço, dá-me um sorriso em troca da minha esperança, que preciso d'elle, e será o que Deus quizer! (*Os dous encaminham-se para o fundo*).

(*Cae o panno*).

ACTO TERCEIRO.

QUADRO PRIMEIRO.

Um grande telheiro que principia na frente do theatro e vae descansar, quasi a fundo, sobre pilares de pedra. Ao fundo vê-se a eira rodeada de mêdas de milho. Entre o telheiro e a eira carros descansados sobre fueiros, e alguns carregados ainda de cannas de milho. Entradas dos lados do telheiro. Luar. Um enorme monte de espigas occupa o meio do telheiro. Amplas canastras espalhadas em torno.

SCENA I.

DANIEL, que entra pelo fundo.

E' aqui debaixo do telheiro a esfolhada! Bravo! como tudo está bem disposto! Confesso que estou com curiosidade de assistir a esta festa. Vae-se desenvolvendo em mim o gosto para genero campestre. Principio a achar mais dignas do pincel de um artista estas formosuras expressivas, e, quasi direi, energicas da aldeia, do que as, sempre monotonamente languidas, maravilhas da cidade. Pena é que o reconhecesse tão tarde. Resta-me já pouco alento para emorezas de rapaz; e, demais, a minha nova posição social obriga-me a uma severidade que me tolhe a acção. Não obstante, andam-me a tentar os olhos pretos da filha do Sr. João da Esquina, e eu não sei se sustentarei o equilibrio por muito tempo.

SFENA II.

DANIEL E JOANNA, que apparece ao fundo.

Olhem quem elle é! Safa! que madrugou!

DANIEL.

Vim estudar o terreno, minha boa Joanna. Mas a que horas é isto?

JOANNA.

As esfolhadas em casa do Sr. José das Dornas nunca principiam antes das nove horas. Já que o encontrei, quero dizer-lhe uma cousa. Saiba que muito gostou de o ver o Sr. João Semana... Elle tem aquelles modos assim seccos, mas... inda hontem estava a dizer que o menino ha de vir a ser coisa grande.

DANIEL.

Não, agora já não cresço mais.

JOANNA.

Ora, bem sabe o que eu quero dizer. Está a mangar.

DANIEL.

Eu lhe digo, Joanna. Eu que vim metter-me n'esta terra, é porque tenho ambições. Lá isso tenho. A si, posso dizer-lhe baixinho, o meu grande desejo é vir a ser...

JOANNA.

• O que?

DANIEL.

Nada menos que Regedor cá na aldeia.

JOANNA.

Ora!... falla serio?

DANIEL.

Pois isso é cousa lá com que se brinque?

JOANNA.

Então para que quer ser Regedor?

DANIEL.

E não é uma posição tão bonita?

JOANNA.

Não digo que não. Pois olhe, com o tempo isso não será difficil. O Sr. João Semana já esteve para o ser; elle é que não quiz. Mas o que é que o menino está aqui está casado.

DANIEL.

Porque diz isso?

JOANNA.

Ora, o pae ha de arranjar-lhe noiva rica.

DANIEL.

E então ha por cá muito d'esse genero?

JOANNA.

Se ha? Boa! Ahi tem a filha da Cova do Frade, que é uma moça bonita.

DANIEL.

Ai, muito bonita! Parece mesmo uma dhalia vermelha.

JOANNA.

Que está a dizer? E' uma rapariga escarolada e sadia.

DANIEL.

Lá escarolada será; e então tem muito dinheiro?

JOANNA.

Para cima de vinte mil cruzados.

DANIEL.

Ih! que dinheirão!

JOANNA.

Então acha pouco ?

DANIEL.

Está claro. Mulheres com ménos de quarenta contos, Joanna, não me servem.

JOANNA.

Crédo ! O que ahí vae ! Então não casa de certo, também lhe digo.

DANIEL.

Se não a encontrar cá, trago mulher da cidade. Olhe que são mais bonitas. Uma senhora que saiba tocar piano, que saiba cantar, que ande á moda.

JOANNA.

Sume-te! Sempre as taes modas! E' nq que ellas pensam. Ora que graça acham áquellas coisas?

DANIEL.

Você não sabe o que diz, Joanna. Inda heide vê-la andar á moda, a si também.

JOANNA.

A mim? alguma estava n'esse dia para succeder.

DANIEL.

Mas olhe cá, Joanna, e quando você me vir passear de braco-dado com minha senhora, ella com vestido de seda a arrastar pelo chão...

JOANNA.

Isso! Olhe que hade ficar em bom estado. Passeie pelo tojo e verá.

DANIEL

Um pé muito pequenino.

JOANNA.

Tambem muito pequenos não servem para andar. Quer-se em termos.

DANIEL.

Nada, quero-os muito pequeninos, e depois uma vósinha que mal se perceba.

JOANNA.

Ora essa! Então não se ha de ouvir o que ella diz?

DANIEL.

Vocês cá não tem d'isso.

JOANNA.

Isso não. O pé mais pequeno que eu conheço... é o da filha do Matheus, que teve, salvo seja, um ramoinho em criança e ficou aleijadinha; e agora voz que se não perceba... olhe, tem allí a Anna do Regedor que desde que lhe cahio aquella constipação no peito, ninguem lhe entende palavra. Mas o Sr. Daniel já tem derrigo cá na aldeia, tudo se sabe... e olhe que o tal derrigo já faz um escandalo por ahí além.

DANIEL.

Deveras! quem é então a feliz?

JOANNA.

Ora faça-se de novas. E' a filha do João da Esquina.

DANIEL.

Ah! ah! ah! Cá me vou com essa.

JOANNA.

Esperem... ouça...

DANIEL.

Não posso. Tenho que fallar com meu irmão antes da esfolhada. (Sáe).

SCENA III.

JOANNA só, DEPOIS GUIDA E CLARA.

JOANNA.

A mim não me enganou elle! O que o berço dá...
Vejam se não era certo o que eu dizia. Ha oito dias
que está cá na aldeia e já deu que fallar. Arreda com
elle! Safa! que é da pelle do demonio!

CLARA, que entra com Guida.

Viva! Já não ha quem a veja Sra. Joanna! Eu até
principei a rezar-lhe todas as noites por alma um
Padre-Nosso e uma Ave-Maria.

JOANNA.

Olhem os meus peccados! Inda mais esta! Bôa te
vae! Estou bem aviada.

CLARA.

Então que tafalaria é esta? Lenço novo de cassa! Já
reparaste, Guida! E arrecadas! Ai! Estou para morrer!
O mundo perde-se! Agora é que eu o digo.

JOANNA.

E' para que veja.

CLARA.

O' Joanna, você irá casar-se?

JOANNA.

Olhem, olhem... ella ali vem com as suas tolices!
Tenha juizo.

CLARA.

Não, mas... sério, isto tem que se lhe diga... E
penteada! ai, e penteada!

JOANNA.

Que penteada? que penteada? Cuida que todas são como ella. Sempre está uma mulher casada!

CLARA.

Ainda não, se faz favor.

JOANNA.

Pobre do homem! Melhor sorte merecia aquelle Pedro, que tão bom mocinho era... e é.

CLARA.

Ah! como ella diz isto! Querem vêr que... Queres tú vêr, Guida, que... Pois será com elle? Veja o que faz, Joanna, olhe que eu..

JOANNA.

Adeus! Sabe o que mais? Não estou para a aturar. Deixe-me ir embora, ande.

CLARA.

Embora? Isso é que não vae tão cedo. Fica para a esfolhada.

JOANNA.

Qual fico! Isso foi tempo! Verdade seja, que, passando pela eira, não resisti á tentação de entrar aqui.— E Jesus Senhor! deixe-me ir, que é noite. O meu amo está á espera. Valha-me Deus! Ora o que me havia de apparecer.

CLARA, segurando-a.

Não vae.

JOANNA.

Olhem que praga! Então não tem graça nenhuma. Não vê allí a Margaridinha como tem juizo.

CLARA.

Venha-me com isso, a vêr se me mette em brios.

GUIDA.

Deixa-a ir, Clara, deixa, que pôde fazer falta.

CLARA.

Vá lá em attenção á Guida. Mas tome lá esta massaroca para o Sr. João Semana!

JOANNA.

Não, que elle mesmo está á espera da sua massaroca, nem dormio com a sua lembrança.

CLARA.

Quero que lh'a entregue da minha parte. Já disse : amores antigos não esquecem.

JOANNA.

Olhe, deixe antes isso para o cirurgião novo, que esse é que não lh'a engeita!

CLARA.

Quem? O Sr. Daniel? Ai, é verdade... Tu sabes, Guida? A Chica do tendeiro.

GUIDA.

Sei... sei.

JOANNA.

Tambem aquella bandeira de torre, volta-se para onde lhe sopram. Louvado seja Deus. Não ha olhos para que se não enfeite. E ainda o accusam a elle. Faz muito bem; é rapaz.

CLARA.

Sempre tem uma cabecinha o tal senhor meu cunhada. E faz versos! Eu por mim ainda sou pelo João Semana. Olhe, Joanna, diz-lhe você que me faça uns versos tambem? Assim como os do outro.

JOANNA.

Ai, já vae fazel-os. Pôde esperar por isso...

CLARA.

Uns versos como os taes da... trigueira... Não são da trigueira?

JOANNA, sahindo.

Sim, sim, tudo se ha de arranjar.

CLARA.

É verdade que eu já sei uns que serviam. (*Canta*).

Morena, morena,
Dos olhos rasgados,
Teus olhos, morena,
São os meus peccados,

(*Joanna sahio*).

SCENA IV.

GUIDA E CLARA.

GUIDA.

Toma sentido, Clara. Tem juizo esta noite. Modera as tuas brincadeiras. Lembra-te que estás para casar. Afinal, por mais que digam, sempre n'estas esfolhadas ha liberdades e costumes que... que...

CLARA.

Sabes, Guida? se todos se fossem a levar pelos teus conselhos, e dar attenção aos teus medos, pde ser que o mundo andasse muito bem guiado, e andava de certo, porém morria-se de aborrecimento por ahi.

GUIDA.

Que queres, Clarinha? Assustam-me sempre estes serões. Ás vezes ha desordens, rixas.

CLARA.

Ai, socega. Eu te prometto que me não mettereí em nenhuma.

GUIDA.

Promette-me tambem que não darás causa a nenhuma.

CLARA.

Como queres que eu dê causa a uma desordem, louquinha?

GUIDA.

Como ha de ser? Eu digo-to, mas não te arrenegues. Tu tens um bocadinho de ruindade, confessa, e, às vezes para te divertires, gostas de fazer perder a paciencia aos outros. Ora, Pedro, tem um genio assomado e. . .

CLARA.

Deixa-te d'isso. O Pedro não é homem para se finar por ciumes só por vêr receber ou dar um abraço, em noite de esfolhada. Era o que me faltava tambem.

GUIDA.

Assim será. Não quero contrariar-te mais.

CLARA.

Mas não ficas zangada comigo, não? Porque tu és ainda e has-des ser sempre minha amiga...

GUIDA.

A minha amisade, pedes-me tu. E, a não ser a ti, a quem queres que eu vá dar toda esta que Deus me poz no coração, para dar? A tua mãe devi eu a esmola do pão e do abrigo; a ti devo-te mais, devo-te a esmola da consolação e do conforto; por isso te estremeço e quero, Clarinha. E tu duvidal-o?

CLARA.

Esmola! esmola! que palavra! Como podias tu receber esmola em casa de teu pae, Guida?

GUIDA.

A casa não era de meu pae, era de minha madrastra.

CLARA.

Porém ficou sendo tua desde que foi minha.

GUIDA.

Assim m'ó disseste, assim m'ó tens dito sempre. Não ha melhor alma que a tua, Clarinha, tenho provas, e grandes provas meu anjo. Ainda me lembra aquella noite de inverno, que tua mãe antes de se ir deitar contigo ás 9 horas, me obrigara a conservar-me em pé serandando, até concluir uma tarefa que me marcará. Era como disse no inverno; fazia um frio excessivo. A lareira estava, apagada já, da parede defumada pendia uma candeia, cuja luz era a unica a alumiar o recinto. O vento assobiava nas innumeradas fendas da porta da cosinha, e entravam correntes impetuosas pelo tubo da chaminé, vindo inteiricar-me os membros recelados, deixando-me a custo sustar a roca e torcer o fio, para terminar o trabalho. De repente, não sei como adormeci. Passados alguns momentos despertei. Ao lembrar-me que adormecera com o trabalho mal principiado ainda, avertou-se-me o coração, e juntei as mãos desesperada. Mas que espanto foi o meu quando vi espiada a roca e fiadas as estrigas que me haviam dado por tarefa. A minha primeira idéa foi que tinha sido aquillo um milagre da Senhora, a quem me havia encommendado e cujo auxilio fervorosamente supplicara. Mas pouco a pouco, a verdade foi-me apparecendo, mais distincta e pela madrugada acabaram de confirmal-a alguns vestigios evidentes de que tu, minha Clara, tinhas estado junto de mim aquella noite, em quanto eu dormia; denunciara-te um lenço que deixaras cahir na pressa com que voltaste a alcova.

CLARA.

Guida!

GUIDA.

E tambem nunca me hade esquecer a recompensa que

tu me pediste quando no outro dia te vim dar um beijo de agradecimento. Foi que não quizesse mal a tua mãe, por me mortificar tanto. Pois eu podia querer mal a tua mãe douda! e podia eu querer mal a quem me dava o pão de que me sustentava, o tecto e os vestidos que me cobriam? Que eu nada d'aquillo tinha, Clara.

CLARA.

Não me digas isso. (*Olhando para o fundo onde principiam a apparecer camponezes e camponezas*). Masahi vem chegando gente. Repara.

GUIDA.

Não te esqueças do meu pedido. Tem juizo.

CLARA.

Fica descançada.-- Mas vae principiar a esfolhada.-- Ahi vem já o Sr. José das Dornas e Pedro.

SCENA V.

GUIDA, CLARA, JOSÉ DAS DORNAS, PEDRO, CAMPONEZES, que continuam a entrar até ao momento de principiar a esfolhada.

JOSÉ, vendo as pupilas e indo a ellas.

Bravo! foram de palavra! e não se fizeram esperar— Assim é que eu gosto! O promettido é devido. Vivam lá raparigas! Salve-os Deus, meus rapazes.

CAMPONEZAS.

Para que viva Sr. José das Dornas.

CAMPONEZES.

Salve-o, Deus Sr. José! P'ra que viva Sr. José.

JOSÉ.

Cheguem-se raparigas.— Andem para aqui rapazes.—

Toca a sentar — e á vontade — cada qual procura o seu lugar. (*Os camponezes e camponezas sentam-se em roda do monte das espigas, Pedro e Clara sentam-se á esquerda, ficando Clara á frente.*) A menina Guida vem aqui para o pé de mim. — Espero merecer-lhe este favor — e esta honra.

GUIDA.

A honra sou eu que a recebo (*Vae sentar-se ao lado de José das Dornas ficando tambem á frente.*)

JOSÉ.

Agora, mãos á obra. (*Tira uma massaroca, todos o imitam. principia a esfolhada.*)

CLARA, a Pedro.

Seu irmão Daniel não vem á esfolhada?

PEDRO.

Vem com certeza. Não tarda ahi. O pae quiz que viesse depois do serão começado. D'este modo a surpresa causará mais alvoroço.

JOSÉ.

Isto sem cantigas não presta. — Quem principia — Vamos, cante algum. — Canta tu, Rita (*para uma rapariga*).

RAPARIGA.

Mas o que ha de ser? Escolha, Sr. José.

JOSÉ.

Queres que eu escolha? Vá lá que seja. Canta então a *canninha verde* que é a cantiga cá da minha predilecção.

A RAPARIGA, canta.

Canninha verde etc., (*os mais respondem em côro*).

SCENA VI.

OS MESMOS E DANIEL, que entra finda a cantiga.

DANIEL, apparecendo ao fundo.

E um lugar para mim, não ha? *(Todos voltam a cabeça para ver, mas tornam logo a baixal-a, continuando a sua tarefa, alguns homens franzem as sobrancelhas e rosnam entre si o seu desagrado, as mulheres de idade fitam n'elle um olhar como quem fita um lóbis-homem, as raparigas acotevellam-se umas ás outras).*

PEDRO, a Clara.

Não dizia eu que elle não tardava.

JOSÉ a Guida.

Ficaram todos pasmados! Podera! Ninguem esperava este reforço.

GUIDA, aparte.

Dae-me animo, meu Deus!

JOSÉ, vendo que Daniel procurava um lugar e que ninguém lh'o concede.

Então que é isso? Que diabo! Não haverá ahi lugar para mais um? Olhem que o rapaz não está empestado. *(Faz-se um movimento geral para conceder o lugar requerido, movimento simulado porém, que, longe de abrir brecha no circulo antes mais o estreita).*

CLARA.

Venha para aqui, Sr. Daniel, se lhe agrada a companhia. *(Arreda-se de uma mulher que lhe fica ao lado direito e o offerece a Daniel).*

DANIEL.

Ora bem. Eis-me no meu posto. Deixem-me pagar a patente, *(tirando da algibeira varios maços de cigarros que*

offerece). Tirem, rapazes, tirem. Agora, vou tambem principiar a minha tarefa. (*Agarra n'uma espiga a que dá voltas e mais voltas antes de esfolhar*).

CLARA.

Que desastrado! N'esse andar tem que fazer.

DANIEL.

Então como é que se arranja esta coisa?

CLARA.

Assim, ora repare. Pega-se n'um prego...

DANIEL.

Mas que é do prego?

CLARA.

Então não sabia pedi-lo? Ahi tem um. Mas pega-se n'um prego e atravessa-se o folhido assim, e depois... (*esfolha a espiga*) está prompto.

DANIEL.

Vamos a vêr se eu sei.— Seguro o prego, prompto... atravesso o folhelho, o folhido ou lá o que é... até aqui vae bem. E depois, e depois... depois (*nada consegue e todos riem*).

JOSÉ.

Agora, Clarinha... é tempo de ouvirmos a sua voz.

PEDRO.

E' verdade.

TODOS.

E' verdade, é verdade.

CLARA.

Não me farei rogar.

Andava a pobre cabreira
O seu rebanho a guardar,

AS RAPARIGAS, em côro.

Desde que rompia o dia,
Até a noite fechar.

GUIDA, que, denunciava, intima commoção ao ouvir a
canção, á parte.

Oh ! meu Deus ! que recordação ! e que dôr !

CLARA, continuando.

De pequenina, no monte,

RAPARIGAS, em côro.

Nunca teve outro brincar ;
Nas canceiras do trabalho
Seus dias vira passar.

DANIEL, como quem se recorda, á parte.

Esta chacara já eu ouvi... Que lembrança me acorda...
(*Fita Clara attentamente*).

CLARA, continuando.

Sentada no alto da serra,
Pôz-se a cabreira a chorar,

RAPARIGAS, em côro.

Porque chorava a cabreira
Agora haveis de...

JOSÉ.

Milho-rei ! milho-rei !
(*A' exclamação do lavrador levantam-se de todos os lados*).

TODOS.

Cumpra, cumpra a sua obrigação.

JOSÉ levantando-se.

Lá vae, lá vae (*levantando-se e principiando a abraçar os rapazes e as raparigas*). Na minha idade, aos setenta

annos, só o milho-rei me podia dar d'estas fortunas (*abraçando uma rapariga*). Ainda bem que a sorte m'ò trouxe ás mãos.

UM CAMPONEZ.

Foi o primeiro que apanhou. E' ou não feliz o Sê José.

JOSÉ, abraçando um homem.

Que bello abraço que eu desperdicei agora! (*abraçando um rapaz*). Rapazês, tenham paciencia. Eu sei que não são d'estes abraços que vós quereis. Mas é lei, é lei. Os outros virão a seu tempo.

UMA RAPARIGA, que José das Dornas abraça.

Eu cá não trocava este por os de muitos rapazes.

JOSÉ.

Que tal! heim! Apanhem lá essa. (*A um criado que abraça*). Ah! maroto, ser obrigado a abraçar-te, quando tanta vontade tinha de te apalpar d'outra maneira as costas! Ora vá, que talvez te não gabes d'outra.

UMA RAPARIGA.

Milho-rei! milho-rei! (*Levanta-se e vai abraçar*).

JOSÉ, para Clara.

Então a Clarinha não continúa a cantar. Nem eu mesmo sei porque interrompeu a cantiga.

CLARA, canta.

Ai, que triste a sina minha,
Ai, que triste o meu penar,

RAPARIGAS, em côro.

Que não sei de pae nem mãe,
Nem de irmãos quem amar.

DANIEL, mostrando uma espiga de milho vermelho a Clara.

Visitou-me, emfim, a ventura. Graças a Deus! Porém

mais feliz seria se fosse promettido cumprir da sentença só aquella parte que me não obriga a levantar.

CLARA, baixando os olhos.

Isso não se diz.

DANIEL.

Apezar de o sentir. (*Alto.*) Milho-rei!

JOSÉ.

Só tu não apanharias! Então anda, cumpre a tua sentença.

(*Daniel vae abraçar a todas, mas á pressa e distrahidamente.*)

GUIDA, que elle abraça.

Sempre esperei que me havia de arrependar da minha condescendencia. Quantas impressões, Senhor meu Deus!

SCENA VII.

OS MESMOS E O REITOR.

REITOR, da entrada.

Deus abençõe a todos e Deus afugente d'aqui a tentação do inimigo.

TODOS erguendo-se.

O Sr. Reitor!

REITOR.

Deixem-se estar. Eu não vim para desmanchar prazeres. Vim... por curiosidade.

JOSÉ.

O Sr. Padre Antonio, aqui.

REITOR.

A religião manda-nos entrar em toda a parte. Quando nos conduz a idéa de lembrarmos o cumprimento dos seus deveres. (*Passando por Clara, a quem n'este momento Daniel abraça.*) Depois não tinha ainda hoje abençoado as minhas pupillas, e ainda que já tarde queria abençoal-as. (*Clara solta-se de Daniel meia envergonhada e beija a mão do Reitor.*) Deus seja contigo e em tua guarda. (*Encaminha-se para o outro lado.*)

JOSÉ.

Quizera Sr. Padre Antonio, mas não me atrevo a offerecer-lhe um lugar.

REITOR.

A minha pupilla Guida, aqui me dará lugar a seu lado. Mas riem e brinquem que eu também gosto de ver rir e brincar. A alegria não é peccado!

JOSÉ.

Alegrem-se então raparigas, alegrem-se rapazes. Bem ouvem o que diz o Sr. Reitor.

REITOR, a Margarida.

Lembras-te do que te recommendei ha tempos, Margarida? Não tires as vistas de Clara. E' uma espionagem necessaria para bem d'ella, por isso não deves ter escrupulos em fazê-lo.

GUIDA.

E porque me repete agora outra vez essa recommendação, Sr. Reitor.

REITOR.

Eu cá me entendo. Faz o que eu te digo, Margarida. Também não sei que demoras são estas com o tal casamento! E' preciso dar aviamento a isto.

DANIEL, que tem estado sempre fallando com Clara.

Mas, Clarinha, repare que ainda não teve uma só palavra que me dissesse...

CLARA.

E que quer que eu lhe diga?

DANIEL.

Pois não se lembra de nada?

CLARA.

De nada. A minha cabeça não tem n'este momento muito para me dar.

DANIEL.

Oh! mas não lhe peça nada tambem, peça antes ao coração.

CLARA.

Que posso eu pedir ao coração que lhe sirva?

DANIEL.

Se elle não tiver que dar, que se dê a si proprio.

CLARA, erguendo-se de repente.

Sr. Daniel!

PEDRO.

Que tens, Clarinha?... Pareceu-me que te ouvi...
Que tens? dize.

CLARA, ainda agitada, apertando o braço de Pedro,
como quem procura protecção.

Não é nada.

GUIDA, correndo a ella.

Que foi?

PEDRO.

Mas tu gritaste.

CLARA.

Não; é que... a fallar a verdade, não sei o que sinto... Olha, sabes? queria me ver em casa. Se soubesse, não tinha vindo.

GUIDA.

Mas que tens tu? que sentes, Clara?

CLARA.

Por quem és Guida, não me perguntes hoje nada, se és minha amiga. Estou doente...

GUIDA, á parte.

Oh! meu Deus! tremo de adivinhar!

DANIEL, dirigindo-se a ella.

Está doente, Clarinha?

CLARA, ao fitar Daniel. .

Pelo amor de Deus, deixe-me.

REITOR, approximando-se de Guida.

Leva tua irmã para casa. Vae tu com ellas Pedro.
(As duas dirigem-se para o fundo. Pedro segue-as).

DANIEL.

Eu tambem as acompanho...

REITOR, detendo-o pelo braço.

O senhor fica.

DANIEL.

Porque ?

REITOR, levando o dedo indicador á bocca, accrescenta
depois com severa dignidade.

Mando eu. (*Daniel fica como surprehendido*).

(*Cae o panno*).

QUADRO SEGUNDO

DO TERCEIRO ACTO.

Um pequeno largo formado no centro de uma azinhaga. Ao fundo um pinheiral. Aberta na base de um pequeno outeiro, tambem ao fundo, uma bocca de mina que se prolonga por baixo do pinheiral; uma telha meia quebrada, serve de bica á fonte; e a receber o jorro d'agua, uma bacia natural por elle mesmo cavada. Do pinheiral sobranceiro desce-se á fonte por alguns degráos grosseiramente abertos. Ao lado, e separado alguns passos da fonte, abre-se um d'esses enormes barrancos, rasgados pelas torrentes de successivos invernos e cuja entrada é disfarçada por troncos robustos de fetos e giestas. Ao pôr do sol.

SCENA I.

DANIEL, DEPOIS UM ALDEÃO.

DANIEL, em trem de caça.

Cá está a fonte onde ella costuma, segundo já observei, vir todas os dias ao anoitecer. (*Sentando-se n'um tronco de arvore que está á bocca da scena.*) Que diabo de homem sou eu? Pois não vou principando a apaixonar-me por a noiva de meu irmão? Quando terei eu forza para me vencer n'estas coisas? Mas é que tem uns olhos aquella rapariga e umas maneiras!

O ALDEÃO entra, e vendo Daniel faz um gesto velhaco, e principia a cantar :

Caçador, que vaes á caça,
Muito bem armado vaes ;
Os olhos levas por armas,
E, em vez de tiros, dás ais.

DANIEL.

Dar-se-ha caso que o labrego.—Será allusão.

O ALDEÃO, que fora beber agua á bica, continúa .

Singular caçada a tua
Arrojado caçador,
Que em lugar de pennas de aves
Só trazes pennas de amor.

DANIEL, erguendo-se n'um impeto de colera e caminhando para elle.

O' maroto !

O ALDEÃO, fingindo reparar n'elle pela primeira vez, cortejando.

Nosso Senhor lhe dê muitas boas tardes. O patrão quer alguma coisa ?

DANIEL.

Quero avisar-te que andarás com juizo se deres outro geito ás tuas cantigas diante de mim.

O ALLEÃO.

Então que cantava eu ? Já nem me lembra, se quer que lhe falle a verdade.

DANIEL.

Pois se t'ouvir segunda vez, eu t'o prometto que t'o gravarei melhor na memoria.

O ALDEÃO, afastando-se, áparte.

Antes d'isso heide eu pôr-te a vida á viola. (*Sae.*)

DANIEL.

Esta vida da aldeia, vida de mexericos e maledicencias velhacas! Praga maldita das terras pequenas! Ora vejam em que esta gente se occupa d'esde que eu cá estou! Em saber o que faço, como vivo, para onde vou, com quem converso; e isto entretem-n'a! Que os leve o demonio! (*Sobe, e olha para a esquerda*) Mas vejo um vulto no fundo da azinhaga. Hade ser ella! Não lhe quero apparecer já. Onde heide esconder-me. (*Vendo o barranco.*) Ah! aqui. (*Esconde-se.*)

SCENA II.

CLARA, DEPOIS DANIEL.

CLARA, vem cantando; traz um cantaro que vae pôr á fonte, ajoelhando diante d'ella.

Vem livrar-mé com teus olhos,
Que eu por elles me perdi,
Da-me a vida com teus beijos,
Já que por beijos morri.

(*Na posição em que estava, Clara tinha as costas voltadas para os barrancos, mas ao terminar a cantiga, levanta-se assustada, como se ouvisse rumor d'aquelle lado. Volta-se inquieta, e vendo apparecer na volta Daniel, dá um grito e vae para fugir.*)

DANIEL, que se approxima, detendo-a pelo braço.

Que vae fazer? Não se assuste. Sou eu.

CLARA.

Santo nome de Jesus! O que faz por aqui?

DANIEL.

Vim vê-la.. fallar-lhe.

CLARA.

Ver-me! fallar-me! Jesus, meu Deus! E para que havia de procurar fallar-me? que tem que me dizer?

DANIEL, sorrindo.

Que pergunta a sua, Clara!... Imagina lá a minha vida na aldeia? Devoram-me desejos de conversar. Mas não tenho com quem. Clarinha é a unica pessoa das que tenho até agora encontrado, com quem se póde sustentar uma conversa seguida e agradável. Veja se não seria crueldade prohibir-me...

CLARA.

Não digo isso. Eu entendo-o ás vezes, sim; mas é quando todos o entendem tambem; quando a sua conversação mais me entretem, tenho notado, que muitos o escutam como eu, com attenção. Mas, d'outras vezes...

DANIEL, sorrindo.

D'outras vezes?...

CLARA.

D'outras vezes não o entendo, e é, sobretudo, quando falla só para mim.

DANIEL.

Não me entende?...

CLARA.

Não, não o entendo, porque não posso... porque não quero, porque não devo acreditar na verdade do que me parece entender.

DANIEL.

E quando lhe fallei eu assim? diz-me.

CLARA.

Foi n'aquella noite da esfolhada, em casa de seu pae.

DANIEL.

E não me entendeu n'essa noite?

CLARA.

E queria que entendesse?

DANIEL.

Pois não deve ser o desejo de quem falla ?

CLARA.

Eu ouço dizer que ha muitas pessoas que fallam a dormir; quanto dariam esses para não serem entendidos então?

DANIEL.

Mas eu nunca fui somnambulo.

CLARA.

Tanto peor para si.

DANIEL.

Porque ?

CLARA.

Porque então é máo.

DANIEL.

Máo !

CLARA.

Máo, sim. Eu não sei de maior maldade que a d'aquelles que andam por ahi a inquietar o socego das familias, a alegria dos corações, só por gosto de fazer infelizes.

DANIEL.

Escute, Clara. Acredite que não falla a um homem de sentimentos perdidos; escute-me, e tranquillise-se. Eu reconheço em mim um principio máo, é verdade; mas creia que lhe não ando tão sujeito, que não comprehendo já a força dos meus deveres. Conceda-me ainda uma pouca de consciencia. A's vezes, muitas vezes até, deixo-me arrastar por esta força, que me leva a loucuras, que chega talvez a approximar-me de uma vileza... mas, ao chegar ahi, até hoje tenho resistido, e espero... Perdoem-me isto, por quem são. Cedo me verão arrependido.

CLARA.

Cedo! E quando é cedo ou tarde? Sabe-o lá? Quem lhe ha de dizer que é cedo? Cedo para si, poderá ser, e para os outros, tambem? Ha poucos dias, que todos por ahí fallaram d'uma pobre rapariga a quem, por divertimento, o Sr. Daniel trazia quasi douda. Está arrependido, não é verdade? Mas arrependeu-se cedo para ella? Amanhã poderão dizer de mim...

DANIEL.

Que hão de dizer, Clarinha? Essa rapariga, de que falla, não fui eu que a fiz douda; engana-se; encontrei-a já assim. A Clarinha esquece, que a si, todos a respeitam e que...

CLARA.

Não é assim. Em que sou eu mais do que as outras? Ninguem está acima das vozes do mundo. E se até agora tenho razão para não me julgar culpada, teria de as temer, se continuasse a ouvi-lo aqui. Adeus.

DANIEL.

Vejo que me enganava ainda hontem, dizendo-me que tinha confiança em mim. Esses receios...

CLARA.

Enganaria; mas enganava-me a mim mesma tambem. Eu não sei mentir. E a prova é, que sinceramente lhe digo agora, que desconfio...

DANIEL.

De mim?!

CLARA.

De si, sim; porque não? As suas acções não são leaes. Vê que vinho procurar-me aqui, me pôde perder e não se importa fazê-lo; peço-lhe que se retire, e teima em ficar; peço-lhe que me deixe retirar, e impede-m'o. Brinca assim com a minha reputação, sem se lembrar que sou quasi já mulher de seu irmão, quasi a filha de seu pae, quasi

sua irmã também. Diz que sabe quaes são os seus deveres... e como é que os cumpre então? Se Pedro passasse por aqui, n'este momento, e lhe abrisse os braços, como irmão que é, teria valor para o abraçar, diga? Não fugiria antes d'elle como um criminoso? Falle.

DANIEL, curva a cabeça.

Clara!

CLARA, prosegue.

Peço-lhe pela alma de sua mãe, que nunca mais me procure aqui, que nunca mais me procure em parte nenhuma. Hontem ainda me ri eu dos avisos que recebia de Guida para me acautellar; hoje já não sinto vontade de rir. Tinha razão ella, tinha; agora o vejo; e este meu genio é que me podia perder. Se por mim não é bastante pedir-lhe, peço-lhe por seu irmão, por seu pae, por si mesmo que assim anda a perder o credito de um nome; que nenhum dos seus nunca deixou de henrar.

DANIEL.

Está sendo muito cruel para mim, Clara. Concedo que fui imprudente, inconsiderado, mas... confesso-lhe que á impressão que me causou e que me causa...

CLARA.

Sr. Daniel, eu não quero saber dos seus segredos. Deixe-me retirar.

DANIEL.

Pois bem, será esta a ultima vez que a procuro: que lhe fallo até, que a vejo, se tanto exigir de mim; mas, ao menos d'esta vez, ha de escutar-me.

CLARA.

Mas para que preciso eu escutal-o?

DANIEL.

Todos só têm palavras para me censurar, e ninguem ha de ver um dia claro no meu coração? Ninguem, melhor

do que eu, conhece a fraqueza sujeita d'este character, que que não sabe lutar; mas o que eu não sei, o que eu peço que me digam, é o remedio para este mal. Clara, não procure fugir, sem ouvir-me. Retirar-se-hia suppondo-me peor do que sou, como todos que me conhecem. Eu quero, ao menos que uma pessoa saiba a verdade a meu respeito. Escute. *(Neste momento Clara volta-se como quem sentira gente pelo lado direito).*

CLARA.

Vem gente! Jesus! que estou perdida! *(E soltando-se do braço que Daniel lhe segurava, foge para a direita. Daniel affasta-se para a esquerda, á frente da scena, buscando occultar-se).*

SCENA III.

DANIEL E JOÃO SEMANA, que ainda vê Clara.

JOÃO SEMANA.

O' Clara! Clarita! rapariga! O' pequena! Pschio! Eh! Onde vaes com essas pressas. Não são os francezes, socega.

DANIEL, á parte.

Cortou-me a retirada. Não posso fugir.

JOÃO SEMANA, que approxima-se da fonte e olhando em torno de si vê o vulto de Daniel.

Hum! Pelos modos o susto da rapariga era d'outra especie... Ha de ser o Pedro. Olá! não fujas tambem, rapaz; não é crime nenhum vir fallar assim com uma noiva; ainda que, para dizer a verdade, escusava de ser tanto ás escondidas, escusava. *(Dirige-se para Daniel, que, vendo-se descoberto, toma a resolução de affrontar o caso).*

DANIEL.

Boas noites, collega.

JOÃO SEMANA, estremecendo primeiro de espanto.

Ah! ah! Você por aqui! Anda a fazer versos?...

DANIEL.

Ou a inspirar-me para isso!

JOÃO SEMANA.

Não é máo o sitio, não. E ao mesmo tempo póde dar-se a estudos de chimica tambem; a agua dessa fonte. . .

DANIEL.

Já me disseram que era medicinal.

JOÃO SEMANA.

E' excellente.

DANIEL.

Para que molestias?

JOÃO SEMANA.

Para muitas. Agora o que não sei é se para certos esvaamentos de cabeça tambem servirá. Bom era que sim, que anda por ahí muito d'isso.

DANIEL, fingindo não entender a allusão.

Pois está aqui muito agradável.

JOÃO SEMANA.

Ai o sitio é bom, lá isso é. E para a caça?! Não gosta de caçar?

DANIEL.

Alguma cousa.

JOÃO SEMANA.

Pois por estes montes ha caça famosa. Inda agora, quando eu vinha, fugia d'aqui uma... *lebre* e com uma pressa admiravel. Não a vio?

DANIEL.

Não, não vi.

JOÃO SEMANA.

O que é ser poeta! Não se vê cousa nenhuma. Com os meus oitenta annos vejo melhor. Pois é verdade; atravessou n'este mesmo instante por esta rua e... ia jurar até que se escondeu alli, no quintal; pareceu-me vê-a escapar atravez d'aquella porta.

SCENA IV.

OS MESMOS, E O REITOR.

O REITOR, apparecendo por entre o pinheiral, no topo das escadas, que descem do outeiro.

Tens boa vista, João; mas não tão boa que te não passe por alto um amigo velho.

JOÃO SEMANA, virando-se e dando com os olhos no Reitor, que se sentara no tronco d'um pinheiro derrubado.

Que diabo fazeis vós ambos aqui? E tu então de poleiro, abbade?

REITOR.

E' que isso ahi em baixo é humido, como um charco, e eu não quero dar-te que fazer com o meu rheumatismo, João. Mas eu desço, eu desço!

JOÃO SEMANA.

Não, não, deixa-te lá estar, deixa. Lá por isso...

REITOR.

Não que vão sendo horas também... de me chegar até casa. Pois é verdade (*apoiando-se na bengala, e descendo com vagar e cautelosamente os degrãos*), pois é verdade; estavamos nós aqui, eu, com o Daniel e a Clarita, a conversar...

JOÃO SEMANA.

Ah! bem me pareceu que era ella.

REITOR.

Era ella, sim. Então que duvida? Olha que sempre fizeste uma descoberta!

JOÃO SEMANA.

Mas para que diabo fugia a rapariga, então?

REITOR.

Diz antes por que diacho não fugimos nós? Mas o meu rheumatico é que me não deixou. Quando me has de tu dar um remedio para isto, homem?

JOÃO SEMANA.

E' pregar com os ossos nas caldas, querendo. Mas, dizias tu, fugir? Para que haviam de fugir de mim?

REITOR.

De todos. Quando se conspira...

JOÃO SEMANA.

Então vocês?...

REITOR.

Conspiravamos, sim senhor. Aqui mesmo onde nos vê estavamos a combinar.

JOÃO SEMANA.

Que diabo era o que combinavam?...

REITOR.

Combinavamos... Que maldito costume que tu tens, João, de estar sempre com o nome do inimigo na bocca!... Perde-me esse geito.

JOÃO SEMANA.

Pois sim, sim; heide fazer por isso, apesar de que já

vou um pouco tarde... Eu digo agora como aquelle franciscano, a quem reprehendiam por, já de idade avançada, cahir ainda na fraqueza em que Noé cahio: « Já agora heide morrer com isto, dizia elle; porque de duas uma: ou já estou condemnado e então não sei que lhe faça; não vale a pena a emenda; ou não estou, e quem pôde perdoar uma bebedeira de quarenta annos, não deve pôr duvida em perdoar a de meia duzia mais. » Mas então em que combinavam vocês?

REITOR.

Combinavamos... (*Fingindo arrepende-se, exclama*). Mas é boa essa! Não ha senão perguntar. Tu não deves entrar no segredo. A cousa é entre nós tres.

JOÃO SEMANA.

Homem, diz lá o que é. Que diabo... (*O Reitor faz um gesto, elle emendando-se*). Que S. Pedro de escrupulos são esses agora?

REITOR.

E a teimar! Sempre és um curioso.

DANIEL, intervindo.

Olhe, Sr. João Semana, basta que saiba, e depois não pergunte mais nada, que estavamos preparando uma surpresa a meu irmão Pedro para o dia do casamento d'elle.

REITOR, áparte.

Desagrada-me tamanha presença de espirito. (*Alto, em tom severo*). Casamento que, se Deus quizer, hei de brevemente abençoar. Estás agora satisfeito, João Semana! Pois é verdade, Daniel meditava grandes novidades para o dia do casamento do irmão, grandes festas para casa d'elle e da noiva, etc., etc. Mas o seu projecto não mereceu, nem merece, a minha approvação. (*Fita Daniel, que baixa os olhos*). Clara pensa como eu, mas este homem é obstinado, e, atravez de tudo, teima em seguir a sua vontade; mas eu protesto que...

DANIEL.

Vejo que me não entendeu, Sr. Reitor.

REITOR.

Entendi, entendi, homem. E julgo que não acha a proposito entrar agora em maiores explicações.

JOÃO SEMANA.

Mas então não podiam tratar d'isso em casa?

REITOR.

E a dar-lhe! Não ha que se lhe faça! Homem, nós não queremos que Guida soubesse nada d'isto, porque... porque... Mas... fico por aqui, não digo mais nada. Segue, pois, o teu caminho, e apressa-te, que a Joanna já ha de estar com cuidado pela tua demora.

JOÃO SEMANA.

E eu com vontade á cêa.

REITOR.

Então, por que esperas? Vae com Deus, homem.

JOÃO SEMANA.

Até amanhã, abbade. Adeus, Daniel. Olhe lá você como se porta, rapaz. Juizinho... senão está mal servido com a sua vida. Lembre-se d'aquelle frade...

REITOR.

Ai, se pegas a contar historias, não chegas a casa nem á meia noite.

JOÃO SEMANA, virando as costas.

Pois já não conto. (Sáe).

SCENA V.

DANIEL E O REITOR.

DANIEL, dirigindo-se ao padre.

Sr. Reitor, foi providencial a sua vinda. Acredite, porém...

• REITOR, com tom severo e digno.

Basta. Não quero escutal-o. Explicações não preciso, porque ouvi tudo; justificações não as tem, não as póde ter para dar. Boas noites.

DANIEL.

Mas...

REITOR, interrompendo-o diz-lhe mui secamente:

Boas noites. (*Daniel curva-se respeitosamente diante do Reitor e vae para sahir pela direita; o Reitor indica-lhe a esquerda.*) Por alli. (*Daniel obedece.*) Agora vou ver se fecho para sempre a porta do aprisco á tontinha da ovelha que esteve em perigo de se tresmalhar. (*Dirige-se para a direita.*)

(*Cáe o panno.*)

ACTO QUARTO.

A scena é dividida quasi ao centro, ficando no lado mais espaçoso o quintal da casa das pupillas. Do outro lado, a rua que vae perder-se ao F. O quintal é todo assombreado de arvores. A' E, do espectador fica a casa que é rente do chão para aquelle lado. No muro do quintal para a rua, ha uma pequena porta. E' ainda noite, mas vem já proxima a madrugada.

SCENA I.

DANIEL só.

DANIEL, apparece ao F. da rua, embuçado n'uma capa e caminha para a frente da scena, observando o muro do quintal.

E' tempo de me fazer outro homem. E poderei conseqüil-o? Este meu temperamento é de uma mobilidade! Pequenas causas fazem-lhe perder o equilibrio, que por momentos a razão consegue dar-lhe. Será pois isto em mim um mal incuravel? Talvez o meu coração inda não experimentasse a tempera que tem de o fortificar; talvez em todo o caso deva lutar comigo mesmo. Mas não podia resignar-me á má opinião, que de mim conserva Clara?... Precisava fallar-lhe uma vez ainda para que me perdôe e me restitua a sua confiança; serei depois para ella um amigo sincero, um verdadeiro irmão. Ha oito dias, que reclamava incessantemente d'ella uma entrevista para esse fim. Prometteu-m'a afinal hontem. Virá ella? (*Põe-se de atalaia*).

SCENA II.

DANIEL E CLARA DEPOIS GUIDA.

CLARA, sahindo cautellosamente de casa. Daniel está na rua.

Ouvil-o-hei! Acabará assim este constrangimento em que vivo.— Que posso eu receiar? A minha boa estrella não me abandonará. (*Dirige-se lenta e cautelosamente para a porta do quintal*).

GUIDA, apparecendo á porta, á parte.

Eis a razão porque não consentio que eu hoje viesse fechar a porta do quintal.—Tive logo este presentimento—mas eu vigiarei. (*Encaminha-se para o F. e occulta-se por detrás das arvores*).

CLARA, abrindo a porta.

Estou a tremer.

DANIEL, que sentira o ruido da chave, aproxima-se da porta que se abre; elle entra, fechando logo a porta.

Obrigado, Clara.

CLARA.

Foi uma grande imprudencia, de que já estou arrependida.

DANIEL.

Não tem razão, creia. Eu sou voluvel, imprudente, inconsiderado, conheço-o e odeio-me, quando me vejo assim; porém, não sou perverso, não sou capaz d'uma paixão vil, de uma traição infame... Queria que me accusassem de tudo, mas que não me suspeitassem d'isso, e muito menos Clara, que sei que é uma generosa rapariga, e muito menos o Reitor, esse homem honrado. Mas dirá: que importam as minhas intenções se dou lugar a que se diga, a que se possá pensar uma calumnia. Se n'aquelle dia ao pé da fonte, não fôra o Reitor, que se diria hoje n'esta mexeri-

queira terra... De mim digam lá o que quiserem... mas de Clara...

CLARA.

Se préza a minha reputação, prove-m'ó, não tentando passos que podem despertar a calúnia.—Para que teimou em fallar-me mais esta vez? Que tem, que póde ter a acrescentar aos juramentos e promessas que me fez nas cartas, que estrategicamente me fez chegar ás mãos?

DANIEL.

Sabia eu porventura se acreditava nas minhas palavras?... Queria ouvir-lhe dizer que sim.—Queria ter a certeza de que me não odiava, de que não me desprezava.

CLARA.

Não o desprezo, nem o odeio.

DANIEL.

Mereço-lhe então ainda um resto de afeição!...

CLARA.

A afeição de uma irmã.

DANIEL.

Só?

CLARA.

Pois ainda! Já vejo que terei de arrepender-me do que fiz.

DANIEL.

Perdoa-me, Clara, tem razão em desconfiar de mim.—Sou um louco. A paixão domina-me... Quero suffocal-a e não posso.

CLARA, com dignidade.

Basta, nem mais uma palavra. Sou a noiva de seu irmão, Daniel.

DANIEL.

Para que m'ó lembra, Clara?

CLARA.

Brevemente serei sua mulher. Não queira pois obrigar-me, quando o fôr, a privar-o, ao senhor, do affecto de irmã.

PEDRO, apparece ao fundo, cantando.

Este amor, que é minha vida,
Vida do meu coração,
Atrás do qual meus suspiros
E meus pensamentos vão.

DANIEL,

E' meu irmão! Que fará por aqui a estas horas?...

CLARA.

Trazido talvez pela mão de Deus para...

DANIEL.

Adeus, Clara; perdõe e esqueça mais esta imprudencia minha. Prometto-lhe que será a ultima. E de hoje em diante...

PEDRO, que se approximara do muro, e que denunciara suspeita.

Quem anda ali dentro? (*Silencio*).

CLARA.

Oh! meu Deus!

DANIEL, baixo.

Calle-se. Vendo que lhe não respondem seguirá o seu caminho.

PEDRO.

Se fossem ladrões, que haviam de fazer as pobres raparigas, n'este sitio solitario e sem um braço de homem em casa para as defender.

DANIEL.

Que lhe dizia eu? Não ouvindo resposta, retirou-se.

CLARA.

Quem sabe?

DANIEL.

Verá. Socegue. Não tenho medo.

CLARA.

Vá-se então, vá-se depressa.

PEDRO.

Pareceu-me ouvir uma voz de mulher. (*N'um tremor convulso, despertado por uma idéa subita*). Se Clara... (*Leva depois machinalmente a mão ao gatilho da espingarda que traz, e fica com olhar fixo e a respiração reprimida em frente da porta*).

CLARA, abrindo a fechadura da porta.

Seja homem de bem! se preza o meu affecto de irmã. Foi para lhe dizer isto, só para lhe dizer isto, que consentí em ouvi-lo. Bem vê que seria uma loucura se continuasse; mais do que uma loucura, seria um peccado até. Agora espero que cumpra a sua promessa. Adeus!

DANIEL.

Adeus! E perdôe-me se não posso ainda dizer friamente esta palavra. Mas verá que saberei emendar-me. Obrigado pela confiança que teve em mim e... Adeus. . (*Envolvido na capa, sáe da porta do quintal, apertando a mão que Clara lhe estende de dentro*).

SCENA III.

DANIEL E PEDRO, (na rua) CLARA E GUIDA (no quintal).

PEDRO, apontando a espingarda ao peito de Daniel e soltando um rugido atterrador.

Alto, miseravel!... Pára, ou estás morto!

CLARA, solta um grito dilacerante.

Ah! (*Fecha instinctivamente a porta e cõe desmuida. Margarida corre a Clara e arrasta-a para dentro de casa.*)

PEDRO, caminha para Daniel, que recúa.

Quem és? Quero conhecer-te antes de te matar, infame. (*Como Daniel busca occultar-se cada vez mais, Pedro lança-lhe a mão, e com um movimento rapido, descobre-lhe o rosto, arrojando a capa ao chão, em que se envolvia. A aurora, que vem rompendo, illumina o rosto de Daniel.*) Daniel! (*Ha um espaço de silencio, denunciando o rosto de Pedro a tempestade que se lhe fórma no coração, deixando afinal vêr que ainda conserva um raio de razão, e accrescenta em voz cava e abafada.*) Por alma de nossa mãe, Daniel, por alma de nossa mãe, sáe d'aqui, se não queres que succeda alguma desgraça.

DANIEL, articulando a custo as palavras.

Ouve-me, Pedro; escuta-me...

PEDRO, no paroxismo da colera contrahindo-se-lhe o dedo sobre o gatilho da espingarda.

Daniel, foge, foge d'aqui, se me não queres perder!... foge!... irmão!...

SCENA IV.

DANIEL, PEDRO E O REITOR.

REITOR, que apparecêra, e passando a mão sobre o hombro de Daniel, que ia para fallar.

Retire-se. Eu tinha previsto esta desgraça. (*Pedro váe á porta do quintal, que tenta arrombar com a coronha da espingarda.*)

DANIEL.

Oh! (*Faz um movimento para ir para a porta do quintal.*)

REITOR, snstendo-o com energia.

Retire-se. (*Em voz vibrante e exaltada.*) Não está ainda satisfeito com a sua obra?... Quer acabar de perder aquella pobre rapariga?...

DANIEL.

Mas elle váe matal-a.

REITOR.

Estou eu aqui para velar por ella. Cabe-me esse direito que me foi conferido por sua mãe no leito onde agonisava. Retire-se d'aqui e vá esperar-me na baixa do pinhal. (*Daniel baixa a cabeça e retira-se, Pedro n'este momento arremete contra a porta do quintal com verdadeira desesperação. A porta cede.*)

SCENA V.

PEDRO, o REITOR E GUIDA.

Pedro entra no quintal, como um verdadeiro louco, e no mesmo instante, Guida, que sáe de casa, impede-lhe os passos, e lhe vem cahir aos pés. O Reitor entra tambem e fica ao pé da porta contemplando attonito o quadro.

GUIDA.

Pedro, Pedro, não cause, não queira causar a minha desgraça.

PEDRO, recua e passa da agitação do delirio á immobillidade do lethargo, dizendo afinal como quem acorda de um sonho.

Que é isto? Margarida aqui?!...

REITOR.

Sonharei eu!

PEDRO, tremulo de incerteza e de esperança.

Margarida — falle-me a verdade. Em nome de Deus, diga-me: quem estava com Daniel?... Diga-me, diga-me

tudo pelo Salvador. (*É manhã, os aldeões, que iam para o trabalho, attrahidos pelo ruido, approximam-se da porta, e observam com curiosidade*).

GUIDA.

Oh! meu Deus!

PEDRO.

Quem estava aqui com Daniel?

GUIDA, depois de uma angustiosa hesitação, com voz tremula, porém intelligivel.

Era eu! (*Ha um susurro á porta, que faz estremecer Guida*).

PEDRO, alheio a tudo que o rodeia, ergue as mãos ao céu, e rebentando-lhe as lagrimas dos olhos exclama.

Bemdicto seja Deus! Sirva de remissão dos meus peccados o tormento d'estes poucos instantes!

REITOR, caminhando com rosto severo para Guida, que ainda está ajoelhada.

Margarida! pois eras tu!... (*Como ferido d'uma idéa súbita*). Não póde ser, não póde ser. (*Approximando-se d'ella e tomando-lhe o braço com energia*). Que quer dizer isto, minha filha? Que fazes tu aqui?...

GUIDA, junta as mãos, e olhando para o Reitor com singular expressão, exclama.

Peço misericórdia!...

REITOR, sem tirar os olhos d'ella.

Para que culpa, minha filha?

GUIDA.

Para a minha.

REITOR.

Para a... entendo!... (*Comsigo*). E devo eu consentir que... (*Fitando em Guida um olhar de bondade e respeito, a*

meia voz, acrescenta). Talvez que tenhas razão. Seja como quizeste, como Deus t'ô inspira decerto. (*Voltando-se para Pedro*.) É que tens mais que vêr aqui, homem?

PEDRO.

Tenho que pedir perdão a todos.

REITOR, empurrando-o amigavelmente pelos hombros.

Vae, vae. Deixa isso para outra vez. Não temos agora vagar para justificações.

PEDRO.

Mas, Sr. Reitor...

REITOR.

Então? Vae para a tua vida, Pedro. E não me andes mais de espingardas, que são más companheiras. (*Olhando para a porta*). E vocês que fazem ahí pasmados?... Quem vos chamou cá?... Não sois tão promptos para o trabalho. Andar! e ter cautela com a lingua. Ouviram?... (*Pedro sáe cabisbaixo. O grupo dispersa-se*).

SCENA VI.

GUIDA E O REITOR.

REITOR, levantando Guida, que se conservava de joelhos e quasi exanime, diz-lhe commovido:

Foi um sacrificio heroico, Margarida; para o qual, poucas teriam fortaleza.

GUIDA.

Um sacrificio?!...

REITOR.

Sim, não é a mim que illudiste, filha, que te conheço bem e há muito. Vae ter com a verdadeira culpada, e...

GUIDA.

Não a condemne, Sr. Reitor; o seu anjo bom não a abandonou ainda d'esta vez.

REITOR.

Bem sei. Pois não te vejo eu aqui?... mas vae, acaba a tua obra abençoada, confortando-a e chamando-a ao caminho do arrependimento. Eu tambem tenho a minha tarefa. E dou graças a Deus por ter permittido que os meus deveres parochiaes me obrigassem a madrugar. Até já, minha filha. (*Sae na direcção que Daniel tomou*).

SCENA VII.

GUIDA e depois CLARA.

GUIDA.

E Clara? Como estará ella!.. Preciso ir vel-a. (*Encaminha-se para a casa, mas n'este momento apparece Clara á porta*). Tu aqui! Que vens cá fazer?

CLARA.

Venho ter comtigo. — Quando tornei a mim, chamei-te, chamei-te muitas vezes. Não ouvindo resposta, levantei-me, procurei-te por toda a casa. — Não te encontrando, desci ao quintal. — Ai, Guida, minha Guida! Tudo está acabado! D'hoje em diante todos me apontarão ao dedo e me chamarão uma rapariga perdida.

GUIDA.

Que estás a dizer, Clarinha?... Foi um máo passo que déste, foi; mas socega. Eu que te ouvi, sei que estás innocente.

CLARA.

Ouviste-me?

GUIDA.

Tudo. Eu sabia... Suspeitava a verdade.

CLARA.

Mas elle...

GUIDA.

Elle... Pedro!... Nada sabe ainda.

CLARA.

Nada sabe!... Queres enganar-me, Margarida? Pois não surprehendeu elle o... o outro, quando...

GUIDA.

Mas ignora que fosses tu...

CLARA.

Então quem julga que era!

GUIDA, affastando a vista, do olhar fixo da irmã.

Não sei, mas... tenho certeza de que elle, não suspeita já de ti. O que é preciso é fazer agora por te alegrares para que, se elle vier por ahi, não conheça ao vêr o estado em que tu estás, a verdade, ou suspeite mais do que a verdade, que é ainda muito peor.

CLARA.

Guida, eu quero saber como isto é. Pedro soube que estava uma mulher aqui, no quintal. Se, como dizes, elle não suspeita de mim, de quem pôde pois suspeitar?... Guida, diz-me a verdade: Pedro julga-me innocente?...

GUIDA.

Julga.

CLARA.

Quem é pois, a seus olhos, a culpada!... (*Margarida fica calada e confuza.*) Elle suspeita de ti. De ti! Margarida? Pedro suspeitar de ti!... E pôde ter um pensamento... e pôde imaginar que tu serias.— Atrever-se a acuzar-te!... Elle? Pedro!... Mas diz-me, Guida, diz-me: Como fez elle isso?... Quem lhe deu esse direito?

GUIDA.

Fui eu.

CLARA.

Tu!

GUIDA, quasi sorrindo e affastando os cabellos desordenados, que cobrem a fronte da irmã.

Sim, fui eu. Não lh'ó poderia eu dar?...

CLARA.

Entendo. Perdeste-te para me salvar. Limpaste com os teus vestidos a lama dos meus para me apresentares pura aos olhos do meu noivo, que com razão, me suppunha culpada?.. Entendo. Viste-me perdida, e fizeste como aquella criança que ha tempos se affogou para salvar um irmão da corrente; salvaste-me, mas afundando-te. E havia de eu consentir isto, Margarida. Tão má idéa fazias tu de mim para imaginares que eu te aceitaria nunca o sacrificio?... O' Guida, de mim, aceitarias tu um sacrificio igual? Não, quero que Pedro saiba tudo, que me perdõe ou que me desprese depois; a uma ou outra coisa me sujeitarei; mas a sacudir sobre a tua cabeça a vergonha, que chamei sobre mim!... Oh! isso...

GUIDA, tomando-lhe affectuosamente as mãos, e n'um tom persuasivo.

Ora escuta, Clarinha. Has-de primeiro ouvir-me com muito socego e muito juizo e depois dirás se eu tenho razão. Queres contar a verdade a Pedro, dizes tu. Que fazes com isso?... Tornal-o infeliz, fazes que entre elle e o irmão exista sempre d'ahi por diante, um motivo para aversão; e a ti, que amas Pedro, apesar de uma leviandade de momentos, e a mim, que te amo, e a nós ambos, a todos vâes fazer infelizes... Eu que posso perder em que Pedro continue na mesma suspeita? Se ninguem mais tem?... (*Baixando os olhos, como quem reconhece que mente*). Elle não é capaz de a divulgar. E depois olha, Clarinha, quem nunca pensou em grandes

futuros, não tem que ter saudades de projectos desfeitos. Eu já não formo projectos ha muito, acredita. Cansei-me. Mas tu minha pobre irmã, que ainda fazes tantos projectos, não te custaria a perder o mais risonho de todos. De mais a mais eu tenho uma divida antiga a pagar-te, e não socego em quanto a não pago. Lembras-te quando me vinhas ajudar nas tarefas, e repartias comigo a tua ração de merenda?... São serviços que nunca esquecem. Deixa-me pagar-t'os da maneira que posso. Se soubesses como é uma consolação para os pobres achar um meio de saldar as suas dividas! Então, vamos, promettes não dizer nada!

CLARA.

Guida! Guida! O que me pedes é impossivel. Seria um grande peccado, se eu deixasse, assim a outra expiar o erro, que é todo meu.

GUIDA.

Clarinha, não vês, que d'outra sorte, causas a desgraça de tantos? (*Clara leva as mãos ao rosto e encosta-se silenciosa ao peito de Guida*).

*

SCENA VIII.

AS MESMAS, o REITOR e DANIEL, na rua.

REITOR, empurrando a porta.

Licença para dois.

CLARA.

E' o Sr. Reitor! Não quero que me veja. Tenho medo e vergonha. (*Foge para dentro de casa*).

GUIDA, vendo o Reitor que entrara primeiro.

Licença para dois?... Pois quem nos traz comsigo? (*Vendo Daniel que entra; vem pallido, Guida apprxio-mando-se tremula do Reitor*). Que foi fazer?...

REITOR.

Deixa-me. Fiz o que entendia. (*Voltando-se para Daniel que ficara como envergonhado ao pé da porta*). Entre, Daniel, entre. Aqui tem a santa, a corajosa rapariga, que...

MARGARIDA, supplicante ao Reitor.

Senhor!...

DANIEL, dando alguns passos.

O Sr. Reitor contou-me tudo. (*Fixando em Guida um olhar de sympathia e respeito*). O que ha-de dizer o irmão ingrato e perverso, á irmã sublime e generosa?

GUIDA, vencendo a commoção e com apparente firmeza.

Sr. Daniel, esses cumprimentos não são de ocasião, nem eu sou para elles. Coisas mais sérias nos devem agora occupar. A felicidade de duas pessoas está-nos confiada; está de alguma sorte nas nossas mãos. Uma palavra só a póde perder, bem o sabe. É preciso que nós todos tres tratemos de segurar-l'ha. Por mim, fiz o que estava no meu alcance. Mas não dê ao sacrificio mais valor do que o que elle tem. Eu pouco tinha a sacrificar além da paz da consciencia. Essa já vê que a conservei; o mais...

DANIEL.

A paz da consciencia! Foi essa mesma que eu perdi e perdi-a para sempre.

GUIDA.

Não diga isso. Pedro ignora tudo. É o principal. Socegue pois. O Sr. Daniel ha-de continuar a gozar da estima de todos, dos que mais ama e... ninguem haverá sacrificado.

DANIEL.

Esqueceu-se de si, Margarida. E julga que a podem ou devem esquecer os outros?

GUIDA.

Os outros?... Quando eu me não queixo, ninguem tem o direito de me lamentar.

REITOR.

Ai, Margarida, filha.— Olha que até aos infelizes, até na desventura, é um peccado o orgulho, sabes?...

GUIDA.

Orgulho, Sr. Reitor? ai, creia que não sinto. Orgulho de que? Mas é que de facto eu pouco tinha a sacrificar e pouco sacrifiquei. As vozes do mundo... será orgulho isto, será — mas é certo que não penso no que diriam. Agora permittam-me que vá vêr Clara, sim?

REITOR.

Porém, Margarida, eu sou teu tutor, assim como de Clara; quero-te como pae, e não posso, não devo consentir que o castigo caia sobre a cabeça innocente, sobre a tua cabeça, filha. É contra a justiça é contra a religião.

GUIDA, sorrindo.

Innocente! Que está a dizer, Sr. Reitor? Quem é innocente n'este mundo? Deixe, deixe cahir em mim isso que chama castigo, que encontrará peccados a remir; e quizesse Deus que m'os remisse todos.

REITOR.

Ainda assim... Eu nem sei o que faça. Valha-me Nossa Senhora, valha! Sempre é uma, esta! (*Olhando para Daniel, como pedindo-lhe auxilio*).

GUIDA.

Siga o seu primeiro pensamento, que foi o de ajudar-me.

DANIEL, approximando-se de Guida.

Margarida, essa resolução não é tão unicamente de sua responsabilidade, como diz; sacrifica-se a sorrir, mas não repara que alguém mais pôde sentir o sacrificio.

GUIDA.

Quem?

DANIEL.

Eu!

GUIDA.

Como?

DANIEL.

Que se dirá de mim; do meu character, vendo destruida por minha culpa a sua reputação, Margarida, e eu ocioso, tranquillo, descuidado, feliz?... Pois não vê que a unica maneira é... Eu sei que sou indigno de aspirar a tanto, mas perdôe-me, a unica maneira é não me recusar a reparação que lhe devo; permitta-me que reuna ao seu o meu destino, já que a Providencia ..

REITOR, batendo com a bengala no chão.

Bravo! Isso mesmo é que eu tinha aqui dentro a pezar-me; até que enfim respiro!...

GUIDA, que estremecêra e levára instinctivamente as mãos ao coração como se fôra ferida ahí, ao ouvir Daniel, mas vence à sua commoção, e diz com voz tremula ainda.

Obrigada. É generoso o offerecimento... mas não posso aceitar-o.

DANIEL.

Que diz! (*O Reitor passa do jubilo ao espanto*).

GUIDA.

Pois queria que aceitasse?... Aceital-o-hia se estivesse no meu lugar? diga. Qual será maior martyrio: soffrer as murmurações, as injurias, os desprezos até, de milhares de pessoas que, afinal de contas nos são indifferentes, ou aceitar a compaixão de quem nos é... de quem nos devia ser tudo no mundo?... d'aquelle a quem teremos de dar todos os affectos, todos os cuidados, todos os pensamentos?... Imagina bem esse martyrio?...

DANIEL.

Mas, Margarida, quem lhe disse que é por compaixão

que eu lhe faço o offerecimento?... Se o aceitar, creia que o agradecido serei eu.

GUIDA, com severa amargura.

Se essas palavras fossem sinceras, Sr. Daniel, era bem certo então que possuía um desgraçado character! Receie sempre de si, d'esses primeiros movimentos a que obedece tão depressa. Já que é tão facil em mudar, ao menos faça por ser mais forte contra si mesmo. Vença-se. Não está ainda vendo o mal que pôde fazer assim?

DANIEL.

Tem razão em duvidar de mim. O meu passado condemna-me, porém, talvez seja injusta demais para comigo. Julga-me capaz de...

GUIDA.

Perdão; não julgo, não tenho direito para julgar, bem sei. Em todo o caso não posso aceitar.

DANIEL e o REITOR.

Margarida!

GUIDA, impaciente e nervosa diz com vehemencia.

Não, não posso aceitar. Nunca me julgaria mais deshonrada e perdida, do que quando aceitasse uma proposta como essa, feita por outro qualquer motivo, que não fosse a força do coração.

DANIEL.

Mas se eu lhe juro que o meu coração...

GUIDA.

Oh! não diga mais!... Até me faz mal ouvir esses juramentos; lembra-me os que fazia ainda agora a Clara. Repare no que ia dizer; assim abre o coração a quem momentos antes não conhecia sequer?

REITOR.

Não ha tal, dize tu, que desde criança já te conhece elle, e até...

GUIDA.

Oh! por quem é!... Por quem é!... O que ia a dizer!

DANIEL.

Margarida, perdõe se a consciencia das minhas culpas... e acredite que a estou sentindo bem amarga, mas perdõe-me se ella me não constrange ainda ao silencio. Eu vejo que tem razão para duvidar de mim; mas será só isso?... Porque não confessa tambem que recusa porque, sentindo insensivel o coração, desconfia d'elle igualmente?...

GUIDA, com leve ironia na voz.

Desconfiar do meu coração! Mas... é que não desconfio!...

DANIEL.

Então?...

GUIDA.

Conheço-o, e o que sei d'elle, como o que aprendi do seu, Sr. Daniel, levam-me a recusar.

DANIEL.

Quer dizer que me não póde amar?

GUIDA, profundamente impressionada, e procurando disfarçar, mas sem poder quasi suffocar a dôr.

Sim... julgo que sim. Eu desconfio que nem tenho coração? Eu sei lá! (*Com um doloroso sorriso*). Não o sinto bater, pelo menos. Bem vê que não devo aceitar. Adeus. (*Sae*).

SCENA IX.

DANIEL E o REITOR.

DANIEL.

Chegou talvez para mim o momento de castigo.

REITOR, olhando para elle admirado.

Que está a dizer?

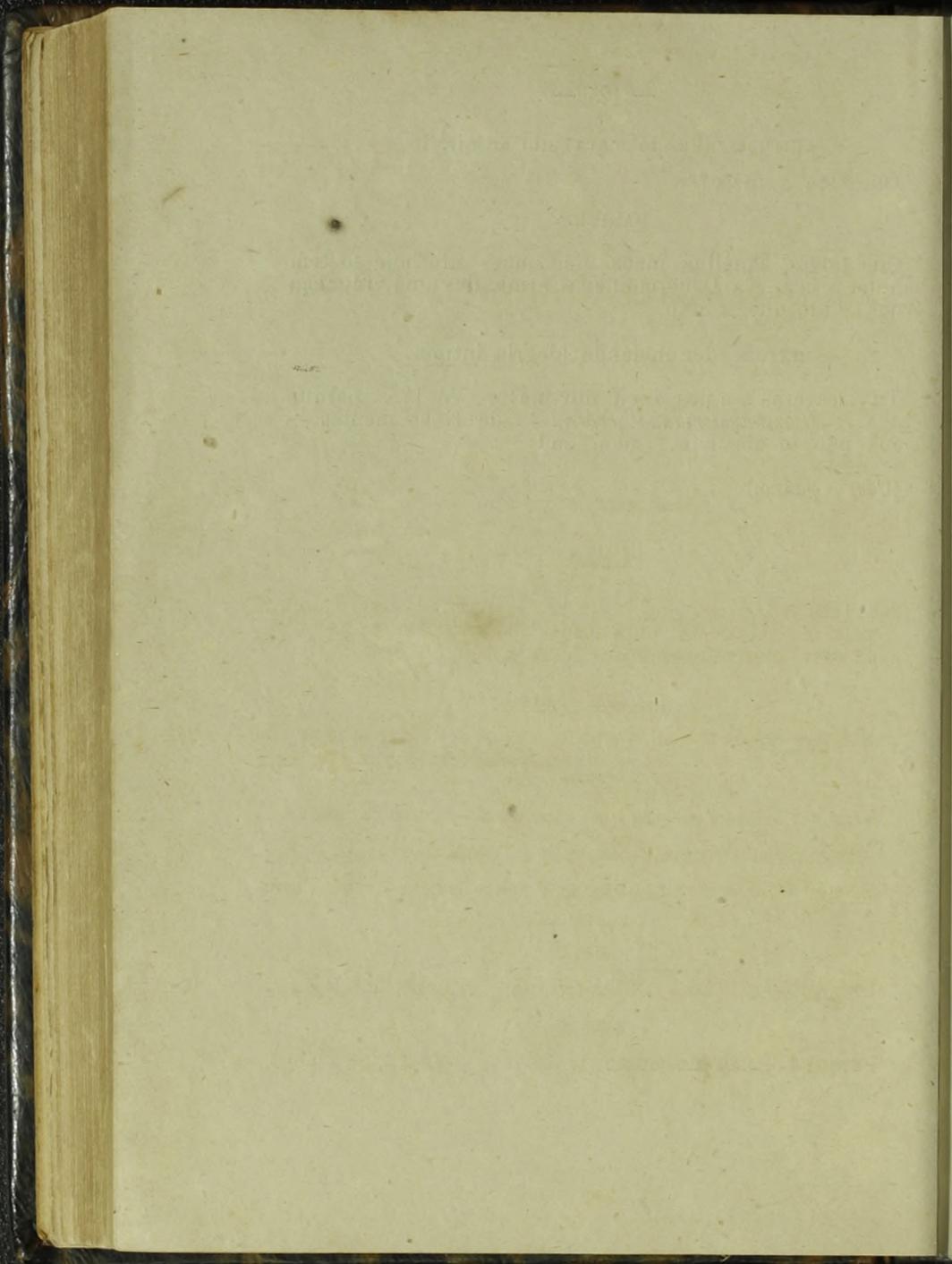
DANIEL.

Que talvez áquellas mãos, das quaes até hoje só tem sahido o bem, vá Deus confiar a arma de uma vingança cruel. Sinto que a amo.

REITOR, denunciando alegria intima.

Tu! Deveras? e posso eu fiar-me!... Vê lá... porque então... (*Com austeridade severa*). Ai de ti se mentes.— Deus não te absolvía... nem eu!

(*Cáe o panno.*)



ACTO QUINTO.

QUADRO PRIMEIRO.

A mesma scena do primeiro acto.

SCENA I.

REITOR E GUIDA, ao levantar do panno entra o Reitor pela E, dirige-se para casa das pupillas, cuja porta se abre n'este momento e donde sãe Guida.

REITOR, vendo-a.

A onde váes Margarida?

GUIDA.

Vou vêr o meu mestre que está peor... muito peor...

REITOR, descendo com ella a bocca da scena.

Só um caso grave te obrigaria sahir a esta hora... que é a hora das lições?...

GUIDA.

Das minhas lições... (*Com tristeza*). Hoje não dou lição...

REITOR.

Porque? é dia de sueto.

GUIDA.

As mães das minhas discipulas quizeram dar-me tempo para o arrependimento e para a penitencia.—Julgo que lhes chegou aos ouvidos o escandalo do quintal e dispensaram-me dos meus serviços.

REITOR, batendo com a bengala no chão.

Mas isso é indigno!... isso é... é... Ora deixa estar que eu as ensinarei.

GUIDA.

Para que e porque!?... Eu já esperava por isto. De que se admira?... Porque as censura? Então não era da sua obrigação fazer o que fizeram?...

REITOR.

Margarida, isto é demais! E' preciso dar-lhe algum remedio ou então...

GUIDA.

E ahí voltamos á nossa demanda. Não sabe já que não ha melhor remedio a dar-lhe?

REITOR.

Ha-de haver, isso é que ha-de haver por força, que t'o digo eu. Tu estás a obrigar o teu coração a coisas, que não são para corações humanos. Has-de acabar, por o esmagares. Sabe Deus o que elle padece já!

GUIDA.

Ora diga, quando o coração padece, póde-se estar a sorrir como eu? Vê?...

REITOR.

Terás coragem para, olhando bem para mim, me affirmares que ainda hoje não choraste, quando eu te estou a vêr as lagrimas nos olhos?...

GUIDA.

E' certo. Chorei.

REITOR.

Ah!

GUIDA.

Mas de saudades. Cerrou-se-me o coração de tristeza ao pensar que me separavam d'aquellas crianças, que todas me queriam, que eu via crescer, que eu ensinava a fallar. Mas... paciencia! A tudo se costuma o pensamento e dentro em pouco...

REITOR.

Nada nada... não entendo eu isso de tal fórma. Tudo tem seus limites. Isso agora bole-me com a consciencia. Eu vou perguntar a essa gente...

GUIDA.

O que lhe vae perguntar?...

REITOR.

O que significa este desaforo! Quero lançar-lhe em rosto os seus escrupulos patetas e estupidos. Olhem as presumidas! E cuidas que tua irmã sabendo d'isto...

GUIDA.

Clara não o saberá. Para que o ha de saber? tinha sahido, quando eu recebi recado d'essa pobre gente. Eu lhe direi...

REITOR.

Que lhe has de tu dizer?

GUIDA.

Qualquer coisa... o que me lembrar. Dir-lhe-hei que estou cansada d'esta vida afnal; que lhe dou agora razão... e que aceitarei... a caridade... de minha irmã.

REITOR.

A caridade! Quem falla de receber caridades? Tu, que foste prodiga de beneficios? tu, que te despojaste da

tua capa, para cobrires com ella os hombros nús de tua irmã? Ai, Margarida, que é isso menos abnegação, que é orgulho já. Não, d'esta vez não cederei. Vae, filha, vae vêr o teu mestre, mas espera lá por mim. Irei buscar-te. Quero que atraveses logo a aldeia pelo meu braço.

GUIDA.

Então até já. (*Beija a mão do Reitor e sae*).

SCENA II.

REITOR e depois DANIEL.

REITOR.

Se ella aceitasse ainda o offerecimento de Daniel!... remediava-se este enredo assim!... Seria talvez uma providencia para o rapaz. E eu iria mais descansado d'este mundo, a dar contas de minha tutella no outro aos paes das raparigas. Mas lá se Margarida tem os seus escrupulos... e a fallar a verdade, com alguma razão. Aquillo é uma santa. Coração possui ella mas para caridade, que não para amores. Paciencia. (*Voltando-se e vendo Daniel*). Por aqui?

DANIEL.

O Sr. Reitor! (*Indo a elle*).

REITOR, que lhe apertara a mão.

Treme-lhe a mão! que tem?

DANIEL.

Lembre-se do que eu lhe disse hontem Sr. Reitor?

REITOR.

E então?

DANIEL.

E então! E' que eu tenho um pressentimento de que se um dia se atear em mim uma paixão violenta e fatal

e tiver de ser repellido, succumbirá com ella este coração, que...

REITOR.

Ora adeus! Sabe os objectos que se partem, batendo de encontro ás rochas? são os fortes e rijos, porque os outros, os molles, o mais que podem, é tomar nova fôrma; quebrar é que não quebram; e o seu coração é de umas branduras...

DANIEL.

Reconheço que o meu passado não me dá o direito de offender-me da ironia, custa-me até entrar de novo em uma justificação, que só me vale sorrisos, mas...

REITOR, sorrindo.

Mas, ainda assim, sempre vae tentar mais uma vez. Ora ande lá.

DANIEL.

Ouça-me. E' uma triste confissão para o meu orgulho, a que vou fazer mas é verdadeira. Ha muito que tenho este pensamento. E' por certo arriscado para qualquer mulher confiar a mim o seu amor menos n'um caso, que até aqui se não déra comigo.

REITOR.

Então, qual é esse caso?

DANIEL.

E' se ella conseguir dominar-me; se a meus olhos se conservar sempre a uma altura que dê á paixão, que me inspirar a natureza d'um culto. Ha caracteres para os quaes isto é uma necessidade. De ordinario todos os meus esforços são despojar, d'esse prestigio que me enleia, a mulher a quem amo; porém, desde que o consigo, já não respondo por mim. Sei-o por experiencia. Mas previa-o ha muito tempo, se me encontrar com uma d'estas naturezas superiores, para as quaes nunca se extingue o esplendor que as rodeia hade fixar-se este coração voluvel, e não haverá para ellas o risco de que das minhas affeições lhes possam resultar lagrimas.

REITOR.

E conclue d'ahi?

DANIEL.

Que Margarida nada podia receiar do meu amor. Eu que duvidava já que viesse a amar seriamente um dia, porque me julguei superior a todo o predomínio, hoje...

REITOR

Hoje, mudou de opinião?

DANIEL.

E mudei, creia-o. Nunca me conheci assim. Não sei porque, sentia ao ouvil-a, reviver todo o meu passado a parte mais pura d'elle.

REITOR.

Sei eu.

DANIEL.

Depois que a vi foram sensações novas para mim as que experimentei. Eu que por tantas vezes e a sorrir tenho dado passos na vida, que fazem receiar os mais audazes; eu, que para ser arrojado, não careci nunca do forte impulso de uma paixão, pois me bastava o simples estímulo de um capricho; hesitei hontem como vio, ao fazer a proposta, a que o dever e o coração me impelliam, hesitei de timidez como se fosse um sacrilegio da minha parte. Depois ao receber aquella recusa pareceu-me sentir escurecer-se-me o futuro e, pela primeira vez na minha vida, senti-me desalentado com este máo exito, em vez de encontrar n'elle incitamento para persistir como tantas vezes o tinha encontrado.

REITOR.

Desconfie d'essas impressões subitas e violentas, desconfie. Margarida tem razão. Eu proprio já me não

atreveria a aconselhar-lhe o contrario. E' melhor deixar-mo-nos* guiar pelas inspiraçoẽs d'aquella alma de anjo.

DANIEL.

Mas se eu a amo?

REITOR, encolhendo os hombros.

Paixão de quinze dias!

DANIEL.

Ai, não. Sinto-me seguro d'esta vez a jurar-lhe...

REITOR.

Não jure, não jure nada, homem de Deus, que almas de outra tempera, que não é a sua, tem falhado depois de jurarem. Lembre-se do que diz o Evangelho. «— Seja o vosso fallar, sim, sim, não, não. Porque tudo o que d'aqui passa procede do mal! » — Se não perder a idéa d'esse amor, trabalhe por merecê-lo ; mas não faça juras. Que se alcançar aquelle coração, grande riqueza grangeia, isso lhe affirmo eu. E não tenha escrupulos de se deixar dominar, que melhor é a cabeça de Margarida, do que... Mas que fazemos ainda aqui?... Ainda hoje não fallou a seu irmão?...

DANIEL.

Ainda não.

REITOR.

Vá então ter com elle. E veja como se porta. Não entre em grandes explicações. Abrevie-as quanto puder; que é o mais prudente. Até logo. (*Ao virar-se dá com os olhos em João da Esquina, que apparece á porta da loja de collarinhos altos e com o fato domingueiro* Olá! o Sr. João!... Safa!... que luxo de vestuario!... E hoje dia de festa?...

JOÃO, olhando de revez para Daniel:

Talvez o seja para alguẽm. O que fôr soará. (*Os dous retiram-se, cada um para seu lado*).

SCENA III.

JOÃO DA ESQUINA DEPOIS JOSÉ DAS DORNAS.

JOÃO.

Parece-me que o maroto do cirurgião novo fez que me não vio. Mas então é de proposito que elle não apparece cá por casa ha mais de oito dias Deixa estar que as não perdes. Julgava talvez que ficava assim! Eu te direi se foi impunemente que fizeste versos á filha, e receitaste arsenico ao pae. Arsenico, heim! Bem dizia minha mulher que era, tempo de dar o grande passo. Ora vamos lá até casa do Sr. José das Dornas. (*Encaminha-se para o seu destino, é detido pela entrada de José das Dornas*).

JOSÉ, entra cantando.

Ai lá ri lo lé lá.

Eu vou pela mansidão!

Olá! viva o Sr. João! Ditosos olhos que o vêem.

JOÃO.

Muito obrigado. Ia agora mesmo a sua casa, Sr. José.

JOSÉ.

Então a que milagre devia eu a sua visita?

JOÃO.

A um negocio muito serio.

JOSÉ, á parte.

Temos emprestimo. (*Alto*) Muito serio! O caso é que você tem cara de funeral. Ah! ah!

JOÃO.

Tenho pouca vontade de rir, Sr. José.

JOSÉ.

Máo é isso. Então que diabo o afflige?... Desembuxe

para ahi. Olhe que eu sou homem para as occasiões.
A sua filha está peor?

JOÃO, com intenção.

A minha filha está boa.

JOSÉ.

Boa! Com que então logo á primeira... heim?... O
meu Daniel sahio-se como um homem.

JOÃO, o mesmo.

Sahio-se optimamente.

JOSÉ.

Olhe que me tem esquecido emprestar-lhe o livro do
rapaz, aquelle em que eu lhe fallei — mas logo lh'o mando.

JOÃO.

Não tenha incommodo. E' de outra obra de seu filho,
que eu lhe quero agora fallar.

JOSÉ.

D'outra?

JOÃO, tirando do bolso um papel côr de rosa e pondo-o
diante dos olhos do lavrador.

Ora faça favor de lêr isto.

JOSÉ.

Mas isto que é?

JOÃO.

Leia e verá.

JOSÉ, que tirou do bolso umas cangalhas que põe no nariz.

Trigueira! (*Olhando espantado para o tendeiro*). Trigueira!
que quer dizer isto!...

JOÃO.

Homem, leia, leia, que o saberá.

JOSÉ, lendo.

Trigueira ! que tens ? Mais feia
Com essa côr te imaginas ?
Feia, tu, que assim fascinas
Com um só olhar dos teus !
Que ciumes tens da alvura,
D'esses semblantes de neve,
Ai ! pobre cabeça leve !
Que te não castigue Deus !

O' visinho, mas isto... (*A um gesto do tendeiro, continua*).

Trigueira ! porque és trigueira
É que eu assim te quiz tanto.

JOÃO.

Repare, Sr. José « É que eu assim te quiz tanto. »
Vá reparando.

JOSÉ, continuando.

D'ahi provém todo o encanto
Em que me traz este amor.

JOÃO.

Este amor, este amor !

JOSÉ.

« Este amor... » é verdade... « Este amor.. » Lá
está. Homem ! basta de leitura.

JOÃO.

Mais um bocadinho... só mais um bocadinho.

• JOSÉ.

E acabou.

E suspiras e murmuras,
Que mais desejavas inda ?
Pois serias tu mais linda,
Se tivesses outra côr ?

Puff ! (*Limpendo o suor*).

JOÃO.

Leu ?

JOSÉ.

[Sim, senhor. Estão bonitos. São seus, Sr. João ?

JOÃO.

Meus! Isto é, mas é uma receita do nosso medico novo. Outra das lembranças do senhor seu filho.

JOSÉ.

Do... do meu... do Daniel? Pois o rapaz fez isto?

JOÃO.

Era com essas e outras, que elle andava a tratar a minha filha. O culpado foi eu que lhe dei entrada em casa.

JOSÉ.

O' visinho, por quem é, não ande por ahi a dizer essas coisas, que me desacredita o rapaz. Olhem se o João Semana o sabe! Um medico poeta! Para que diabo lhe havia de dar.

JOÃO.

A boas horas! já toda a gente o sabe. Que faça versos á lua e ao sol se quizer, não hade tirar d'isso grande proveito, mas que os faça, que os faça; agora andar a inquietar familias e...

JOSÉ.

Tem razão, visinho, tem razão e eu lhe prometto...

JOÃO.

Abuzar da confiança de um homem como eu!

JOSÉ.

Tem muita razão, visinho.

JOÃO.

Fazer andar á roda a cabeça de uma rapariga de juizo!

JOSÉ, ingulindo em secco.

Tem toda a razão, visinho.

JOÃO.

E' um desaforo!

JOSÉ.

Não o nego, Sr. João, não o nego.

JOÃO.

Não é homem em quem a gente se fie.

JOSÉ.

A fallar a verdade, não é, não, não é.

JOÃO.

E' forçoso uma satisfação. O visinho sabe o que são as bocças do mundo?...

JOSÉ.

Sim; e depois?

JOÃO.

O que são linguas chocalheiras?

JOSÉ.

Sim. E d'ahi!...

JOÃO.

O que são...

JOSÉ.

Vamos, adiante.

JOÃO.

Pois bem; para as fazer callar, é preciso...

JOSÉ.

E' preciso o que!

JOÃO.

E' indispensável...

JOSÉ, impaciente.

O que, Sr. João?... o que?... O que é necessario?...

JOÃO.

Que seu filho...

JOSÉ.

Que meu filho?

JOÃO.

Case...

JOSÉ.

Com a sua filha, não?

JOÃO.

Está bem de ver.

JOSÉ.

Ai lá ri ló lé lá.

Eu vou pela mansidão.

E era para isso que se dava ao trabalho de ir lá casa? Ora olhe, Sr. João, nós somos conhecidos antigos e eu macaco velho, como deve saber, que já me não deixo levar por essas. Aqui para nós, porque não tapou o vizinho da mesma fôrma as bocças do mundo, que tanto fallou do derriço de sua filha com o filho do sineiro! Porque se lhe não deu que ellas tagarellassem, por occasião da festa do Coração de Jesus, quando o Bento do padeiro não tirou os olhos d'ella, e ella d'elle, durante toda a santa festa? Porque fez ouvidos de mercador quando o Sr. Padre Antonio lhe disse que casasse a rapariga com o Chico sapateiro, para não dar que fallar á cegueira em que ella andava com elle? Ai, então não quiz, nem lhe importaram as linguas chocalheiras? Chegaram-lhe agora as febres. Pois veio bater a má porta. Socegue.

Não tenha susto. Homens que fazem versos não são os peiores. Contentam-se com isso. Sabe que mais? metta a viola no sacco; reteze a corda á cachopa e deixe correr.

JOÃO.

Isso não é resposta que se dê, Sr. José.

JOSÉ.

Não se zangue, Sr. João; amigos como d'antes." Pensemos em outra coisa. Está um tempo muito creador.

JOÃO.

Sr. José, isto não vae assim.

JOSÉ.

Não me mortifique, Sr. João; para que não vá peor. Os milhos...

JOÃO.

Sr. José!...

JOSÉ.

Não berre, visinho.

JOÃO.

Eu quero ver...

JOSÉ.

Pois abra os olhos.— E sabe que mais, tenha saude. (*Retirando-se tranquillamente*).

JOÃO.

Serei prudente. Resta-me a consciencia que fiz o meu dever. Mas o mundo saberá quem é o tal cirurgião das duzias.

(*Durante esta scena, tem atravessado alguma gente a scena; algumas crianças andam no largo*).

SCENA IV.

JOÃO DA ESQUINA E JOÃO SEMANA.

JOÃO SEMANA, a um camponez, que sentado n'uma pedra, está comendo o jantar n'uma tigella.

Bom proveito, amigo.

CAMPONEZ.

É servido hoje do meu jantar, Sr. João Semana?... É pobre, mas dado com a melhor vontade.

JOÃO SEMANA.

Obrigado, tio José das Bicas. Vou vêr se lá em casa a Joanna tem tambem o meu caldo em bom andamento.

CAMPONEZ.

Então vá com a graça do Senhor, vá, que o calor não se soffre.

JOÃO SEMANA.

Está picante, está. E como vão os seus milhos, Sr. José?

CAMPONEZ.

Ora... nem me falle n'isso. A sequeira é muita.

JOÃO SEMANA.

Veremos se para a lua nova haverá mudança de tempo (*Vendo uma mulher que ia para atravessar o largo*). Bons dias tia Rosa. Então como vae lá o seu velho? Fero e rijo, hem?

A VELHA.

Muito agradecida a V. S. Está fraquinho ainda, e por isso...

JOÃO SEMANA.

Pois que saia, que saia. E' preciso tambem trabalhar para deitar fóra as molestias. Nós não podemos fazer

tudo. Que passeie, diga-lhe que passeie. O mais que lhe póde acontecer é que dêem com elle as moças, mas d'isso não se morre.

A VELHA.

Já não está em idade para tanto. Sr. Doutor.

JOÃO SEMANA.

Fie-se n'elle, fie-se n'elle; olhe que são os peiores.

UMA RAPARIGA, que sáe da casa pobre que fica no 2.º plano; traz o fato remendado, e vem afflicta.

Muito boas tardes, Sr. João Semana.

JOÃO SEMANA.

Que temos lá, Maria? alguma novidade?

A RAPARIGA.

É que...

JOÃO SEMANA.

Falla; despacha-te, que vou com pressa.

RAPARIGA.

É que me esqueci do que me disse d'aquelle remedio para minha mãe, e...

JOÃO SEMANA.

Então onde diabo tinhas tu o juizo, galo doido?... Ai, que vocês andam-me com essas cabecinhas não sei porque terras e eu que vos ature depois. Aposto que te lembras melhor do que te disse hontem o teu conversado?...

RAPARIGA.

Ora o Sr. João Semana tem coisas!... E' que não sei se o remedio era todo para uma vez, ou...

JOÃO SEMANA.

É o que eu digo, é o que eu digo. Estouvada! Ca-

beça no ar! Quantas vezes te repeti que era para tres porções!!...

RAPARIGA.

E hade ser distante das comidas que...

JOÃS SEMANA.

Pois não te expliquei, cabeça de bogalho, que era para lh'o dares meia hora depois das comidas. Que tinhas tu nos ouvidos?

RAPARIGA.

Muito agradecida, Sr. João Semana; e perdôe por as almas, mas... a gente tem tanta coisa na cabeça...

JOÃO SEMANA.

Valha-te uma figa. Olha cá, ó Maria. Ouves. (*A rapariga volta-se*). Então que diabo é isso? Porque choras tu?...

RAPARIGA.

Nada, Sr. João Semana; é cá a nossa vida.

JOÃO SEMANA.

Quanto te levou o boticario pelo remedio?

RAPARIGA.

Seis vintens.

JOÃO SEMANA.

E... diz-me.— E mataste hoje a gallinha para tua mãe?...

RAPARIGA.

Dei-lhe o resto de hontem.

JOÃO SEMANA.

E para amanhã?

RAPARIGA.

Para amanhã... (*Fica embaraçada e triste*).

JOÃO, que mexera nos bolsos do colete, olhando em roda como se receiasse ser observado, introduz uma moeda de prata na mão da rapariga.

Toma lá. Olha agora se te pões para ahi a dar a lingua como costumás. Afflige bem tua mãe, afflige!... (*A rapariga quer tomar-lhe as mãos para beijal-as*). Larga, larga, não me venhas com essas coisas, que eu não sou para isso. (*Affastando-se*). Excellente vida! lucrativa clinica! rendeu-me esta consulta? Quem não ha de fazer casa assim?... (*Vae para se retirar e é detido por dous pequenos*). Que temos nós, pequenada?

UM PEQUENO.

O nosso Luiz está doente, e a mãe manda pedir ao Sr. Doutor para o ir ver.

JOÃO SEMANA.

Está bom, lá irei de tarde, e como está tua mãe?

UM PEQUENO.

A mãe diz que está melhor; mas ella chora tanto...

JOÃO SEMANA.

Tens razão, Manoel, em duvidar da saude dos que choram. Pois eu verei isso. Vá, ide jantar, e fazei rir vossa mãe, que é meia cura já. (*Affaga o rosto do pequeno e sae*).

SCENA V.

JOÃO DA ESQUINA, DEPOIS O SACHRISTÃO.

JOÃO, que entrára na loja, e que apparecêra novamente á porta.

Ainda não tive animo para ir dar conta da embaixada a minha mulher? Quem aturará a Sra. Thereza? (*Vendo o sachristão*). Ora, aqui vem quem nos traz novidades fresquinhas.

SACHRISTÃO.

O Sr. João é quem m'as devia dar, pois está mais perto do sitio onde ellas ferveram.

JOÃO.

Não te entendo, Joaquim. Então que ha?

SACHRISTÃO.

Então deveras não sabem o escandalo da noite passada?

JOÃO.

Não. Que houve? Conta lá isso, Joaquim, conta lá.

SACHRISTÃO.

O filho aqui do seu visinho... o Doutor novo, está para o levar o diabo.

JOÃO.

Mas como foi isso?

SACHRISTÃO.

Foi o irmão, o Pedro, que esteve para o matar.

JOÃO.

Ora, contos!...

SACHRISTÃO.

E' o que eu lhe digo. A mim contou-me esta manhã a tia Brazia, á missa primeira, que o Pedro pilhou o irmão a sahir de casa das do Meiadás e disparou contra elle a espingarda. A tia Brazia affirmou-me que tinha ouvido o tiro.

JOÃO.

Agora me lembra que tambem ouvi um tiro esta noite. E matou-o?

SACHRISTÃO.

Não, não o matou, mas julgo que o ferio.

JOÃO.

Não se perde nada. Mas era com a Clarita, então?...

SACHRISTÃO.

Pelos modos era com a Margarida, ao que dizem... eu por mim inclino-me que era com ambas.

JOÃO.

Com a Margarida. Pois com aquelles ares de Senhora da Soledade... aquelles ares de santa...

UM JORNALEIRO, que se approximára.

Houve mosquitos por corda esta noite lá para as minhas bandas, houve.

SACHRISTÃO.

Ah! tambem já sabe?

JORNALEIRO.

Ora se já sei! Pois eu não estive lá?

JOÃO.

Ai, pois vio?

JORNALEIRO.

Eu tinha chegado de fora, havia meia hora. Estava a minha patrão a fritar-me uns ovos.— E' verdade, ó seu João, que diabo de azeite me deu vocemecê o outro dia, que nem á mão de Deus padre se póde levar?...

JOÃO.

Homem, pois ninguem se me tem queixado d'elle. É você o primeiro.

JORNALEIRO.

Eu não sei que lhe acho, sabe-me a chapéo velho, o maldicto. Mas estava lá a minha Quiteria ao lume, eis senão quando eu oigo uns gritos de :— « Aqui d'El-rei?!... »

JOÃO.

Então elles gritaram :— « Aqui d'El-rei?!...—»

JORNALEIRO.

Que os ouvi eu, sim senhor. Puz-me logo na rua, segui o caminho, e cheguei á porta do quintal das raparigas. Estava já lá o Pedro do Abbade, o João das Pontes, o tio Gaudencio das Luzes... « — O' tio Gaudencio digo-lhe eu, que é isto aqui? — » « — Olha, — » diz-me elle. E váe, eu olho e vejo o Pedro das Dornas com uma espingarda na mão, e o Sr. Reitor ao pé d'elle, e no chão uma mulher.

JOÃO.

Morta?

JORNALEIRO.

Morta, não senhor. A mulher estava viva.

JOÃO.

Era então a Clara?...

JORNALEIRO.

Nada, não era; era a irmã, a mestra. Eu bem a vi.

SACHRISTÃO, vendo approximar-se Josepha da Graça.

Ahi vem, Sr. João, quem nos pôde dar informações exactas.

SCENA VI.

OS MESMOS, JOSEPHA DA GRAÇA, MULHERES E
CRIANÇAS, QUE VEDARAM O GRUPO, DEPOIS
JOANNA.

JOSEPHA, beatamente.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus-Christo.

JOÃO.

Para sempre seja o Senhor, louvado.

JOSEPHA.

Faz favor de me vender duas velinhas de cera para uma promessa, que fiz ao Divino Coração de Maria, Sr. João, e que seja pelas Divinas Chagas de Nosso Senhor Jesus-Christo.

JOÃO.

Então que houve lá pelas suas visinhanças?

JOSEPHA.

Eu sei filho?... Eu de portas para fóra nada posso dizer. Já não é pouco tratar cada um da sua alma e dirigit-a no caminho do céo. O Padre José ainda hontem o disse. Para que hade uma pessoa abrir a janella de sua casa? Para se metter em trabalhos? Não, que eu, filho, todas as noites reso ao meu devoto Padre Santo Antonio, para que me livre de perigos e trabalhos, de mãos visinhos de ao pé da porta, e de ferros d'El-rei.

JOÃO.

Mas pelos modos, o santo não a tem ouvido, porque em quanto aos mãos visinhos...

JOSEPHA.

Visinhos, o que se diz visinhos; não tenho eu; a casa mais perto é a das pequenas do Meiadas, e d'essa á minha, ainda é um bocadinho.

SACHRISTÃO.

Maç ouvia-se de lá o barulho?

JOSEPHA.

Olhe, Sr. Joaquim, peccados d'este mundo, sabe ?

JOÃO.

Mas afinal o que houve ? O caso foi com a Clara ou com a irmã ?

JOSEPHA.

Foi com a Margarida, Sr. Joaquim. Aquillo estava de vêr. Então admirou-se?... Pois olhe, eu... A gente não deve murmurar do proximo, mas enfim, isto é por conversar e não passa d'aqui. Aquella rapariga vae mal. Tirando lá a sua missa ao domingo, já ninguem a vê na igreja. E alli aonde a vê, não quiz pertencer á confraria do Sagrado Coração de Maria.

JOÃO.

Mas se o caso era com a Margarida só, como é então que o Pedro quiz matar o irmão. Que tinha o Pedro com isso?...

JOSEPHA.

O que me disseram foi que a Margarida quiz lançar as culpas á Clara, e que foi então que o Pedro espetou a navalha no irmão.

JOÃO.

Então elle espetou-lhe alguma navalha?

JOSEPHA.

Pois não espetou?... E diz que, por pouco, lhe chegava ao coração.

JOÃO.

Santo nome de Jesus! Isso é crime de degredo, pelo menos. E quem vê a Margarida?... toda de mantos de seda, toda Santo Antoninho onde te porei.

JOSEPHA.

Olhe, Sr. João da Esquina—tentações do inímigo máo, é o que é. Não, que dizem, que não serve de nada confessar-se a gente a miudo e rezar as orações dos missionarios.

JOANNA, que entrára, que ouvira, e approximando-se.

Ai! serve para livrar de maleitas depois de morto.

JOSEPHA, fingindo que não ouviu.

Ainda esta manhã o Padre José...

JOANNA, com maliciosa expressão.

Oh!

JOSEPHA, fitando n'ella uns olhos chamejantes de colera.

A Sra. Joanna tem alguma coisa que dizer ao Sr. Padre José!

JOANNA, embespinhada.

E você que lhe importa!...

JOSEPHA.

Eu sempre queria saber...

JOANNA.

Ora metta-se com a sua vida, que não é de muitas canceiras e não tome tanto fogo pelo que se passa nas casas alheias. Não está máo o descoco! Olhem agora o estafermo!

JOSEPHA.

Não se zangue, Sra. Joanna, lembre-se que a ira é o quarto peccado mortal.

JOANNA.

Dê conselhos a quem lh'os pedir, que eu, quando precisar d'elles, sempre heide ter outras barbas melhores do que as suas para m'os dar.

JOSEPHA, com um sorriso de sarcastico.

Presumpção e agua bemta, cada qual toma a que quer.

JOANNA.

O' Sra. Zéfa da Graça, repare bem com quem se mette. Olhe que eu não sou das da sua igualha, para tomar comigo esses ares de confiança. Veja que lhe pôde sahir caro o risinho.

JOSEPHA.

Ninguém fallava com a Sra. Joanna. Quem não quer ouvir as coisas...

JOÃO, entrevindo.

Então, então, isso não vale nada.

JOANNA.

Que não vale nada, sei eu, porque tenho bastante juizo para receber as coisas como da mão de quem vem. Mas na verdade que lá custa a uma pessoa estar ouvindo semiscarunhas d'estas a pôrem a baba na fama d'uma rapariga, de quem um só cabello da cabeça vale por todas as beatas fingidas, por todas de cambalhota.

JOSEPHA.

Veja o que diz! Depois não se queixe se ouvir...

JOANNA.

Que hei-de eu ouvir, sua papa-novenas, que hei-de eu ouvir? Eu não tenho medo das verdades, e para as mentiras tenho estas mãos desempenadas, graças a Deus. Diga o que sabe, diga para ahí. Não, minha amiga, a mim não me engana você. Cuida que o rosario é uma feira de alcatruzes, que a ha-de levar ao céu? Está servida.

JOSEPHA.

Quem chega á missa depois do credo... não pôde fallar.

JOANNA.

E você sua rata de sachristia, tem alguma coisa com isso? Que lhe importa se eu chego tarde ou cedo? Não, que eu não tenho a sua vida, sabe! Deus que lê nos corações, bem conhece que não é de proposito, que eu... Mas vejam esta santinha com que attenção está á missa, que repara para quem entra e quem sáe. São todas assim. E ha-de ser isto quem ha-de pôr bocca em Margarida?

JOSEPHA.

Então julga que é peta o que toda a gente sabe por ahí já?

JOÃO.

Não, a verdade deve dizer-se. É facto que hontem á noite...

JOANNA.

Historias!... isso não ha de ser tanto como dizem. Sabem que mais? Eu só lhes desejo, aos que tiverem filhas, que Deus lhes dê a ellas um bocadinho de juizo da Guida do Meiadás.

JORNALEIRO, que se tinha affastado e que observára para fóra da scena.

Calluda! que ella ahí vem com o Sr. Reitor. (*O grupo affasta-se um pouco para o lado*).

SCENA VII.

OS MESMOS o REITOR E GUIDA.

REITOR, que traz Guida pelo braço.

Encosta-te ao meu braço e não tenhas medo. Quero vêr agora quem se atreve a murmurar d'aquella, que passa apoiada ao braço do seu Reitor. Sempre quero vêr (*As crianças, ao vêr Guida correm, sollando gritos de alegria, a beijar-lhe a mão*).

UMA MULHER.

Vem cá, Luiza. (*Uma pequena pára irresoluta*).

2.^a MULHER.

O' Maria, aonde vaes tu? Para aqui, já; corre. (*A criança recua tremendo*).

3.^a MULHER.

O' Ermelinda, não ouves?... Não ouves, Ermelinda. Olha se queres que eu vá lá.

4.^a MULHER.

O' Anna! ó Anna!. . . então isso é o que eu te disse? . . . Salte aqui para ao pé de mim. Ande.

REITOR, tremendo de indignação, enquanto Guida instinctivamente lhe aperta o braço também a tremer.

Olá, olá, Luiza, Maria, Ermelinda, e Anna— aqui já, já, todas aqui já! — Então não ouvem? . . . (*As crianças aproximam-se tremulas*). Já que vossas mães vos ensinam a ser desobedentes e mal creadas, aqui estou eu para vos dar educação. — Beijem a mão á sua mestra, já. Ouvem-me?

GUIDA.

Senhor?

REITOR, distraidamente.

Deixa-me. Então, vamos! (*As crianças beijam a mão de Guida, que as abraça soluçando*).

REITOR, dirigindo-se ás mães.

E vocês lá.—Aproximem-se também e venham aqui pedir por favor a esta rapariga, á minha pupilla, entendem? á minha pupilla venham pedir-lhe que lhes abençoe as filhas. Vamos!

1.^a MULHER.

Essa agora!

2.^a MULHER.

Era o que me faltava!

3.^a MULHER.

Olhem os meus peccados!

4.^a MULHER.

Não ha de ser a filha de meu pae.

REITOR.

Que é? que é? que é lá isso? . . . Que virtuosissimas creaturas sois vós todas? Olhem lá que não manchem os

labios a pedir ! Não vos custa manchal-os a jurar em vão o Santo Nome de Deus, não se vos importa manchal-os a assoalhar as vidas alheias, a calumniar as amigas, a insultar as visinhas ; mas fazeis escrupulos de os empregar, a pedir a benção para vossos filhos, a quem, mais e melhor do que vocês todas juntas, lh'a póde e deve dar.

ALGUMAS VOZES.

Ora !

REITOR.

Ora ! ora, o que ? Saibam então que todas, todas vocês nem são dignas de lhe beijarem as bordas dos vestidos. O que sabeis é engrolar padres nossos e roçar com a testa pelo chão das igrejas ; mas não tendes coração para a doutrina do Senhor, não. Vós, as santas creaturas envergonhai-vos de pedir, como se vos des-honrasseis com isso ? Pois eu não me reconheço tão puro ; sou um pobre peccador e por isso não devo ter essas soberbas de bemaventurados. (*Dominado pela exaltação, curva-se, descobrindo-se, e tomã a mão de Margarida, que leva respeitosa-mente aos labios, apesar dos esforços d'ella ; a assembléa baixa todos os olhos de confusão e as crianças rodêtam a sua joven mestra e cobrem-lhe as mãos de beijos, emquanto ella banhada em lagrimas, aperia uma por uma ao seio, sem poder fallar commovida.*) Bem, minhas filhas, bem. Dáes assim um nobre e bello exemplo a vossas mães ; é de certo a mão de Deus, que vos tocou os corações. Quem se recusará a imital-as ?

JOSÉ DAS DORNAS, que entrára, e approximando-se do Reitor, por detraz d'elle.

Eu não. (*Approxima-se de Margarida e pegando-lhe na mão.*) Minha filha, eu tenho setenta annos. Desde que minha mãe morreu — ha cincoenta annos, quasi, nunca mais beijei a mão a ninguem. Pois digo-lhe que o faço agora, ainda com mais respeito, do que o fazia então. (*Inclina-se e beija-lhe a mão.*)

REITOR, quando elle se endireita, abraçando-o.

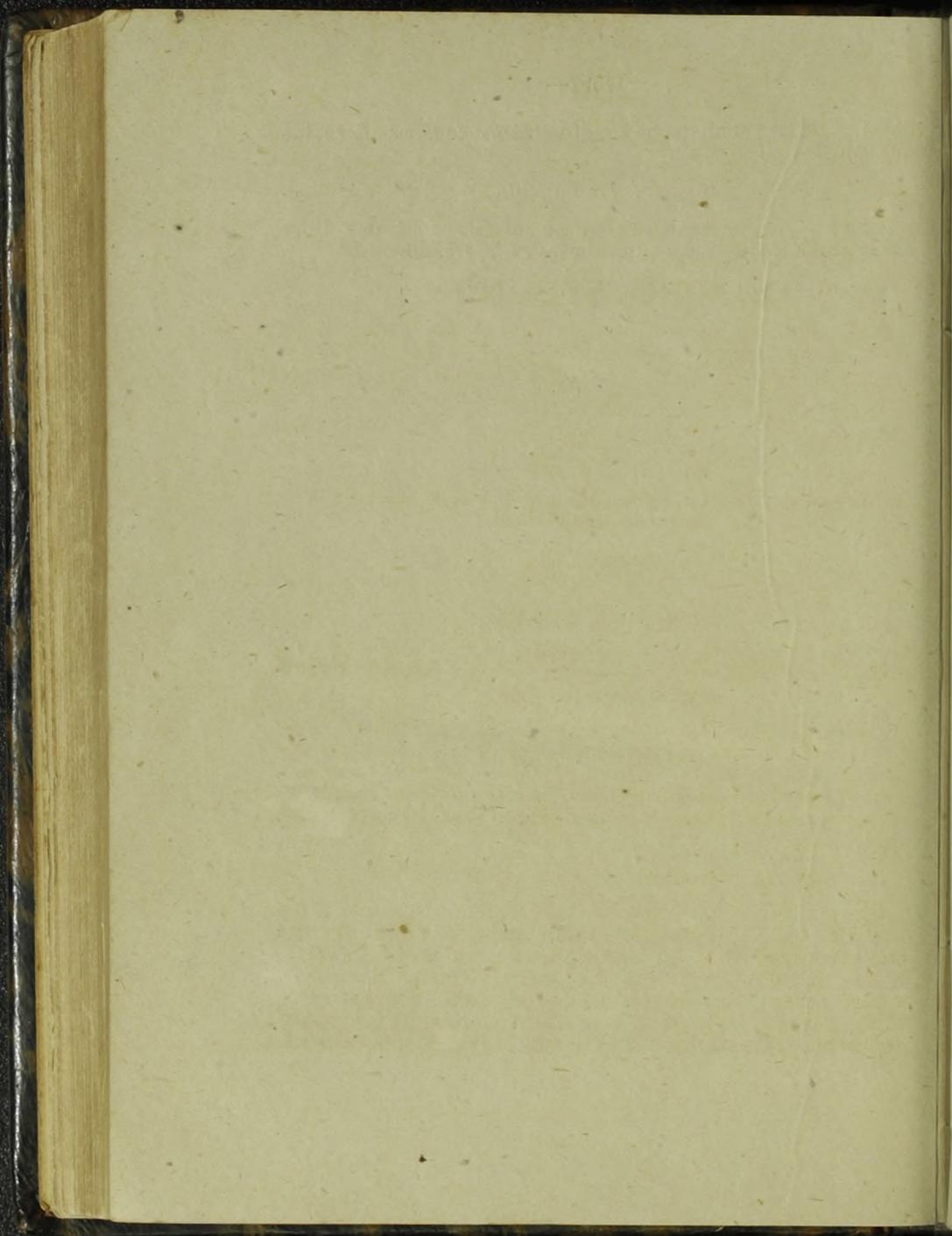
Bravo, José, bravo, meu homem ! Isso esperava eu

de ti, que te conheço ha muito. (*Entre lagrimas de enthusiasmo*) Bravo! bravo!

JOANNA, commovida.

Palavra, que se estivesse ao pé do Sr. José das Dornas, tambem lhe dava um abraço e apertado.

(*Cae o panno.*)



QUADRO SEGUNDO.

DO QUINTO ACTO.

Uma sala em casa das pupillas. Portas á E. e ao F. janellas á D.
mobilia modesta e antiga.

SCENA I.

GUIDA E O REITOR.

GUIDA, sentada a uma mesa, com o livro dos Evangelhos
aberto diante, e lendo.

« Elle, porém, lhe disse: «— Filho, tu sempre estás
comigo, e todas as minhas cousas são tuas. Convenha-nos
porém, alegrar-nos e folgar; porque este teu irmão era
morto e reviveu, e tinha-se perdido e achou-se.» *(A com-
moção que manifestara á leitura arrancava-lhe lagrimas que
enxuga).*

REITOR, que entrara e se approxima d'ella.

Que é isto!... Lagrimas!... Choros!... Ai, filha, filha,
que me tens tu dito? E' então mentira a indiferença
que asseguravas?... Eu logo vi, mas... valha-me Deus!...
N'esse caso... para que fui eu... Então, Margarida,
então, então. Isto assim, não tem geito. Socega, rapa-
riga, socega. Vá o mal a quem toca. Nem todos podem
ser santos. Os santos?... Os santos estão nos altares.

Ha coisas que são superiores ás forças humanas; Pedro é bom e perdoará a Clara, perdoando elle, quem tem direito de condemnar? E se não perdoar não sei o que lhe faça. Quem mal a cama faz, n'ella se deita. Ora é muito boa! Em quanto ao mundo—adeus minha vida, o mundo é o mundo, importa lá o mundo.

GUIDA.

Perdôe-me, perdôe-me por quem é. Mas não pude, não posso mais. Não julgue que me arrependo do que fiz, que me lembro de recuar. Creia-me, pouco me importa o mundo, o que dizem e o que virão a dizer. Pouco me importa.

REITOR.

Mas então este choro?

GUIDA.

Nem sei porque choro, eu mesma não o sei. Mas faz-me bem o chorar. Deixe-me, deixe-me, por piedade.

REITOR.

Mas, minha orgulhosa, porque não aceitaste tu a proposta de Daniel?...

GUIDA, impetuosamente, mas não podendo suster as lagrimas.

Isso é que nunca.

REITOR.

E ahí estás a chorar cada vez mais! Mas isto não deve ficar assim. E' preciso dar-lhe remedio. Tua irmã não póde querer...

GUIDA.

Mas se eu lhe juro que não choro por isso! Se eu lhe affianço, que pouco me importa o mundo!

REITOR.

Mas então, ó Virgem Santa, então porque choras tu? Eu endoudeço ainda hoje... endoudeço. Sacrificas a tua

reputação para salvar a de Clara e não choras por isso; tiveste na tua mão remediar tudo, aceitando o leal offerecimento de Daniel, e que afinal o pobre rapaz fazia do coração, e recusaste sorrindo. E agora venho encontrar-te n'este estado a dizer-me e jurar que não é nada. Recusas confiar-me a causa! Margarida preciso sabel-a, quero sabel-a!

GUIDA.

Agora não posso, não sei até dizer-lh'ó. Se me estima, se me quer, como diz, não me pergunte nada. Deixe-me só, peço-lh'ó por favor, por alma de minha mãe. Logo volte, e quando voltar verá que me hade achar contente, prometto-lh'ó. Que mais quer? Os abalos que tenho tido causaram-me isto. Não sei que tenho. Vá, peço-lhe que vá. Então não vae?... *(O Reitor olha para ella um instante, depois toma o chapéo e sáe sem dizer palavra, mas limpando vna lagrima).*

SCENA II.

GUIDA, DEPOIS CLARA.

GUIDA.

Fraca! fraca! que não tive forças para me sustentar até ao fim. Vá, vá, acabam de correr por uma vez estas lagrimas, e que sejam as ultimas; que ninguem m'as veja mais nos olhos. A causa... a causa... Oh! essa ninguem a hade adivinhar.

CLARA, que entrára nos bicos dos pés, diz-lhe ao ouvido.

Enganas-te, Guida. Adivinhei-a eu já.

GUIDA, erguendo-se de repente.

Que dizes, Clara? que estás a dizer, filha?

CLARA.

Digo que te adivinhei, Guida. Que mais queres? Estás descoberta, minha reservada. Não tinhas confiança em

tua irmã, e assim te perdias por uma pessoa, de quem desconfiavas! E' acção de santa, é; mas eu te prometto que isto não hade ficar assim.

GUIDA.

Clara, tu não sabes o que dizes.

CLARA.

Escuta. Que promessas, que offerecimentos eram aquelles do... do Sr. Daniel? e porque os não aceitaste tu?...

GUIDA.

Clarinha!

CLARA.

Vamos. Eu ouvi tudo o que disse agora o Sr. Reitor. Não m'ó queres dizer. Digo-t'ó eu... Daniel propoz-te...

GUIDA.

Basta, Clara, basta. Bem sabes que não aceitei.

CLARA.

E porque? Isso mesmo é o que mais quero saber.

GUIDA.

Porque... não devia aceitar.

CLARA.

Não devias?

GUIDA.

Não, não devia. E's tu a que me vens dizer que se póde, que se deve aceitar um esposo a quem...

CLARA, fitando-a.

A quem?

GUIDA.

A quem não... amamos.

CLARA, continuando a fital-a.

E então é certo que não amas o Sr. Daniel?

GUIDA.

Que pergunta!

CLARA.

E ainda não queres que te ralhe! Ora ouve, Guida. Desde hoje que o desconfio. Passaste hontem a noite á minha cabeceira. Eram tres horas quando dormias e eu estava acordada então. Ora, tu tambem tinhas febre, tambem sonhaste em voz alta, alguma coisa disseste...

GUIDA.

Que disse eu?

CLARA.

Palavras soltas, certo nome, de que eu ao principio, fiz pouco ou nenhum caso, mas em que depois me deu que scismar. E tanto scismei, tanto scismei, que afinal descobri minha pobre Guida...

GUIDA.

O que?

CLARA.

Que esse coração não era por fim o que se suppu-nha. E olha que mais te quiz por isso; porque eu gosto de quem tenha coração.

GUIDA.

Mas emfim, que queres tu dizer?...

CLARA.

Quero dizer, que tu amas, que tu amavas, e ha muito o Sr. Daniel.

GUIDA.

Estás louca filha.

CLARA.

Não o negues ou ficamos de mal. Eu depois recordei-me do que dizia o Sr. Reitor, de que Daniel fôra em pequeno teu conversado. Muitas vezes te vi corar ainda quando, o Sr. Reitor te caçoava com isso. Depois certa maneira de fallar com elle... certo acanhamento... e as lagrimas de ha pouco .. e as palavras de agora .. e essa mã vontade com que me estás... e esse olhar que se não atreve a levantar-se para mim — é certo amal-o ; e por isso pergunto ; porque recusaste o seu offerecimento?...

GUIDA, tomando as mãos da irmã e apertando-lh'as convulsivamente.

Porque? Queres sabel-o?... Porque o amo. Entendeste agora?

CLARA.

Não.

GUIDA, com exaltação.

Pois não vês, criança, não vês, louca, que seria um martyrio horrivel um tormento, que nem se imagina, aceitar a compaixão de um homem a quem se ama? Sabes que por generosamente nos salvar a reputação, só para isso, elle nos fez, o sacrificio do seu futuro das suas ambições ; que se abaixou condoido, para do chão, nos levantar até si. Ha lá nada mais doloroso, Ai, Clara, e cuidas que se resistiria a esta idéa?... Oh! deixa-me, deixa-me fizeste-me já dizer o que eu nem a mim mesmo dissera ainda.

CLARA.

Não te arreponderás, crê... Adeus.

GUIDA.

Aonde vaes?

CLARA.

Só o has de saber á minha volta. (*Dá-lhe um beijo e sáe apressadamente*).

SCENA III.

GUIDA, só, DEPOIS DANIEL.

GUIDA.

Onde irá ella? Não sei porque, deixou-me preocupada esta sahida de Clara! Ella pensa tão pouco — e ás vezes irreflectidamente póde commetter uma imprudencia.— Assusta-me que ella saiba o meu segredo.

UMA VOZ DE RAPARIGA, na rua cantando.

Andava a pobre cabreira
O seu rebanho a guardar,
Desde que rompia o dia
Até a noite fechar.

(Margarida, que a escuta impressionada, levanta os olhos para o céo, e exclama).

GUIDA.

Oh! minhas recordações!... E vós, meu Deus, porque permittes que se avive assim a cada instante o sonho mais bello e mais doloroso da minha vida. *(Neste momento apparece apparece Daniel ao F).*

DANIEL.

Dá licença, Margarida?

GUIDA, voltando-se e vendo-o.

O Sr. Daniel!

DANIEL.

Deve ter a certeza que só um motivo forte e imperioso me trazia assim inesperadamente a esta casa.

GUIDA.

O que será!...

DANIEL.

Venho trazer-lhe as derradeiras palavras de um moribundo que foram uma benção e uma saudade para Guida.

GUIDA.

Então o meu mestre...?

DANIEL.

Já não existe. Foi uma vida de tormentos que findou.

GUIDA, com dôr.

Ah! e eu que não estava á sua cabeceira para lhe prestar o derradeiro serviço!

DANIEL.

Estava eu; que promettera a Guida nunca o desamparar na sua ausencia, e não o desamparei.

GUIDA.

Obrigada.

DANIEL.

Não tem que me agradecer. Era alli que eu estava bem hoje em dia, porque era alli que eu não ouvia falar em outro nome, que não fosse o de Guida.

GUIDA.

Sr. Daniel!

DANIEL.

Margarida, é n'este momento solemne, que lhe vou fallar, que lhe quero dizer tudo o que sinto. Este lugar é para mim tão sagrado, como o interior de um santuario. Não é verdade que ninguem teria coragem para mentir, vindo de contemplar a morte? Não é verdade que ninguem pôde receiar do seu coração quando o interroga n'uma occasião como esta e o sentê forte? É pois agora, e n'este momento que eu lhe repito, que eu lhe venho jurar que a amo, Margarida.

GUIDA.

Oh! calle-se, calle-se!

DANIEL.

Para que me manda callar?... Levará tão longe a sua desconfiança que possa acreditar, que até n'este momento lhe minto, e que nem a promessa que fiz a um meribundo, porque lh'a fiz, revelando-lhe inteira a minha paixão que nem essa saberei respeitar.

GUIDA.

Por compaixão, por misericórdia, calle-se.

DANIEL.

Margarida!

GUIDA.

Não vê que é um sacrilegio quasi isso que está a dizer. Recorde-se d'onde vem — e lembre-se do que nos separa. Oh! cale-se!

DANIEL.

E' a solemnidade do momento que me anima a fallar-lhe. Não duvide de mim, Margarida. Será preciso que lhe lembre o tempo passado?... Será preciso que lhe falle da infancia, Guida! da infancia que passamos juntos?

GUIDA, com amarga exprobação.

A-mim! Serei eu a que precise de avivar lembranças. (*Reprimindo o movimento que não soube disfarçar, accrescenta com desespero*). Que quer de mim?

DANIEL.

A sua confiança, a sua estima; juro-lhe que a mereço. Pela primeira vez, faço sem hesitar, este juramento. Alguma coisa se passou no meu coração, que me fez outro homem. Acabou o louco sonho de dez annos, que andei sonhando. Despertei hontem. Agora sou o mesmo Daniel, que d'aqui partio, deixando na aldeia alguém, que do alto dos montes olhava com tristeza para a estrada que o constrangeram a seguir, estrada que, elle tambem regou com lagrimas de saudades. Guida, não me perdoará as loucuras d'este sonho máo? Não m'as perdoará em nome do passado? Falle.

GUIDA, comsigo.

Inspirai-me Senhor Deus!

DANIEL.

Diga, que devo eu fazer para adquirir de novo essa estima, que perdi? Peça-me sacrificios; peça-me provas; mas não me feche assim de todo o coração. E' generosa para com todos, e só para mim...

GUIDA.

Que quer? Que me vem pedir aqui? Para que vem lembrar-me o passado, que primeiro do que eu, deixou esquecer!... Deseja a minha estima, a minha confiança?... Confiança em que!... No seu caracter?... bem sabe que não desconfio da nobreza d'elle; no seu coração? (*Com voz tremula*). Ai, no seu coração? para que deseja que eu me occupe do seu coração, Daniel! Por piedade, não me falle assim! Se soubesse o mal que me faz, se soubesse... Oh! meu Deus! eu a dizer isto e o cadaver do meu mestre a pedir-nos orações!... Daniel... Sr. Daniel... peço-lhe que me deixé rezar.

DANIEL.

E vae rezar com a alma cerrada aos sentimentos de piedade, Guida?

GUIDA, quasi supplicante.

Daniel!

DANIEL.

Margarida! não vê que essa desconfiança me mata? Por piedadel (*Margarida fita-o e irresoluta já, vae quasi para estender-lhe a mão, mas ainda consegue vencer-se retirando-a*).

SCENA IV.

OS MESMOS E CLARA.

CLARA, ainda fóra.

Guida! Guida! (*Entra correndo, mas detem-se á vista dos dois*). Ah!

GUIDA, embaraçada.

O que é, Clara? Que me queres?

CLARA.

Já vaes saber o que eu quero. (*A Daniel*) Sr. Daniel! seu pae e seu irmão estão lá fóra, esperando-o.

DANIEL.

Eu vou, Clara. (*Sáe, depois de alhar ainda uma vez para Margarida*).

SCENA V.

GUIDA E CLARA.

CLARA.

Margarida, estou resolvida a acabar com isto. Não quero que vivas debaixo das desconfianças de todos esses que não te valem. A Joanna contou-me o que por ahí se diz. Ora responde-me, por alguma coisa no mundo, aceitarías de mim um sacrificio tamanho?

GUIDA.

Quem sabe? Outra coisa me afflige n'este momento mais, bem mais, que tudo isso. Não sabes que morreu o nosso pobre amigo?

CLARA.

Sei, soube-o de Daniel, que encontrei quando vinha dar-te a noticia.

GUIDA.

Pois fallaste-lhe?

CLARA.

Fallei. E fui depois rezar junto do leito do nosso mestre. E lá, outra vez, aconselhou-me Deus, que não abandonasse a minha idéa.

GUIDA.

Então que idéa, tiveste tu ?

CLARA.

Guida, agora isto em mim é decidido. Ou tu aceitas o offerecimento de Daniel ou eu digo tudo.

GUIDA.

Douda; nem me falles n'isso.

CLARA.

Agora, juro-te, pela salvação da minha alma, que é tenção firme, e que te não darei ouvidos Guida.

GUIDA.

Clara !

CLARA.

Juro-t'ó.

GUIDA.

Queres fazer-me desgraçada?

CLARA.

Quero fazer-te feliz.

GUIDA.

Matavas-me.

CLARA.

A morte te estás tu a dar com esse teu genio, Guida. Escondes-te para chorar. E olha, quando se não chora, parece que as lagrimas nos cáem todas cá dentro e quemam, e o padecimento é então de morte.

GUIDA.

Estás enganada Clara, a gente costuma-se afinal: costuma-se a tudo, até á tristeza.

CLARA.

Para que estás tu a mentir-me assim ? Aprendi mais de ti n'estes dois dias, do que em tantos annos, que te conheço. Quem sabia perdoar como tu, e desde bem pe-

quena principiaste a fazel-o, quem sabia como tu, estimar e proteger uma irmã, podia lá ter fechado o coração para o mais?... para o amor? E que amor, que lá guardas ha tanto! e que ainda agora queres abafar; como julgas que o has de fazer, douda? Que has-de tu pôr no lugar d'elle?

GUIDA.

A tua amizade, Clara. (*Beijando-a*). Essa me bastará. Tudo o que nos agrada, que nos enfeitiça, nas crianças, agradava-me, enfeitiçava-me em ti. Mas agora, Clara, appareces-me outra. Estás uma mulher. Agora posso tomar-te por confidente e conselheira até! Tens direito a sel-o, tu, a unica pessoa que me adivinhou. E' teu o meu segredo... porque m'ó roubaste; vamos. Vê, que já me não envergonho de dizer-te que me adivinhaste.

CLARA.

E a minha tenção é firme.

GUIDA.

Então, Clara!

CLARA.

Escolhe. Não sejas má comtigo e com elle.

GUIDA.

Com elle!

CLARA.

Com elle, sim, que te ama.

GUIDA.

Para que affirmas o que sabes que é mentira?

CLARA.

Não é, Daniel fallou-me ainda agora de ti. Disse-me que conversava com o irmão a teu respeito. Pedro teimava com elle para que casasse comtigo. Daniel respondeu-lhe: —que seria para o seu coração grande ventura, mas que tu recusáras. Que elle via agora a razão porque tão de repente te amára assim.

GUIDA.

Deve ser uma razão bem conhecida d'elle, que tantas vezes a tem sentido com outras.

CLARA.

Não digas isso, má. Daniel recordava-se de tu teres sido a sua companheira em criança; lembrava-se que fôra quem te ensinára a lêr, quando te ia procurar ao monte, onde sósinha, passavas os dias a guardar os rebanhos de nossa casa. Depois quando se recordava da maneira porque respondestes ao seu pedido, quando pensava em que o não amavas já, ficava tão triste, que metia pena. E eu então... disse-lhe!...

GUIDA.

O que?! meu Deus!...

CLARA.

Disse-lhe... que tu o amavas.

GUIDA, juntando as mãos.

O' Clara! que foste fazer?!...

CLARA.

O que devia. De que servem esses fingimentos?... Pois não o amas tu deveras?...

GUIDA.

Ai, Clara, Clara; não te perdôo isso, não.

CLARA.

Nem eu quero que m'ô perdôes, has-de agradecer-m'ô. Depois autorisada por elle eu propuz ao pai e ao irmão que viessem...

GUIDA.

Que viessem!...

CLARA.

Que viessem comigo.

Aonde?

GUIDA.

Aqui.

CLARA.

Aqui, e então?

GUIDA.

CLARA.

E então, vieram. Estão esperando n'aquella sala juntamente com Daniel, que foi encontral-os.

O' Clara!...

GUIDA.

CLARA.

Pois não fiz bem?... Agora vaes dizer que sim, quando elle de novo te propozer.

GUIDA.

Não, nunca o direi.

CLARA.

Como quizeres, mas lembra-te do que eu te jurei.

GUIDA.

Clara! Clara! minha irmã!... minha amiga!... repara ao que me queres obrigar. Pois força-se alguém a uma coisa assim?... Dize:— Queres que eu me abaixe a...

SCENA VI.

AS MESMAS, JOSÉ DAS DORNAS E O REITOR.

JOSÉ, interrompendo Guida.

Vocês perdõem, se eu lhes interrompo a conversa, mas é que tenho que fallar á Margarida. (*Affagando com as mãos a copa do chapéo*). O meu filho Daniel é um estouvado. Desde criança o conheci assim. Lá que com os seus estouvamentos e as suas estroinices desse cabo da saude e da legitima materna, era uma pena, mas emfim

(*encolhendo os hombros*) entre Deus e elle se decidisse esse negocio. Mas agora que venha perder e inquietar os outros com as suas asneiras, isso é que não estou resolvido a soffrer-lh'o. Muito menos então, quando essa outra pessoa é a pérola cá da nossa terra... Todos o dizem...

GUIDA.

Por quem é, Sr. . .

REITOR.

Bem, bem, adiante.

JOSÉ.

É verdade, pois agora de duas uma, ou elle, para remediar o mal que fez, lhe vem aqui pedir para a menina o aceitar por marido; e se a menina lhe quizer fazer esse favor, tudo se remedeia, e eu recebo por filhas, logo d'uma assentada, as duas melhores moças da terra, ou então, ou então... ou então, ao poder que eu possa, parte-me já o rapaz para o Brasil, ou para fóra d'aqui pelo menos, porque já não estou para ver, por causa d'elle, alguma desgraça cá na terra.

CLARA, baixo á irmã.

E lembra-te que o culpado, que tens de sentenciar, não está longe d'aqui.

JOSÉ.

Ora é preciso que se saiba, que isto não é só lembrança minha. O rapaz tem sua inclinação para a menina, porque emfim (*sorrindo*) foi geito que tomou em pequeno. — Amores antigos... Lembra-se, Sr. Reitor, que por causa d'esta, é que o rapaz nos não canta hoje missa?... porque dizia elle já então que havia de casar com a menina.

REITOR, jovial.

É verdade, — é verdade — tinha coisas o rapaz.

JOSÉ.

As vezes são coisas talhadas por Deus. O casamento e a mortalha... lá diz o rifão.

CLARA.

Nada de pensar mais tempo. (*Baixo*). Vê lá agora o que vaes fazer ; olha que tu a dizeres que não e eu a contar tudo como foi. Ouviste? (*E sem esperar resposta, vae á porta e faz signal para a sala immediata. Entram Pedro e Daniel*).

SCENA VII.

OS MESMOS, PEDRO E DANIEL.

DANIEL, dirigindo-se a Margarida.

Margarida, venho renovar um pedido, que ante-hontem lhe fiz e que já hoje lhe repeti, peço-lhe...

JOSÉ.

Ah! pois elle já...!

REITOR.

Já, já; mas cala-te. homem. (*Margarida olha para Clara, onde adivinha no rosto um ar de firmeza, que a assusta dirige-lhe ainda um gesto de supplica, Clara responde-lhe com um movimento de recusa*). Então... minha filha.

GUIDA, com voz tremula.

Que direito tenho eu de recusar uma proposta, tão... generosa. Aceito.

PEDRO.

Ainda bem. (*Daniel apodera-se da mão de Margarida que estremece, mas que depois de uma lucia intima, lhe corresponde inlevada*).

CLARA, baixo a Guida.

Então? devo pedir perdão, ou alviçaras, minha teimosa?... Ora dize-me se o que sentes agora no coração te causa grande dôr e se te obriga a querer-me muito mal, por o que fiz? (*Margarida responde-lhe, apertando-a ao seio e beijando-a*).

JOÃO SEMANA, da rua.

O' Reitor ! ó Abbade ? Orves ? O' Padre Antonio ? O' homem !

REITOR, indo á janella.

Ah ! és tu João Semana ? Sóbe.

JOÃO SEMANA.

Não subo tal ; o que tenho a contar-te não se pôde contar ahi.

REITOR.

Ah ! já vejo que ouviste tambem a historia do dia.

JOÃO SEMANA.

Ouvi, ouvi.

REITOR.

E' o mesmo. Sóbe, João Semana, sobe.

JOÃO SEMANA.

Pois com os diabos, eu subo e, se a noticia estourar ahi dentro como uma bomba, a culpa é tua.

REITOR.

Já me estou a rir da cara com que elle vae ficar.

SCENA VIII.

OS MESMOS, JOÃO SEMANA, DEPOIS JOANNA.

JOÃO SEMANA, entra, fallando, sem primeiro reparar em quem está.

Procurei-te em tua casa, em casa do José das Dornas, e não te encontrando, calculei que estarias aqui ? (*N'este momento olha em roda de si e fica immovel de admiração*). Isto que quer dizer !

REITOR.

Quer dizer que estás convidado para duas bodas.

JOÃO SEMANA.

Então, que diabo me tinham dito.

REITOR.

Ora! e tu d'essa idade ainda a engulir todas as pilulas que te impingem! R' bem feito, que tambem ás vezes as receitas de calibre de granada.

JOÃO SEMANA.

Melhor foi assim. Já vejo que não faço nada aqui, adens!

REITOR.

Demora-te, João, demora-te, que me has-de acompanhar e mais o José das Dornas em uma saude aos noivos.

JOÃO SEMANA.

Pois vá lá... ainda que saudes aos noivos feitas por velhos. . Sabes o que dizia o prior de S. Domingos...? *(falla-lhe ao ouvido.)*

REITOR.

Valha-te Deus, homem! quando te deixarás d'essas historias... *(Vendo Joanna que entra offegante).* Ahí vinha outra, ás vozes como tu...

JOÃO SEMANA.

Você que faz por aqui mulher?

JOANNA

Eu!

JOÃO SEMANA.

Esturro tenho eu hoje no arroz.

JOANNA.

Não ha de ter, se Deus quizer.

CLARA, correndo a Joanna e abraçando-a com alegria.

Fez bem em vir. A Margarida váe ser feliz. Olhe.

JOANNA, que olha e comprehendeu tudo.

Ora, sim senhor; teve juizo uma vez aquella cabeça. (*Approximando-se de Daniel.*) E então a tal sernhora que havia de mandar vir da cidade, de vestido a arrastar e não sei que mais! Olhe que esta não tem os cem mil cruzados que queria!...

DANIEL.

Mas não vale mais que todas as outras, Joanna?

JOANNA.

Boa pergunta! A fallar a verdade, não a merecia muito, não. (*Affastando-se, depois de olhar para elles ambos, com ar de contentamento, diz em voz alta.*) Não que parece que foram mesmo talhadinhos um para o outro.

REITOR, esfregando as mãos.

Nunca fiz um casamento com tanta vontade!

JOSÉ.

E fica tudo n'uma familia.

JOÃO SEMANA, resmungando.

Isso é que é o diacho; se as duas me dão agora as avenças de uma só.

PEDRO, abraçando Daniel.

Ou a noite de antes de hontem, ou o dia de hoje, irmão?

REITOR.

Agora sim; agora quando Deus me chamar a si, posso dar contas limpas aos paes d'estas raparigas. Estou certo que deixo felizes as minhas pupillas.

(*Cae o pano.*)

FIM DA COMEDIA.

Indice

I - Fernanda. Comedia.

II - As Pequellas do Sr. Reitor. Com

Index

I - Farmington, Connecticut

II - St. Paul in San Antonio, Conn.

